

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

SENAIDE WOLFART

**PROGRAMA *NOSSA TERRA, NOSSA GENTE*:
FESTAS, RÁDIO E POLÍTICA (1982-2000)**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NÍVEL: MESTRADO

SENAIDE WOLFART

**PROGRAMA *NOSSA TERRA, NOSSA GENTE*:
FESTAS, RÁDIO E POLÍTICA (1982-2000)**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
História, Poder e Práticas Sociais, da
Universidade Estadual do Oeste do
Paraná – UNIOESTE, para obtenção
do título de mestre em História.
Orientador: Prof. Dr. Marcos Nestor
Stein.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

W855p Wolfart, Senaide
 Programa *Nossa Terra, Nossa Gente*: festas, rádio e política
 (1982-2000) / Senaide Wolfart. - Marechal Cândido Rondon,
 2013.
 108 p.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Nestor Stein

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual
do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2013.

1. Programa *Nossa Terra, Nossa Gente* - Rádio Difusora -
Marechal Cândido Rondon (PR). 2. Marechal Cândido Rondon
(PR) - Festas. 3. Programa radiofônico. I. Universidade
Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 22.ed. 791.447
CIP-NBR 12899

ATA DE DEFESA

PARECER DESCRITIVO

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço aos meus pais, que sempre me auxiliaram em todos os aspectos, pelo apoio e motivação na realização do mestrado, sempre me incentivando nos estudos.

Agradeço imensamente a Daniel I. Matos pelo apoio, carinho e dedicação na colaboração para a realização desta dissertação e, principalmente, por sempre me animar. A sua ajuda foi crucial na finalização deste trabalho.

À minha querida irmã Cíntia Wolfart pelo auxílio quando eu mais precisava.

Ao meu orientador Marcos Nestor Stein, que num curto período de tempo muito contribuiu para a escrita da dissertação. Muito obrigada!

À professora Dr^a. Geni Rosa Duarte que muito me auxiliou na escrita da dissertação pelo período em que me orientou.

Ao professor Davi Félix Schreiner, à professora Méri Frotscher e ao Robson Laverdi pela leitura e avaliação e pelas críticas e contribuições que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e, principalmente, à Iraci Urnau pelo auxílio.

Aos colegas de mestrado Simone, Emeson, Lucas e Marcus pela amizade e, também, pelos momentos de descontração, tal como as idas à feirinha nas sextas-feiras.

RESUMO

O presente estudo aborda as narrativas das experiências vividas nos espaços do programa radiofônico itinerante *Nossa Terra, Nossa Gente* e das festas realizadas após a sua transmissão. O programa era transmitido aos domingos de manhã, ao vivo, pela Rádio Difusora, apresentado pelo radialista Manuel Ferreira Canabarro, o *Gauchinho*, que era, também, o principal responsável pela organização das festas realizadas, em associação com as comunidades, nas tardes de domingo, após a transmissão ao vivo pela rádio. O evento perdurou de 1982 a 2000 e acontecia no município de Marechal Cândido Rondon, onde se situa a Rádio Difusora, além dos municípios de Mercedes, Nova Santa Rosa, Quatro Pontes, Toledo, Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras, Entre Rios do Oeste, Pato Bragado, Santa Helena, Terra Roxa, Guaira e nos distritos desses municípios. Abordam-se os diversos olhares dos sujeitos presentes no programa radiofônico e nas festas, dentre participantes, organizadores e músicos. Destaca-se o papel exercido pela Rádio Difusora no cotidiano da região onde aconteciam o programa e as festas. Abarcam-se algumas questões sobre a radiodifusão na cidade de Marechal Cândido Rondon e, principalmente, os objetivos da criação e a operação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Analisa-se, também, o LP produzido pela Rádio Difusora com músicas dos cantores que se apresentavam no programa. Dentre as fontes utilizadas para a pesquisa, além das narrativas e do LP, faz-se uso de reportagens do *Frente Ampla de Notícias* e do Jornal *O Presente*.

Palavras-chave: Festas; *Nossa Terra, Nossa Gente*; Programa Radiofônico; Marechal Cândido Rondon; Rádio.

ABSTRACT

PROGRAM *NOSSA TERRA, NOSSA GENTE*: PARTIES, RADIO AND POLITICS (1982-2000)

This study approaches the narratives of lived experiences in the space of partying and traveling radio program *Nossa Terra, Nossa Gente*. The program was transmitted live on the mornings by Radio Difusora, being presented by broadcaster Manuel Ferreira Canabarro, the Gauchinho, who was also mainly responsible for organizing the parties in association with the communities that were done in the afternoon, after the live broadcast by radio program *Nossa Terra, Nossa Gente*. The event lasted from 1982 to 2000 and occurred in the municipality of Marechal Cândido Rondon, where is the Radio Difusora, apart from Mercedes, Nova Santa Rosa, Quatro Pontes, Toledo, Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras, Entre Rios do Oeste, Pato Bragado, Santa Helena, Terra Roxa, Guaíra, and the districts of these cities. Therefore, we discuss the various views of the subjects present in the radio program and at the parties, like the participants, organizers and musicians. Noteworthy is the role performed by the Radio Difusora, acting as an agent, very present in the daily region where the parties and the program were held. Therefore, discuss some issues on broadcasting in the town of Marechal Cândido Rondon, and especially, the objectives of the creation and operation of the program *Nossa Terra, Nossa Gente*. Also discussed will be the LP produced by Radio Difusora with songs of singers who presented the program. Among the sources used to research beyond the narrative and the LP, makes use of features of the Frente Ampla de Notícias newspaper and O Presente.

Keywords: Parties; City; *Nossa Terra, Nossa Gente*; Radio Program; Marechal Cândido Rondon; Radio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01. Capa do LP *Nossa Terra, Nossa Gente* 75

Figura 02. Contracapa do LP *Nossa Terra, Nossa Gente* 76

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	09
CAPÍTULO 01 – RADIODIFUSÃO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON: A RÁDIO DIFUSORA.....	16
1.1 - Rádio Difusora: Empresa de Comunicação e Política.....	19
1.2 – A criação do programa <i>Nossa Terra, Nossa Gente</i>	28
1.3 – Manuel Canabarro: as festas e o programa <i>Nossa Terra, Nossa Gente</i> ...	32
CAPÍTULO 02 - PROGRAMA <i>NOSSA TERRA, NOSSA GENTE</i> EM FESTAS..	36
2.1 – Narrativas sobre a organização das festas e do programa <i>Nossa Terra, Nossa Gente</i>	36
2.2 – A dinâmica das festas e do programa <i>Nossa Terra, Nossa Gente</i>	55
CAPÍTULO 03 - PROGRAMA <i>NOSSA TERRA, NOSSA GENTE</i>: PRODUÇÃO MUSICAL.....	72
3.1 – LP <i>Nossa Terra, Nossa Gente</i> : experiência e produção musical.....	74
3.2 – Narrativas dos músicos.....	84
3.3 – O término do programa <i>Nossa Terra, Nossa Gente</i>	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
FONTES ORAIS.....	98
FONTES ESCRITAS.....	99
FONTE SONORA.....	99
BIBLIOGRAFIA.....	100
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	102
ANEXO I.....	104
ANEXO II.....	105

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa tem por tema de análise as festas e o programa radiofônico itinerante *Nossa Terra, Nossa Gente*, realizados no município de Marechal Cândido Rondon¹ e nos municípios próximos, quais sejam: Mercedes, Nova Santa Rosa, Quatro Pontes, Toledo, Ouro Verde do Oeste, São José das Palmeiras, Entre Rios do Oeste, Pato Bragado, Santa Helena, Terra Roxa e Guaíra, bem como, nos distritos desses municípios. Esses eventos aconteceram no período compreendido entre 1982 e 2000, sempre aos domingos. O programa era apresentado e organizado pelo radialista Manuel Ferreira Canabarro, o *Gauchinho*, e transmitido pela Rádio Difusora de Marechal Cândido Rondon.

De maneira geral, a dinâmica do evento configurava-se pela realização das seguintes atividades: no período da manhã, havia o programa com a apresentação de cantores (as), duplas, trios e músicos, das 10 às 12 horas, sendo esta a única parte do evento transmitida ao vivo pela Rádio Difusora; à tarde, após o programa, realizava-se um *bingo* beneficente, cuja premiação era constituída por brindes que o comércio local doava para a festa² e, na sequência, estendiam-se as atividades sob o formato de *matinês*³ e/ou *bailes*⁴. Tudo o que era arrecadado, após descontar as despesas, era dividido entre Manuel Ferreira Canabarro e as associações nas quais eram realizados o programa e as festas.

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu durante a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em História. Tal pesquisa versou sobre o Bairro Alvorada, localizado na periferia da cidade de Marechal Cândido Rondon, no período de 1970 a 2008. Uma moradora do bairro narrou a respeito da baderna e do barulho provenientes

¹ O município de Marechal Cândido Rondon situa-se na região Extremo-Oeste paranaense, a 180 km de Foz do Iguaçu e a 596 km de Curitiba. Ao Norte faz divisa com o município de Nova Santa Rosa; a Leste com os municípios de Quatro Pontes e Toledo; ao Sul com os municípios de São José das Palmeiras, Entre Rios do Oeste e Pato Bragado; a Oeste com a República do Paraguai (nas margens do Lago de Itaipu); e a Nordeste com o município de Mercedes, compondo a Microrregião Geográfica de Toledo, tal como se pode visualizar no mapa nos anexos desta dissertação.

² No transcorrer do trabalho serão apresentadas as diferentes premiações.

³ *Matinê*: “Espetáculo, festa, sessão cinematográfica, que se realiza antes do anoitecer; vespéral” (MICHAELIS. *Matinê*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=matin%EA>>. Acesso em: 20/01/2013).

⁴ *Baile*: “Reunião festiva, cujo fim principal é a dança”. (MICHAELIS. *Baile* Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=baile>>. Acesso em: 20/01/2013).

das “Festas do Gauchinho”. Essa fala levou ao interesse em realizar um estudo sobre as tais festas.

A escolha do tema também está relacionada ao fato da pesquisadora ter passado grande parte da vida em Entre Rios do Oeste, onde sua família reside. Além de trabalharem na agricultura, também são músicos, o que fez da música algo presente em seu cotidiano, inclusive, pela formação de uma banda composta por praticamente toda a sua família. As apresentações ocorriam nas cidades vizinhas de Entre Rios do Oeste, em festas de igreja, associações, casamentos, aniversários etc. Cabe informar que quando a pesquisadora participou da banda, não chegaram a se apresentar nas festas do programa radiofônico *Nossa Terra, Nossa Gente*. Após a elaboração do TCC, em conversas com familiares, a pesquisadora descobriu que a banda se apresentou no evento.

Para a elaboração dessa dissertação, foram utilizadas dezoito entrevistas, realizadas entre 2007 e 2013. Em Marechal Cândido Rondon foram realizadas seis entrevistas, das quais, cinco foram feitas no decorrer do curso de graduação em História, para a pesquisa de TCC, que muito auxiliaram por conterem, em muitos momentos, narrativas acerca das festas e do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Essas narrativas conduziram à realização de entrevistas com o apresentador do programa radiofônico, Manuel Ferreira Canabarro, conhecido popularmente como *Gauchinho*, o qual foi entrevistado duas vezes, em 2008 e 2012.

Em Entre Rios do Oeste, foram realizadas oito entrevistas com os seguintes sujeitos: Protásio Antonio Wolfart, que se apresentou com sua banda numa das festas do programa; Márcia Leobens, cantora do programa radiofônico e integrante da banda *Os Fandangueiros*; Teilor Dressing, também membro da banda mencionada, que acompanhou o programa e as festas por cerca de quatro anos; Nelmo Leobens, pai de Márcia Leobens, que acompanhava sua família nas apresentações no programa e organizava algumas das festas realizadas no município; Pedro Lucivaldo Nunes, conhecido como *Pedrinho*, residente do bairro Paraíso, organizador de algumas festas nesse local e, também, foi integrante da banda *Os Fandangueiros*; e Ivar Luiz Brun, um dos patrocinadores do programa no município, bem como em outros lugares.

Foram também realizadas entrevistas com sujeitos de outras cidades, como Quirino Kesler e Alípio Hoelscher, residentes do município de São José das Palmeiras. Houve a necessidade de entrevistá-los em virtude das constantes referências dos depoentes de Entre Rios do Oeste a respeito de São José das Palmeiras. A partir da indicação de uma amiga, realizou-se, também, entrevista com Arlindo Pedron, da cidade

de Mercedes, organizador e participante das festas e do programa nesse município. Entrevistou-se, ainda, Alfredo Leopoldo Müller, o *Alfredinho*, residente em Sub-Sede, distrito de Santa Helena, que se apresentava no programa como membro do trio *Viana, Valadares e Alfredinho*, que gravou uma das músicas do LP *Nossa Terra, Nossa Gente*. *Alfredinho* foi quem disponibilizou o referido disco para a pesquisa, pois as cópias estão, praticamente, extintas.

As reflexões de Alessandro Portelli foram de grande valia para a pesquisa, principalmente, no que se refere ao seu livro *Forma e significado na História oral: a pesquisa como experimento de igualdade*. Segundo o autor, as próprias experiências do historiador no processo da pesquisa são relevantes, já que este faz parte da história. Além disso, a *memória* vincula-se ao “[...] social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas”⁵. Nesse sentido, a trajetória pessoal da pesquisadora contribuiu muito para a seleção de algumas das fontes orais, primeiramente, por ter residido em Entre Rios do Oeste e ter contato com muitos depoentes através de familiares. E, em outro momento, sua trajetória acadêmica, com as diversas referências ao programa *Nossa Terra, Nossa Gente* nos depoimentos utilizados para a elaboração do TCC, que conduziu à realização da presente pesquisa.

A análise das narrativas orais de sujeitos constituintes das festas e do programa radiofônico, principalmente no que se remete à dinâmica do evento, é o ponto de maior destaque desse trabalho. Dessa maneira, cabe citar novamente Portelli:

A história oral não tem um sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. ‘Parcialidade’ aqui permanece simultaneamente como ‘inconclusa’ e como ‘tomar partido’: a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os ‘lados’ existem dentro do contador. E não importa o que suas histórias e crenças pessoais possam ser, historiadores e ‘fontes’ estão dificilmente do mesmo ‘lado’. A confrontação de suas diferentes parcialidades – confrontação como ‘conflito’ e confrontação como ‘busca da unidade’ – é uma das coisas que faz a história oral interessante.⁶

Ademais, a pesquisa se fez relacionada a várias questões que permeiam esse tipo de programa juntamente com as festas. Assim, busca-se, também, compreender quais os motivos da criação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, na concepção de Elio

⁵ PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História oral: A pesquisa como experimento de igualdade*. Projeto História. São Paulo, PUC/ SP, n.º. 14, 1997.

⁶ *Ibidem*.

Winter, na época, proprietário da Rádio Difusora, bem como de Manuel Ferreira Canabarro.

De acordo com depoimentos de sujeitos participantes das festas e do programa, esses eventos chegavam a reunir de 500 a 2000 pessoas no mesmo local. Segundo Canabarro, era de “[...] encher pavilhão [...]”⁷. Tal cálculo estava atribuído ao sucesso “visível” e à quantidade de cerveja vendida. Esse sucesso se devia também à divulgação feita pela Rádio Difusora durante toda a semana⁸, e, em alguns casos, em até um mês antes da realização do programa.

Geralmente, o programa *Nossa Terra, Nossa Gente* e as festas eram realizados em pavilhões das associações de moradores ou da Igreja Católica, já que em muitos casos não havia local adequado, pois um dos objetivos do evento, segundo depoentes, era angariar fundos para diversas obras no local de realização do programa. Nesse sentido, considerando que os eventos reuniam diferentes grupos em um mesmo espaço, esta análise aborda, também, o modo como os *espaços* são construídos, narrados e controlados.

Para Michel De Certeau, “[...] *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”⁹. Na perspectiva apresentada por Certeau, pode-se afirmar que tais espaços de divertimentos, onde eram realizadas as festas e o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, tornavam-se *lugares praticados*.

As participações de sujeitos de diversas localidades nas mais distintas comunidades e bairros mostram não apenas o sucesso do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* e das festas, mas permitem, também, perceber aspectos socioculturais das localidades situadas na região Oeste do Paraná, onde aconteciam os programas.

Segundo o geógrafo e urbanista Marcel Roncayolo:

A territorialidade não pode ser dissociada das próprias instituições: família, aldeia, comunidade. Os limites físicos do território assumem valor pelo fato de abrangerem espaço e sentimento de pertença, pelo que o interno e o externo se distinguem. Antes de se exprimir pela

⁷ CANABARRO, Manuel Ferreira. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon no dia 22/02/2008.

⁸ Ressalta-se que existem poucas referências às festas do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* no noticiário *Frente Ampla de Notícias*, algo afirmado até mesmo pelos funcionários da Rádio, quando questionados sobre o fato. Portanto, tal divulgação poderia ter sido feita através de anúncios ao longo de programas diversos, como recados, chamadas.

⁹ CERTEAU, Michel De. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 202.

ligação a um determinado lugar, a territorialidade é fundamentalmente uma relação entre homens.¹⁰

Portanto, não se pode compreender a territorialidade apenas como uma determinação física, mas como algo construído social e culturalmente. Nesse sentido, e diante da grande quantidade de lugares onde o programa e as festas eram realizados, vale ressaltar que neste trabalho não se buscou fazer uma análise detalhada de cada lugar ou dos municípios onde o evento era realizado. Buscou-se perceber as formas como os depoentes, em suas narrativas, apresentam as especificidades de cada localidade e as dinâmicas que envolviam a realização do evento, já que muitos deles circulavam entre diferentes localidades.

Ao se tratar do programa radiofônico *Nossa Terra, Nossa Gente*, visualizou-se que o mesmo extrapola o universo do estúdio ao ir ao encontro das pessoas, que deixam de serem apenas ouvintes para também fazer parte da programação. Diante disso, neste trabalho, compreende-se a Rádio Difusora não somente como meio de comunicação, mas como um instrumento criador de espaços de sociabilidades, que envolvem aspectos ligados ao lazer, à economia e à política. Através das fontes, é possível visualizar que, desde a sua implantação, a Rádio Difusora é um instrumento de projeção de determinados grupos políticos. Assim, esta pesquisa problematiza, ainda, os objetivos políticos presentes na criação do programa.

A respeito das fontes, a Rádio Difusora possui um acervo de dois programas transcritos, a saber: *Panorama* e *Frente Ampla de Notícias*. Quanto ao programa radiofônico *Nossa Terra, Nossa Gente*, não há transcrições na emissora. Dessa forma, utilizou-se o programa *Frente Ampla de Notícias*, o qual apresenta notícias sobre os acontecimentos da região de Marechal Cândido Rondon e de cidades limítrofes, abarcando inclusive Foz do Iguaçu e Paraguai. O programa *Frente Ampla de Notícias* iniciou na década de 1960 e existe até hoje, contudo, na análise focou-se apenas o período correspondente à existência do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*.

Outra fonte utilizada para a pesquisa é o livro *Mídia e Memória*¹¹, de Ana Wilmsen e Maria Cristina Kunzler. As jornalistas apresentam informações pertinentes sobre a Rádio Difusora, sua concessão, seu fundador, proprietários e os seus diretores, Arlindo Alberto Lamb e Elio Winter, respectivamente, fundador e ex-diretor da rádio.

¹⁰ RONCAYOLO, Marcel. "Região". In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 8. Lisboa. Imprensa Nacional, 1986.

¹¹ WILMSEN, Ana Paula; KUNZLER, Maria Cristina. *Mídia e Memória*: estórias dos veículos de comunicação do município de Marechal Cândido Rondon contadas por seus protagonistas. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, 2006.

Muito embora as autoras apresentem informações importantes, a postura que assumem busca “heroicizar” os “protagonistas” da história dos meios de comunicação de Marechal Cândido Rondon.

A análise das fontes fundamenta-se na obra de Roger Chartier. Segundo este autor, deve-se compreender como determinada realidade é dada a ver, pois as fontes não são portadoras de verdades absolutas, mas interpretações das ações humanas. Ou seja, não existem *práticas* ou estruturas que não sejam fruto de como os indivíduos e os grupos representam seu mundo.¹²

Um ponto importante para a compreensão dessas questões é o discurso que está inserido nas *representações*. De acordo com Chartier, a designação de uma *representação* é apropriada pelo indivíduo ou grupo para constituir a *representação* de si e dos outros. Nesse ponto, podem-se considerar as *representações* ligadas às *práticas* como apropriações de grupos e indivíduos que lhes dão outros sentidos e compõem, assim, sua *representação* do mundo social.¹³

Levando em conta as diferentes *representações* do mundo social, percebem-se, ao longo da pesquisa, inúmeras referências ao termo comunidade como algo partilhado por todos, no qual os participantes das festas e do programa estariam em uníssono em prol da comunidade. Nesse sentido, as concepções de Raphael Samuel se tornam bastante pertinentes, ao considerar que a comunidade como uma entidade homogênea, onde todos partilham de interesses comuns, é “[...] uma ficção conveniente [...]”¹⁴. Assim, o historiador deve ter em mente as diferentes configurações dos espaços onde grupos e indivíduos estão inseridos, pois mesmo que em determinados momentos partilhem de um “bem comum”, deve-se problematizar que se constituem, também, perspectivas diversas.

Assim, estruturalmente, essa dissertação apresenta-se dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, *Radiodifusão em Marechal Cândido Rondon: a Rádio Difusora*, aborda-se a constituição da Rádio Difusora, ressaltando o seu processo de concessão e sua vinculação política até a criação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Abordam-se, também, os objetivos do programa a partir da narrativa de seus idealizadores:

¹² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Editora Bertrand Brasil, 1990.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ SAMUEL, Raphael. *História local e história oral*. Rev. Bras. de Hist. São Paulo, v.9nº19, pp. 219-243. set.89/fev.1990.

Gauchinho e Elio Winter. Além disso, a análise aborda discursos presentes no Jornal *O Presente* e no livro *Mídia e Memória*.

No segundo capítulo, intitulado *Programa Nossa Terra, Nossa Gente em Festas*, aborda-se as dinâmicas das festas, nos diferentes lugares de sua realização, bem como as *táticas* utilizadas por Manuel Canabarro, enquanto apresentador e organizador do evento. Para isso utilizam-se como fontes os depoimentos orais e também as reportagens do programa *Frente Ampla de Notícias*, da Rádio Difusora.

No terceiro capítulo, *Programa Nossa Terra, Nossa Gente: Produção Musical*, como o próprio título sugere, analisa-se como a produção musical constituiu-se num importante elemento do programa. Apontam-se os estilos musicais de cantores, duplas, trios e conjuntos musicais. A análise focaliza depoimentos orais de músicos e o LP intitulado *Nossa Terra, Nossa Gente*, produzido por Manuel Canabarro e gravado nos estúdios da Rádio Difusora. Por fim, analisam-se as interpretações de participantes/ouvintes sobre o fim do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*.

CAPÍTULO I

RADIODIFUSÃO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON: A RÁDIO DIFUSORA

A denominação *Nossa Terra, Nossa Gente* compõe significados e interesses múltiplos, seja para os participantes, para os músicos ou demais pessoas envolvidas na realização das festas e do programa. Nesse sentido, neste capítulo, apresentam-se aspectos referentes à configuração da Rádio Difusora, responsável pela criação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, e às concepções dos seus idealizadores acerca do programa.

No programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, a Rádio Difusora inseriu elementos com os quais os ouvintes se identificavam, como se pode notar na própria nomenclatura do programa, voltada a uma “sociedade de iguais”¹⁵, tal como pontua Beatriz Sarlo. Sob essa perspectiva, os estudos de Sarlo auxiliam-nos a compreender as maneiras como a programação das mídias, em geral, direciona-se ao consumo, relacionando as próprias experiências dos indivíduos à sua programação.

A Rádio Difusora, desde sua fundação, em 1966, criou programas voltados aos ouvintes de áreas rurais, os quais, desde o despertar do dia, acompanham a programação. Acerca desses ouvintes e das programações da Rádio Difusora, a geógrafa Marli Terezinha Szumilo Schlosser¹⁶ afirma que:

[...] são criados e recriados espaços com o objetivo de atrair o público. Assim, temos programas como “Na Fazenda do Nhô Zeca” que inicia às 5 horas da manhã, horário em que os agricultores acordam e se preparam para mais um dia de trabalho. A rotina matinal do agricultor inicia-se com o fogão a lenha para aquecer a água usada para o chimarrão, e, enquanto tomam seu café, ouvem a programação de rádio.¹⁷

¹⁵ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

¹⁶ SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo. *Nas Ondas do Rádio: A viabilização da Modernização Agrícola o Oeste do Paraná. (1960-1980)*. 2001. 236 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, 2001. Schlosser apresenta elementos importantes sobre o papel da mídia e sua correlação política na constituição da cidade de Marechal Cândido Rondon. A autora discute sobre os meios de comunicação e seus discursos voltados para os agricultores, utilizando como fontes as reportagens jornalísticas da Rádio Difusora do Paraná.

¹⁷ *Ibidem*, p. 19-20.

Referindo-se às décadas de 1960 e 1980, Schlosser expõe que o aparelho de rádio possuía uma posição de grande destaque no espaço da casa de algumas famílias, de modo que não se configurava apenas como um objeto, mas como um espaço específico e de grande relevância.¹⁸

Teria essa “herança” das programações anteriores da Rádio Difusora constituído um “chão” para a concepção do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, fundamentado na expressão *nossa terra, da nossa gente*? Cabe questionar: que *terra* é essa? Quem faz parte do pronome *nossa*? Seria a terra conquistada com muito trabalho pelos colonizadores, deixando invisíveis outros sujeitos – tais como os trabalhadores assalariados, os saqueiros (ensacadores da Copagril) ou os pequenos agricultores?

Um dos objetivos da criação do programa constantemente mencionado pelos depoentes, sejam os idealizadores ou participantes, consistia na busca pela interação entre as comunidades. Nesse sentido, cabe questionar: será que tal objetivo almejava unir a *nossa gente*?

Evidentemente havia grande diversidade de sujeitos no programa e nas festas, tais como: descendentes de alemães, italianos, poloneses, muitos vindos do sul, do norte e do nordeste do país, além de sujeitos oriundos do Paraguai. Nesse sentido, torna-se relevante problematizar o porquê de um sujeito chamado *Gauchinho* apresentar um programa voltado à *nossa gente*, bem como apresentar a trajetória de vida de Manuel Canabarro.

Segundo Canabarro, sua contratação pela Rádio Difusora ocorreu em 1967, em virtude da falta de radialistas na região de Marechal Cândido Rondon. O depoente expôs, também, suas experiências profissionais ao lado de Antonio Maximiliano Ceretta, seu conterrâneo do Rio Grande do Sul e primeiro diretor geral da Rádio Difusora, que o convidou para trabalhar na mesma rádio.¹⁹

A respeito dos programas apresentados por Canabarro, destaca-se o *Nossa Terra, Nossa Gente*, que estreou em 1982, além de outros como: *Voz do Agricultor*, *Terra Tombada* e *Chapéu de Palha*. Com exceção desse último, os outros estão atualmente fora do ar. Tais programas privilegiavam músicas do estilo *sertanejo*²⁰ e,

¹⁸ Ibidem, p. 20.

¹⁹ CANABARRO, 2008.

²⁰ Em muitos casos os depoentes referenciam como *música caipira* ou *sertanejo raiz*. “Os termos *caipira* e *sertanejo(a)* assumiram significados diferentes no tempo, especialmente quando adjetivavam o substantivo *música*. Ainda hoje se usa a expressão *música sertaneja* para identificar determinados cantores que cantam, geralmente, em dupla, e cujas vestimentas fazem alguma referência ao mundo rural - estilização do *cowboy* ou do fazendeiro americano. Chega-se a usar a expressão *sertanejo-pop*, uma vez

também, as *marchinhas alemãs*²¹ e eram voltados para a valorização do agricultor, ao trabalho no campo.

Nesse contexto, Manuel Canabarro relata sobre a origem do próprio apelido:

Ah! Gauchinho então vamos fala. [...] Quando eu vim pra Marechal Rondon, então, criou-se o programa *Rancho Alegre* na rádio Difusora do Paraná, às cinco horas da tarde. Era Zé do Morro, Caboclinho e Gauchinho [...] E aí fomo, até virei artista, até gravamos um CD na Sonarte de Curitiba. [...] Era um compacto de quatro músicas, eu canto duas músicas naquele compacto.²²

O apelido *Gauchinho* originou-se de um dos primeiros programas que Canabarro apresentou na Difusora em conjunto com outros radialistas, o programa *Rancho Alegre*. A ideia vinculada na fala de Gauchinho quanto a ter “virado artista” se relaciona ao fato de ter gravado músicas em um LP, na época em que apresentou o programa.

Antes da criação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente, Gauchinho* já estava trabalhando na Difusora há quase quinze anos, tempo suficiente para compreender a estrutura da rádio e sua programação, em grande parte voltada ao agricultor. Assim, para compreender as razões para a criação de um programa de auditório itinerante, discutido mais adiante, visualizam-se, primeiramente, alguns aspectos pertinentes à Rádio Difusora, para compreender em que contexto se deu a concepção do *Nossa Terra, Nossa Gente*.

que suas gravações incorporam guitarras e sonoridades mais ‘globalizadas’, com letras passionais”. (DUARTE, Geni Rosa. *Múltiplas vozes no ar: O rádio em SP nos anos 30 e 40*. 2000. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000, p. 207.).

²¹ “MARCHINHAS OU MARCHAS: possuem espírito alegre e brilhante. A marcha foi, originariamente, um gênero musical destinado a acompanhar a movimentação de grupos humanos, sobretudo militares, tocada por instrumentos de sopro e percussão. Segundo Sardinha, no século XIX, as bandas militares foram os seus principais intérpretes, passando depois às bandas civis ou filarmônicas, certamente por influência dos seus maestros que quase sempre acumulavam cargos de direção em ambos. Possui característico compasso quaternário”. (NASR, Michelle Fonseca. *A música pomerana capixaba: a festa e casamento e outras reflexões*. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 06. Ano VI. nº. 04. p. 12. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF21/ARTIGO_11_Michelle_Fonseca_Nasr.pdf>. Acesso: 17/11/2012.).

²² CANABARRO, Manuel Ferreira. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon, dia 18/08/2012.

1.1 – Rádio Difusora: Empresa de Comunicação e Política

A historiadora Iraci Urnau apresenta informações sobre o primeiro meio de comunicação de Marechal Cândido Rondon (que na época se chamava Vila General Rondon)²³, como a que segue:

No início da colonização, o único meio de comunicação da cidade era o Serviço de Alto-Falante Guarany, de propriedade do comerciante Olavo Sehn, através do qual eram divulgadas as principais notícias do município. Segundo Arlindo Alberto Lamb, ele funcionava geralmente duas vezes por dia e quando tinha alguma notícia extraordinária para divulgar.²⁴

Em relação ao serviço de alto-falante na cidade de Marechal Cândido Rondon, Urnau enfatiza que foi uma maneira de se divulgar notícias do lugar. Esse meio de comunicação funcionou até 1963, cerca de três anos antes da concessão da primeira rádio do município, a Rádio Difusora, a Arlindo Alberto Lamb.²⁵

Esse contexto contribuiu para uma representação “heroicizada” de Arlindo Alberto Lamb, por sua iniciativa em criar Rádio Difusora. Pode-se perceber tal representação no livro “*Mídia e Memória: estórias dos veículos de comunicação do município de Marechal Cândido Rondon contadas por seus protagonistas*”, das jornalistas Ana Paula Wilmsen e Maria Cristina Kunzler. Conforme as autoras,

[...] no início da década de 1960 não existia no município nenhum veículo de comunicação como jornal ou rádio. Havia um tempo antes, um serviço de alto-falantes que funcionou precariamente. Fazia falta algum meio de comunicação porque, quando era necessário, as pessoas tinham que recorrer ao município vizinho de Toledo, que na década de 50 já dispunha de uma rádio de 250 Watts. Mesmo que de forma precária, as pessoas conseguiam sintonizar a rádio toledana.²⁶

²³ Sobre os meios de comunicação da cidade de Marechal Cândido Rondon, visualizamos atualmente: Rádio Atlântida FM 94,1²³; Rádio *Difusora*²³ FM 95,1²³; Rádio Comunitária Marechal FM 107,9²³; Rádio Educadora AM 630²³ e Rádio *Difusora* AM 970. Quanto aos demais veículos de comunicação, há a televisão (a cabo) Televiso TV a Cabo LTDA e a TV Rondon (Canal 10). Quanto aos jornais temos: O Presente e O Jornal; e, dentre as revistas existentes, estão: Região; Conceito em Revista; Life; Revista Ímpar!; Revista DH.

²⁴ URNAU, Iraci M. W. *Autoritarismo, Rádio e a Idéia de Nação (1985-1992)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, p.137.

²⁵ Arlindo Alberto Lamb é natural de Lajeado, no Rio Grande do Sul, empresário, tornou-se vereador de Toledo pelo PTB em 1956 e, em 1961, foi eleito prefeito de Marechal Cândido Rondon, sendo um dos fundadores da Rádio Difusora Rondon Ltda. (Cf.: URNAU, op. cit.).

²⁶ WILMSEN; KUNZLER, op. cit., p. 22.

As jornalistas constroem uma representação sobre a história dos meios de comunicação na cidade de Marechal Cândido Rondon, caracterizando o alto-falante como algo precário e limitado. Representam Arlindo Lamb como principal protagonista da história de Marechal Cândido Rondon, que não mediu esforços para a implantação, em 1966, da Rádio Difusora, a “primeira da cidade”, inicialmente denominada *Rádio Sociedade Difusora Rondon*.

Lamb decidiu, durante a época em que era prefeito, ir para o Rio de Janeiro, no Contel, se informar sobre a possibilidade de constituir uma rádio no município. Ao chegar no Conselho, apresentou a carteira de prefeito e disse que estava interessado em conseguir uma emissora de rádio para Marechal Rondon. O pessoal da Contel olhou no mapa e viu que o município ficava na divisa com o Paraguai, na faixa de fronteira de 60 quilômetros, considerada área de segurança.²⁷

Wilmsen e Kunzler enfatizam a atuação de Arlindo Lamb e sua trajetória junto ao Conselho Nacional de Telecomunicações (CONTEL), órgão expedidor de licença para emissoras de rádio. As autoras destacam que sob a vigência do Regime Militar, um dos primeiros obstáculos para a concessão deu pela cidade estar na área de segurança nacional²⁸, uma vez que fazia fronteira com o Paraguai.²⁹

As autoras realçam que no instante em que Lamb procurou o Contel³⁰ para apurar os trâmites legais da concessão, exigiu-se a participação de um general no processo, pois não eram permitidas empresas individuais na faixa de segurança nacional³¹. E, conforme as jornalistas, “[...] a situação da emissora poderia ficar ainda mais complicada por que os sócios eram do PTB [Partido Trabalhista Brasileiro], e o

²⁷ Ibidem, p. 22.

²⁸ A Doutrina de Segurança Nacional era uma concepção doutrinária, ideológica utilizada pelo Estado, atuando frente às suspeitas de organizações comunistas. O Estado decidia quais cargos seriam nomeados, ficando tudo sob a autoridade do regime. Segundo Iraci Urnau: “Para a doutrina de Segurança Nacional, o inimigo agia no plano psicológico, a guerra era realizada no plano das ideias, onde escolhiam como campo de batalha os sindicatos, a universidade, os meios de comunicação e a Igreja. Por conta disso, os militares, acreditavam que era necessário utilizar a repressão e o controle, e assim, destruírem o comunismo internacional. Dessa forma, observa-se a importância dos serviços de informação, que conta com a elite das forças armadas, dedicados à informação”. (URNAU, op. cit., p. 23-30).

²⁹ WILMSEN; KUNZLER, op. cit., p. 22-24.

³⁰ “Em 1963, conforme o decreto 52.026, que regulamenta o Código Brasileiro de Telecomunicações, o **Conselho Nacional de Telecomunicações - Contel** - entre outras atribuições, passou a ser o órgão responsável pela fiscalização, aplicação de sanções, renovações, expansão e organização dos serviços de permissão e concessão de canais de rádio e TV, isto é, o Contel era o responsável pelo aval técnico (disponibilidade no espectro, potência). Com o aval favorável, o presidente da República concede ou não a outorga. SIMIS, Anita. *A legislação sobre as concessões na radiodifusão*. UNIREVISTA - Vol. 1, nº 3: (julho 2006). Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIREV_Simis.PDF>. Acesso: 28/12/2012. [Grifos nossos].

³¹ WILMSEN; KUNZLER, op. cit., p. 22.

governo que havia sido derrubado era justamente do mesmo partido”³². Assim, ser membro do referido partido político dificultava seus planos.

[...] No entanto, o funcionário do Contel garantiu que isso não seria problema e indicou a Arlindo Lamb um General da reserva. Lamb pegou o endereço e foi procurar o General Aloísio Condin Guimarães [...]. O General se dispôs a ajudar, mas exigiu uma participação na firma. O que foi aceito.³³

De acordo com as autoras, o referido general tinha uma amiga que trabalhava como secretária no Contel e estava colaborando com o processo de concessão da rádio. O General pediu à Lamb que presenteasse a secretária em agradecimento aos serviços prestados, e, assim, presenteou-a com um anel de brilhantes. Lamb “ofereceu”, ainda, um jantar para comemorar a concessão da rádio, servindo também como “sinal de gratidão” aos mais de 60 funcionários do Contel, no ano de 1966.³⁴

Tais aspectos mostram a forma encontrada por Lamb para obter a concessão da rádio, ou seja, embora a análise da solicitação para a concessão fosse uma função dos funcionários públicos, ainda assim, o solicitante precisou pagar o jantar e dar um presente para a secretária. Trata-se, portanto, de um caso ocorrido durante o regime militar brasileiro em que o agente público usurpa o agente privado.

O livro, ao falar sobre a dimensão dos esforços de Arlindo Lamb, afirma que “[...] na volta, sequer pôde tomar um café”³⁵. Tamanho o “esforço” em conseguir a concessão, e que foi “[...] recebido em Marechal Rondon com fogos de artifício e festa”³⁶. A obra menciona a não vinculação política de Lamb na concessão da rádio, o que pode ser questionado, pois os trâmites da concessão iniciaram no período em que Lamb era prefeito da cidade. Além disso, a concessão da rádio também se fundamentava numa empreitada de Lamb enquanto empresário, o que não é citado pelas autoras, que tratam a questão de maneira altruísta.

Manuel Canabarro, o *Gauchinho*, radialista da Difusora, descreve a situação de instabilidade da Difusora durante os primeiros anos de funcionamento.

Comecei a trabalhar em Marechal Rondon, fiquei três anos, começou e parou, e depois quando ajeitou o diretor aí, que era Arlindo Lamb, que era proprietário de uma empresa de ônibus, diretor proprietário da rádio, ele ajeitou, é, junto com as autoridades competentes e

³² Ibidem, p. 24.

³³ Ibidem, p. 24.

³⁴ Ibidem, p. 24-25.

³⁵ Ibidem, p. 25.

³⁶ Ibidem, p. 25.

colocaram a rádio em funcionamento, três anos e foi naquele balé, funciona, não funciona.³⁷

Gauchinho expõe em poucas palavras a situação da rádio em um período de vigência do AI-5, que estabelecia rígida censura aos meios de comunicação. Para a historiadora Iraci Urnau, os canais de radiodifusão são concessões do estado a empresas privadas, sendo “[...] difícil a qualquer empresa de radiodifusão desvincular-se da proteção estatal, uma vez que a criação necessita de uma permissão prévia”.³⁸

Uma das primeiras decisões de Lamb, depois de adquirida a Rádio Difusora, foi convidar Antonio Maximiliano Ceretta para ser diretor da rádio, considerando que Ceretta já atuava como radialista no Rio Grande do Sul e que, também, seria parceiro político de Lamb³⁹. Segundo entrevistas realizadas com Lamb pelas autoras de *Mídia e Memória*, Ceretta possuía certa prática na área do rádio para ser diretor, além de que, a Rádio Difusora necessitava de alguém que pudesse “guiá-la” no dia a dia.⁴⁰

Antonio Maximiliano Ceretta, a convite de Lamb, ingressa na Rádio Difusora e foi o responsável pela contratação de Manuel Canabarro na Rádio, em 1967. A respeito da sua contratação, *Gauchinho* comenta:

Olha, eu vim trazido pra cá por um gerente, chamava-se Antonio Maximiliano Ceretta, que era o diretor de uma rádio de Três Passos, no Rio Grande do Sul, e lá ele já conhecia o meu trabalho porque as rádio de lá no Rio Grande tinha muito intercâmbio uma com as outras, e ele sabia que eu trabalhava na rádio lá e que eu entendia. Então pra colocar uma rádio funcionar, precisava ter pessoas que já tinham um pouco de entendimento, pra começar a funcionar, se ninguém não soubesse nada seria impossível, né? Então ele me trouxe pra cá. A rádio de Marechal Cândido Rondon, a primeira rádio levou três anos, mas era muito difícil! É isso hoje é fácil colocar rádio, ajeitar a documentação, mas naquele tempo meu, era tempo do, do militarismo, precisou, levou três anos, e eu me vi com a viola em caco em Marechal Rondon.⁴¹

Gauchinho narra as dificuldades que enfrentou em virtude do Regime Militar e, também, como foi a sua chegada a Marechal Cândido Rondon. No entanto, na entrevista concedida em 2008 à autora desta dissertação, quando narra sobre a Ditadura Militar, referenciando-a como “época do militarismo”, silencia sobre alguns aspectos. Em 2012, foi realizada mais uma entrevista com ele. Buscou-se aprofundar algumas questões

³⁷ CANABARRO, 2008.

³⁸ URNAU, op. cit., p. 131.

³⁹ WILMSEN; KUNZLER, op. cit. p. 23.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ CANABARRO, 2008.

citadas por ele na entrevista anterior, tal como o seu trabalho na Rádio no período da Ditadura Militar. Nota-se, em seu depoimento mais recente, uma narrativa mais clara a respeito do assunto:

É, aquele tempo então funcionava a emissora de rádio, tudo tinha censura, no setor de gravações, de programação, apresentação, toda a programação era gravada, e enviada pra Foz do Iguaçu, na Censura então eles manejavam o funcionamento da parte musical, das emissoras, isso foi um tempo, e depois mudou! Hoje fico mais livre, fico mais à vontade. [...] A censura é sobre... sobre a censura do... militarismo, como você mesmo falou. A censura ainda não tinha acabado totalmente, então, se gravava, a, as músicas, tinha músicas que não poderia ir pro ar, não podia ir pro ar porque era censurado, então são músicas, que [...] só música que o governo de então permitia, então iria pro ar, senão, senão ela era, a censura não aprovava e não podia rodar a parte musical por exemplo, depende, [...] da entrevista, o que o cidadão gravava, tinha que ser gravado os programa para a censura aprovar primeiro a gravação, senão era censurado. [...] Muita música que hoje, se voltasse a censura, hoje seriam uns 10/20% das músicas censurada. [...] Música antifamília, música com palavrão, música que [...] tocava a lenha no governo, música assim, é bastante desadequada, ela não era, ela não era aceita. Então a censura, não, não deixava rodar esse tipo de música. Por isso que havia censura pra toda a programação, era difícil de trabalhar, mas nós acostumamos dessa maneira, aí, tudo funcionava bem.⁴²

Canabarro destaca a censura dos conteúdos feita pelos órgãos de segurança do governo militar. Neste controle, a programação devia ser gravada para a devida fiscalização antes de ir ao ar. Nesse sentido, Canabarro lembra que a censura dificultava o trabalho na rádio, mas que se acostumou.

Em 1974, a Rádio Difusora é repassada a Elio Winter, segundo proprietário e diretor. Segundo o livro *Mídia e Memória*:

Elio Winter se orgulha em afirmar que no seu tempo a rádio nunca se intimidou com nada e com ninguém, e não foram poucas as ameaças de morte e sequestro – a emissora até sofreu uma invasão armada nos estúdios. Na época mais dura da Ditadura Militar, ele era constantemente interrogado pela Polícia Federal de Foz do Iguaçu e Guaíra. Às vezes, era convocado para ir a Foz ou Guaíra, outras vezes ou policiais iam até o rádio e queriam saber por que ele havia comentado ou noticiado determinados fatos.⁴³

O livro, além de destacar seus protagonistas, apresenta aspectos relacionados à tensão e à repressão sofrida pela Rádio e à negociação de Elio Winter com as

⁴² CANABARRO, 2012.

⁴³ WILMSEN; KUNZLER, op. cit., p. 30.

autoridades durante a Ditadura Militar – elementos que levam à reflexão sobre uma possível mudança de postura da Rádio quando a direção passou de Arlindo Lamb para Elio Winter. Contudo, o livro não apresenta outros sujeitos, como os próprios funcionários da Rádio, a exemplo de Manuel Canabarro. As jornalistas também não levam em conta outro fator importante, a saber, que o trabalho exercido pela Rádio transcende a propagação de “simples” informações, assumindo posturas e alianças políticas, presentes, inclusive, na maneira como se produz e divulga determinada notícia.

Quanto ao repasse da Rádio para Elio Winter, isso ocorreu durante o seguinte contexto:

[...] Em 1974 houve uma disputa política local muito forte entre os candidatos a deputado estadual Levi Martins Gomes e Werner Wanderer, envolvendo a Rádio Difusora, inclusive com denúncias junto ao então órgão regulador – Departamento Nacional de Telecomunicações [Dentel]. Havia séria ameaça de cassação da concessão da rádio pela Ditadura Militar e o grupo político de Arlindo Lamb se reuniu para retomar o controle da linha editorial da Rádio Difusora, cuja direção estava vaga. Elio Winter, economista e genro de Lamb, assumiu em 1º de setembro de 1974, demitindo sete dos 14 funcionários e renovando toda a equipe, comprando novos equipamentos, treinando os recursos humanos, dinamizando a programação e reposicionando a emissora como um veículo importante de comunicação e formação.⁴⁴

Lamb abdicou da Rádio em razão das pressões provocadas, como as denúncias feitas ao Dentel. Além disso, Lamb passou o cargo de diretor da Difusora a Winter por confiar nas habilidades do genro no ramo das comunicações. Após isso, em 1974, a Difusora mudou seu quadro de funcionários, buscando maior lucratividade, adquiriu novos equipamentos, bem como ampliou a frequência para atingir maior número de ouvintes.

Em 1994, a rádio foi vendida. Sobre isso, o jornal *O Presente* apresentou a seguinte matéria:

Tudo começou como uma brincadeira

O jornalista e empresário Elio Edvino Winter, que por 20 anos esteve à frente da Rádio Difusora, diz que o negócio da venda da emissora começou com uma brincadeira, em comentários com colegas do setor. No decorrer dos últimos meses a transação foi tomando corpo e acabou se concretizando.

⁴⁴ Ibidem, p. 28.

Se dizendo um jornalista por vocação, Elio Winter acredita que nunca sairá completamente do mundo das comunicações, mas que deverá se dedicar neste ano mais aos seus negócios já em andamento', dentre eles um loteamento na capital, Curitiba.

Ao comentar sobre ter desistido de seu futuro político ou **ter vendido sua identidade junto com a rádio, o empresário diz que não precisaria da rádio como muleta para uma eventual candidatura política**. 'Não depois de mais de 30 anos de trabalho e envolvimento com os mais diversos setores do município', diz ele. 'Acho até que agora a **comunidade** vai poder me avaliar melhor. Talvez eu tenha que me esforçar um pouco para mostrar que a capacidade do Elio transcende a Rádio Difusora', completa ele.⁴⁵

O processo de venda da Rádio tardou a ocorrer, todavia, as especulações eram apontadas pelo jornal *O Presente* muito antes de um pronunciamento claro a respeito. A Rádio Difusora foi comprada por Alcides Waldow, que estava à frente da negociação, junto de seu sócio, Dilceu Sperafico.⁴⁶

Em relação ao motivo da venda da Rádio Difusora por Elio Winter, o jornal afirma que:

O motivo que fez Elio Winter querer vender a rádio foi o desgosto pela política rondonense. Com a decisão, Alcides Waldow, que já era um empresário bem-sucedido na área agropecuária, imobiliária e de comércio de caminhões, formou um grupo encabeçado por ele e por mais 20 pessoas, algumas ligadas ao PMDB, que compraram a rádio [...].⁴⁷

A reportagem segue com mais detalhes:

O início de uma nova era.

Depois de quase trinta anos de existência sob a égide de um grupo e de uma linha comercial e editorial, a rádio Difusora do Paraná de Marechal Cândido Rondon passou a partir desta semana a ter não só novos proprietários, mas certamente será totalmente reformulada a sua linha de atuação.

A concretização do negócio de venda da emissora, suas instalações físicas e o prédio, torres e etc. envolveu valores que oscilam entre 1 e 2 milhões de dólares, segundo os comentários reinantes na cidade. Nenhum dos envolvidos no negócio, contudo, quer falar em valores, pelo menos oficialmente. Não falar de valores faz parte do acordo que fizemos', disse o atual diretor geral e sócio majoritário Alcides Waldow. **'A rádio foi vendida por menos do que eu acho que ela vale', disse o ex-diretor Elio Edvino Winter.**

O fato é que o negócio 'que começou como uma brincadeira', segundo Elio Winter, levou cerca de 4 meses para se concretizar, teve um sócio quase certo descartado na última hora e contou com o intermédio do

⁴⁵ Jornal *O Presente*. Ano II – n°. 120 – 11/03/1994. [Grifos nossos].

⁴⁶ URNAU, op. cit., p. 140.

⁴⁷ Jornal *O Presente*. Ano II – n°. 120 – 11/03/1994.

suplente de vereador do PDT, Ariovaldo Luís Bier, irmão do prefeito Ademir.

Segundo Alcides Waldow, a princípio os quadros administrativo e funcional de emissora deverão permanecer. **‘Os funcionários e profissionais que estavam atuando na emissora terão um prazo, aproximadamente 30 dias, para nos adaptarmos. Todos continuam na ativa até provar em contrário’, afirma o diretor geral.** O otimismo e a perspectiva de melhorias, aliadas a um substancial aumento no faturamento são expectativas iniciais.

‘Esta rádio não será uma CRA nem uma CRP [Coligações Partidárias]. **Será a rádio Difusora. Vai reinar a paz em Marechal Rondon. Os ouvintes vão ver que a cidade ficará bem melhor’.**

‘A partir de agora a emissora vai adotar uma linha de não machucar mais ninguém, nossa intenção agora é unir Marechal Rondon e região em torno do bem e da união dos povos’, profetiza Waldow, ao informar que seu carro chefe na área jornalística será a atuação do jornalista Rui Piresaldi Winter... [...] ⁴⁸

Conforme a reportagem, a prioridade da Rádio Difusora era o aumento do faturamento, porém essa afirmação parece ocultar os demais interesses. Mais abaixo, o jornal expõe a Difusora como palco de tensões e embates políticos no período em que Elio Winter era diretor, as quais estariam relacionadas às coligações partidárias do município. Trata-se da disputa entre dois grupos políticos rondonenses. De um lado estava a CRP (Coligação Rondonense de Partidos), formada pelo Partido da Frente Liberal (PFL), Partido Democrático Social (PDS) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Do outro lado formou-se a CRA (Coligação Rondonense de Ação), formada pelo Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB) e Partido Democrático Cristão (PDC). Nas eleições de 1988, Dieter Seyboth, da CRP, foi eleito prefeito de Marechal Cândido Rondon. Em 1992, elegeu-se prefeito do município Ademir Bier, da CRA. ⁴⁹

Na sequência da reportagem temos mais informações sobre o novo proprietário da rádio:

[...] Nossa intenção agora é unir Marechal Rondon e região em torno **do bem e da união dos povos’**, profetiza Waldow, ao informar que seu carro chefe na área jornalística será a atuação do jornalista Rui Pires, que assumiu a gerência geral da Difusora montado em sua experiência de mais de 20 anos de radiodifusão. Nascido em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, em 09/08/47, Alcides Waldow veio para o Paraná há vinte anos, instalando-se inicialmente em Santa Helena,

⁴⁸ Ibidem. [Grifos nossos].

⁴⁹ SEIBERT, Carlos Alberto. *Os Moradores do Loteamento Ceval na História de Marechal Cândido Rondon (1991–2007): um estudo de caso sobre a formação do setor urbano-industrial frigorífico e a luta por moradia*. Dissertação (Mestrado em História) Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2008.

depois em Pato Bragado e finalmente em Marechal Rondon, onde atuou como motorista de caminhão. Depois do casamento, ele e a esposa Ingrid passaram uma temporada nos EUA, a trabalho, de onde voltaram com recursos suficientes para arrendar o auto posto de Valdi Winter, aí começou a vida empresarial do mais novo empresário das comunicações da região.

Mais conhecido pela sua atuação política e de agropecuarista, e empresário bem sucedido, Waldow diz-se ainda um pouco surpreso com sua nova atividade.⁵⁰

É relevante perceber a representação de Waldow pelo jornal *O Presente*, ao expor que o mesmo estava surpreso com esse ramo, ou seja, como se Waldow fosse um principiante, que desconheceria os meandros dos meios de comunicação. No entanto, na sequencia da matéria pode-se perceber mais elementos que relacionam a aquisição da rádio às configurações e projetos políticos de seus novos proprietários:

[...] Questionado sobre os motivos que o levaram a entrar no ramo, e mais sobre porque fez questão de um sócio que fosse candidato confesso, ele desconversa dizendo que a emissora será uma opção para os filhos, que não tinham interesse pela agropecuária.

Sobre a mudança do nome do sócio que inicialmente entraria no negócio, ele também foi vago e disse somente que o ‘Padovani parece não ter conseguido conciliar a questão dos valores’, o que o levou, inclusive, a procurar o sistema financeiro na capital visando a aquisição individualmente. Após ouvir sugestões do governo do estado⁵¹, segundo Waldow, chegou-se ao nome de Dilceu Sperafico⁵², que conta com cerca de 30% das ações do atual grupo Waldow & Sperafico.

‘A FM vai passar por uma completa reformulação. Vamos ter maior participação feminina na programação’.

O jornalista Rui Pires é o novo gerente geral da Difusora. São mais de 20 anos de atuação radiofônica e o fim do ‘sensacionalismo por si só’.

⁵³

⁵⁰ Ibidem. [Grifos nossos].

⁵¹ Em relação ao governo do Estado do Paraná, Roberto Requião de Mello e Silva assumiu o cargo em 15 de março de 1991 permanecendo até 31 de março de 1994, quando em 03 de abril de 1994 seu vice-governador Mário Pereira assumiu o cargo.

⁵² “Proprietário de várias fazendas no Paraná e Mato Grosso e de uma empresa de compra de cereais aqui na cidade [Marechal Cândido Rondon] e na cidade de Toledo. Deputado federal, elegeu-se novamente para o período 2003-6 [e também para 2007-2010], pelo PP”. (URNAU, op. cit., p. 140). “DILCEU JOÃO SPERAFICO PP/PR - Nascimento: 1/26/1948; Naturalidade: Santa Rosa, RS; Profissões: Agropecuarista, Industrial, Bacharel em Direito e Filósofo; Filiação: Ismael Vicente Sperafico e Olinda Joanina Rizzi Sperafico; Escolaridade: Superior. Mandatos (na Câmara dos Deputados): Deputado Federal, 1995-1999, PR, PP. Dt. Posse: 01/02/1995; Deputado Federal, 1999-2003, PR, PPB. Dt. Posse: 01/02/1999; Deputado Federal, 2003-2007, PR, PPB. Dt. Posse: 01/02/2003; Deputado Federal, 2003-2007, PR, PP. Dt. Posse: 01/02/2007; Deputado Federal, 2011-2015, PR, PP. Dt. Posse: 01/02/2011.” (PORTAL da Câmara dos Deputados. *Conheça os Deputados*. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=73768>. Acesso: 05/09/2012). [Grifos nossos].

⁵³ Jornal *O Presente*. Ano II – n°. 123 – 01/04/1994.

A venda da Rádio, portanto, não deve ser entendida apenas como um ato de entre dois empresários que resultou em reformulações na sua programação. Trata-se, também, de uma transação comercial realizada em meio a um jogo de forças políticas regionais.

1.2 – A criação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*

Manuel Canabarro narra suas experiências destacando as intenções do programa radiofônico na década de 1980. Nas palavras do apresentador sobre o *Nossa Terra, Nossa Gente*: “[...] trata-se de um programa de auditório, onde chega a rádio mais perto do povo, senão a população pensava que a rádio seria um verdadeiro bicho, o bicho papão”.⁵⁴

A respeito da criação do programa radiofônico *Nossa Terra, Nossa Gente*, Manuel Canabarro afirmou que o idealizador foi Elio Winter, no período em que era diretor da Rádio Difusora. Sobre o assunto, a pesquisadora entrou em contato com Winter via *e-mail*, pois atualmente reside em Curitiba-PR, e após alguns dias obteve a seguinte resposta:

Nasci em 23/10/50 – na cidade de Panambi/RS – vim para M. C. Rondon em 1954 (portanto sou um dos pioneiros). Sou formado em Economia com pós graduação em Administração. Sou Jornalista Profissional Provisionado, com aprimoramento profissional no México e na Alemanha. Atualmente trabalho como Incorporador de Imóveis, especialmente loteamentos, condomínios fechados de lotes, mas também na construção de casas para o Programa Minha Casa Minha Vida MCMV. Veja detalhes no nosso site www.eliowinter.com.br. Nossas áreas de atuação mais fortes são na região metropolitana de Curitiba e Porto Alegre. Estou residindo em Curitiba, desde quando vendi a Difusora, em 1994. O objetivo maior [do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*] era **interagir com as comunidades da periferia de MCR e dos Distritos**. Hoje isso é fácil e comum, pois você pode fazê-lo com qualquer celular ou Skype. Mas, na época, demandava um aparato todo especial e de alto custo. Levamos o programa a todos os distritos de MCR e municípios vizinhos e as pessoas acorriam para ver como funcionava uma transmissão externa. **Por outro lado, damos oportunidade aos “artistas” locais se apresentarem**. Tanto com o programa *Nossa Terra Nossa Gente*. Como com o Festival Difubrahama, **sonhávamos em descobrir/revelar algum grande artista nacional**, que pudesse seguir os passos do Walter Basso (que ficou sete meses na Parada

⁵⁴ CANABARRO, 2008.

Nacional - oito semanas em primeiro lugar). O programa acabou por vários motivos, como por exemplo: a descontinuidade do incentivo que eu dava ao Manoel “Gauchinho” Canabarro, quando eu deixei a rádio; depois foi a própria demissão do Gauchinho da Difusora e finalmente a universalização da TV. Programas de auditório em geral, mesmo na TV, atualmente têm baixa audiência”.⁵⁵

Nesse trecho do *e-mail*, Elio Winter enfatiza o seu profissionalismo e sua formação, justificando até a sua competência para estar à frente da Rádio Difusora. Ao ser questionado sobre qual seriam os objetivos da criação do programa radiofônico, Elio afirma ser a “revelação de um artista nacional tal como Walter Basso” e “interagir com as comunidades da periferia de MCR e dos Distritos”. Apresenta o público alvo do programa radiofônico, as camadas populares, o que também está entre os objetivos ditos por Canabarro.

Manuel Canabarro apresenta ainda outro objetivo, qual seja, o aumento da audiência da Rádio Difusora. E ressalta, também, o caráter de originalidade do programa na cidade e na região, ao dizer:

Então com o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, é um programa que, se transmitia de, dentro da comunidade para toda a região, e as comunidade reivindicava bastante o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, e... É assim, nesse estilo, é que, foi colocado esse programa, pra gente ser mais povão. Onde começou um, a aumentar as emissoras, e aquela briga de audiência, de preferência, então esse foi programa pra chegar mais mais.⁵⁶

A concepção do *Nossa Terra, Nossa Gente*, conforme Manuel Canabarro, deu-se da seguinte maneira:

Olha, vamos fazer um programa, vamos bota música ao vivo, vamos valorizar os artistas. Quando estava já no término, quase no término da censura, que aí podia vim tocar ao vivo, não, não existia mais censura, então podia se botar um programa no ar.⁵⁷

Canabarro foi enfático ao apontar que a criação do programa coincidiu com o término da ditadura militar. O fim da censura era uma boa oportunidade para lançar um programa ao vivo, levando em consideração que alguns cantores tinham composições próprias, que poderiam conter críticas ao governo. Canabarro apresenta o diálogo

⁵⁵ WINTER, Elio. *DIFUSORA - Pesquisa (Programa Nossa Terra, Nossa Gente) Importante*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <senaidewolfart@hotmail.com> em: 06/09/2012. [Grifos nossos].

⁵⁶ CANABARRO, 2012.

⁵⁷ Ibidem.

realizado com Elio Winter, destacando a conversa com bastante empolgação, remetendo à situação como se fosse a grande oportunidade de sua vida.

A exposição de Canabarro sobre a rádio chegar “mais perto” de seus ouvintes, como nas comunidades e associações de moradores, era uma novidade na região. Nesse sentido, Nelmo Leobens⁵⁸, residente da cidade de Entre Rios do Oeste, que trabalhou enquanto organizador, diz:

Porque sabiam, aquilo ia passá tudo ao vivo né, na rádio, um, aí que não podia vir escutava na rádio, é daí eles queria vir comé (*como é*) que era, talvez até a aparelhagem comé que acontecia lá, fora que não parecia nada diferente, como se fosse um conjunto se instalasse.⁵⁹

Segundo Leobens, a aparelhagem utilizada para a transmissão não era como muitos imaginavam: “É, não tinha nada assim, tinha lá umas antena, mais isso estavam fora e se as vez eles nem reparavam. [...] E a antena existia né, mas muita gente não viu isso”⁶⁰. Elio Winter afirmou que para a transmissão do programa exigia-se um aparato de alto custo, sendo necessário o transporte de aparelhos, a exemplo da utilização do unimóvel⁶¹.⁶²

Dessa forma, a Rádio Difusora trabalhava no sentido de privilegiar elementos locais. Isso é percebido ao abarcar à sua programação experiências de seus ouvintes, proporcionando, assim, uma identificação desses ouvintes com o programa. A partir da denominação *Nossa Terra, Nossa Gente* afirmam-se noções quanto à valorização do trabalho no campo.

Para Alfredo Leopoldo Müller⁶³, o *Alfredinho*, que participava como cantor no programa radiofônico, o nome do programa se refere a “[...] uma homenagem ao homem do campo, que é o símbolo, *Nossa Terra, Nossa Gente*”⁶⁴. A construção desse significado também está presente na capa do LP gravado pelo programa, que será analisado no terceiro capítulo desta dissertação.

⁵⁸ Nelmo Leobens é natural de Santo Cristo – RS, na região do Alto Uruguai. A partir de 1974, mudou-se para Santa Catarina, Itapiranga, e, posteriormente, na década de 1980, fixou residência no Paraná, em Pato Bragado. A sua chegada a Entre Rios do Oeste foi em 1986, para trabalhar junto de seu cunhado numa Auto Elétrica. A partir de 1997, iniciou seu trabalho como eletricitista autônomo em Entre Rios do Oeste, onde reside atualmente.

⁵⁹ LEOBENS, Nelmo. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 15/08/2012.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ Meio de transporte da aparelhagem utilizada para a transmissão do programa via rádio.

⁶² WINTER, op. cit.

⁶³ Alfredo Leopoldo Müller é natural de Três Passos-RS. Idade: 56 anos. Atualmente reside em Subsede, distrito de Santa Helena. Participou como cantor das festas e do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* e gravou uma das músicas presentes no LP do programa.

⁶⁴ MÜLLER, Alfredo Leopoldo. Entrevista concedida à Senaide Wolfart, em Subsede, distrito de Santa Helena, dia 04/01/2013.

Considerando-se os objetivos do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, fez-se um levantamento do noticiário *Frente Ampla de Notícias* da Rádio Difusora, que possui transcrições arquivadas na própria Rádio. Tal programa apresenta diversas notícias de acontecimentos nas localidades e cidades próximas a Marechal Cândido Rondon. Na consulta aos arquivos, notou-se que há poucas citações sobre o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, observando-se que são poucas as referências mesmo durante os anos de 1982 e 1983, momento da sua estreia.

A reportagem do *Frente Ampla de Notícias*, a seguir, refere-se à realização do primeiro programa *Nossa Terra, Nossa Gente* no Salão do Poeta, no dia 03/01/1982, em Pato Bragado, na época ainda distrito de Marechal Cândido Rondon:

Programa de auditório Nossa Terra Nossa Gente superou expectativa.

Ontem, com a realização do primeiro programa de auditório no xxxxxxxx [rasurado a palavra interior] distrito de Pato Bragado, pontificando a interiorização, o sucesso esperado foi em muito superado.

O primeiro, de uma série de programas nos mais diversos distritos do nosso município, contou com um público de quase duas mil pessoas.

Houve a inscrição de 22 duplas, sendo que somente 17 delas conseguiram apresentar-se, e sendo assim, isto mostra que o interesse dos valores regionais é muito grande bem como o prestigiamento por parte do público, que foi que compareceu em maça no programa.

Compareceram ainda duplas do Paraguai para participar do programa *Nossa Terra Nossa Gente*, o que deixa transparecer que o sucesso foi além-fronteira, e inclui-se aqui a presença de uma dupla de Santa Helena, que em breve poderá estar em discos.

Segundo o apresentador do programa, Manoel Canabarro, o Gauchinho, o auditório do salão do Poeta de Pato Bragado foi pequeno para abrigar a todos, e inclusive frisou, que nunca em sua vida de apresentador de auditório havia presenciado o comparecimento de tanta gente.

O próximo programa já tem local designado: vai ser em Quatro Pontes no Clube 25 de Julho, dia 10 próximo.⁶⁵

É pertinente analisar o título da manchete, pois referencia o programa *Nossa Terra, Nossa Gente* como um programa de auditório, abordando as atividades apenas em suas características artísticas e musicais, destacando que o “sucesso foi além fronteira”. Enfatiza-se também a ampla participação de duplas, sendo que algumas nem sequer se apresentaram, devido à grande quantidade de talentos locais. No entanto, não há na referida notícia nada a respeito da festa realizada após o programa, que muitas vezes era compreendida como uma extensão do programa.

⁶⁵ FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 82. 04/01/1982.

Considerando os diferentes estágios do evento, ou seja, o programa e as festas, o intuito das apresentações almejava a revelação e divulgação de cantores e músicos das localidades próximas da cidade de Marechal Cândido Rondon. Destaca-se a gravação de um LP, com cerca de mil cópias⁶⁶, financiado pela Rádio Difusora e lançado em 06 de junho de 1982, com menos de seis meses de programa. O rápido lançamento ocorreu em virtude da grande participação de cantores locais, ou talvez, também para atrair atenção, tanto de artistas quanto de participantes para o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*.

Assim, os objetivos do programa, para seus idealizadores, voltam-se à interação entre as comunidades, à valorização e busca por talentos musicais da região. *Gauchinho* pauta inclusive o auxílio que o programa proporcionava para as comunidades, muitas vezes agindo como um promotor musical em busca das “pratas da casa”.⁶⁷

1.3 - Manuel Canabarro: as festas e o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*

Em vários momentos, a narrativa de Manuel Canabarro é bastante nostálgica, além de apresentar os aspectos positivos de seu trabalho no programa *Nossa Terra, Nossa Gente* e o seu papel na organização e controle das festas. Em diversos momentos destaca sua qualidade como organizador e a colaboração das pessoas das comunidades: “Eu fazia tudo e eu não fazia nada, porque sozinho não se fazia nada, mas eu só dava a ordem, fazia-se uma reunião antes de preparar a festa. Aí era destinado, *você faz isso, e isso, e isso, isso*. E todo mundo trabalhava!”⁶⁸. Portanto, Canabarro precisava negociar com líderes das associações, de bairros, igrejas, patrocinadores, etc., para realizar o programa.

Manuel Canabarro narra sua trajetória mostrando-a distinta da atualidade, pois vive numa posição que não é mais a de prestígio, tal qual no período do *Nossa Terra, Nossa Gente*. E, ao falar sobre as suas experiências, ressalta sua posição, apresentando o mérito do sucesso do programa e das festas relacionado ao seu trabalho como

⁶⁶ FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 89. 31/08/1982.

⁶⁷ CANABARRO, 2008.

⁶⁸ CANABARRO, 2012.

organizador do evento: “[...] E eu chegava na comunidade, parecia o *Roberto Carlos*⁶⁹ na comunidade. O pessoal ia me receber na porta”.⁷⁰

Além do nome do programa, nota-se também o próprio apelido de Manuel Canabarro, *Gauchinho*, já que o programa possuía nome e objetivos voltados à valorização da região. O nome de seu apresentador remetia a valores do Rio Grande do Sul, região de procedência de boa parte da população de Marechal Cândido Rondon e cidades próximas.

Pedro Lucivaldo Nunes⁷¹, que integrava o conjunto musical contratado para auxiliar o *Nossa Terra, Nossa Gente, Os Fandanguinhos*, apresenta o radialista com grande estima e admiração quando expõe: “Programa do Manuel Canabarro, mas como ele era um cara simples, o pessoal acompanhava ele, né? Pela, a humildade dele coisa e tal, então, isso ele fez pra mim”⁷². E ainda relata: “[...] o Gauchinho, ele terminava o programa dele, ele não pegava a mala e ia embora. Ele continuava fazendo festa com o pessoal da associação até altas horas da madrugada”⁷³. Nunes narra os momentos em que Canabarro, além de organizar, também festejava com os participantes.

⁶⁹ Ao citar Roberto Carlos, Manuel Canabarro faz uma comparação sua com o sucesso e popularidade do cantor. “Desde final de 1965 comandando junto com Erasmo Carlos e Wanderléa o programa musical *Jovem Guarda*, apresentado todos os domingos pela TV Record, Roberto Carlos era, em 1966, aos 23 anos, imensamente popular e o dono da maior vendagem de discos entre os interpretes brasileiros. De acordo com Farias, em 1966, as comemoração do 23º aniversário de Roberto Carlos teriam atraído cerca de 15 mil pessoas ao centro de São Paulo, causando o bloqueio de ruas e perseguição e destruição dos vidros dos carros que transportavam os “ídolos da juventude”.¹ Naquele mesmo ano, ele sentava-se à mesa de negociações para renovar o seu contrato com a TV Record. 8 milhões de cruzeiros mensais fora o acordado, valor que o tornava um dos mais rentáveis e bem-sucedidos artistas da incipiente indústria cultural dos anos de 1960. O programa *Jovem Guarda* alcançava, no início daquele ano, os maiores índices de audiência do seu horário. Os cálculos indicavam aproximadamente 2,5 milhões e meio de espectadores. Os números podem soar demasiadamente modestos diante da amplitude que a televisão, como mídia, e a música, como entretenimento, alcançaram a partir de 1980, todavia servem-nos para compreender que aquele “moçô simpático”, “Rei do iê-iê-iê”, “adorado pelas garôtas”, ao mesmo tempo “rebelde” e o “maior sucesso comercial dos últimos tempos”, já se fixava como o líder de um movimento que buscava seduzir boa parcela da classe média urbana”. (BRITO, Eleonora Z. C.; OLIVEIRA, Emerson D. G. *Roberto Carlos no altar de Nelson Leirner*. ArtCultura, Uberlândia, v. 11, n. 19, p. 197-209, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF19/e_brito_19.pdf>. Acesso: 28/12/12.).

⁷⁰ CANABARRO, 2008.

⁷¹ Pedro Lucivaldo Nunes é natural de Santa Cruz do Sul – RS, no ano de 1957, casado e com dois filhos. Trabalha como funcionário público em serviços gerais e como radialista. Residiu em Capanema-PR, e em 1964, durante sua mudança para Santa Helena, ficou acampado com sua família embaixo de uma árvore por quinze dias. Em 1981 morou por 90 dias em São Clemente, para posteriormente residir em uma fazenda próxima da cidade. E, por fim, chegou em Entre Rios do Oeste em 1991.

⁷² NUNES, Pedro Lucivaldo. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 29/09/2012.

⁷³ Ibidem.

Quirino Kesler⁷⁴, participante e organizador das festas em São José das Palmeiras, narra a respeito de *Gauchinho*, a partir da lembrança e o auxílio que proporcionava às comunidades, lembrando como iniciaram as festas do programa na localidade:

Eu elogio muito o trabalho dele né. Com esse trabalho dele, ele ajudou muitas comunidades pelo lado financeiro, né? Embora as últimas festas dava meio a meio, mesmo assim dava um resultado grande né? Nos dois lado, tanto pra ele quanto para a comunidade... É uma pena que parou né? ... Isso foi por volta de 1994, 95, que foram as primeiras festas. ...[a frequência das festas] se faziam até duas por ano.⁷⁵

Kesler exalta os pontos positivos da presença do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, exaltando o trabalho de Manuel Canabarro, o que ocorre também na narrativa de outros entrevistados. Evidentemente, houve, também, comentários negativos, a exemplo de Nelmo Leobens que afirma a existência de tais comentários em Entre Rios do Oeste, e que isso ocorria porque é “[...] difícil de agradar a todos”.⁷⁶

Leobens, ao frisar que alguns falavam mal do programa por “[...] simples brincadeira”⁷⁷, refere-se àqueles que nem ao menos conheciam a programação e as festas, e comentavam a respeito de maneira pouco apropriada: “Então esses comentários de imaginação sempre surge né? Eles falam imaginando uma coisa e já vão, e falavam como era, muitas vez eu falo: ‘mas não era assim, é assim, assim, assim’”.⁷⁸

Sérgio Roberto Batista⁷⁹, ao pontuar sobre tais comentários das festas e do programa, apresenta:

Olha, se falava mal eu não sei, mas se tinha gente que falava mal do programa, poderia até falar, pois tem programa hoje, tem aqueles que agrada e tem aqueles que desagrada. O programa do meu amigo Manuel Canabarro *Nossa Terra Nossa Gente*, só desagradava os ricos né? Tipo assim, aqueles filhos de papai que só gostava de discoteca, e

⁷⁴ Quirino Kesler. Nascido em 1967, em Cerro Largo - RS, casado. Em 1977 mudou-se para o Paraguai e em 1978 retornou a Pato Bragado - PR para residir na Linha Princesa. Após este evento, retorna ao Paraguai. Em 1992 resolve mudar para São José das Palmeiras, fazendo parte da comunidade da Linha Codal. Foi ministro de eucaristia da igreja, presidente de todas as entidades da comunidade e foi sócio-fundador da associação da capela. Trabalha atualmente como secretário da Agricultura de São José das Palmeiras.

⁷⁵ KESLER, Quirino. Entrevista concedida Senaide Wolfart em São José das Palmeiras, dia 30/09/2012.

⁷⁶ LEOBENS, op. cit.

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ Sérgio Roberto Batista, é natural de Curitiba (PR), e reside em Entre Rios do Oeste desde 1993, mesmo trabalhando em outras localidades. Inicialmente veio para Entre Rios do Oeste atuar como delegado, em seguida foi transferido para Marechal Cândido Rondon na condição de plantonista da delegacia, onde ficou por seis anos, posteriormente retornando a Entre Rios por mais três anos, para trabalhar como responsável pela área da Polícia Civil em documentos, atualmente trabalha na delegacia de Terra Roxa.

tal, e não tinha. Provavelmente desagradava mesmo! Mas se nós seguirmos a regra, até baile de carnaval não toca samba, toca vaneirão, toca marchinha, quer dizer então, a regra era aquela, não era pra tocar outro estilo de música. Então se a pessoa ia pra lá pra pegar outro estilo de música ia pegar nunca. Por isso que poderia falar mal mesmo.⁸⁰

Para Batista, um ponto definidor dos frequentadores do evento estaria pautado na distinção musical, ou melhor, pela preferência musical, já que contrapõe o gênero musical *vanerão*⁸¹ ao gênero *discoteca*⁸², este como sendo um estilo mais apreciado pelos sujeitos de maior poder aquisitivo. Essas discordâncias, por sua vez, fomentavam comentários depreciativos. A narrativa de Sérgio Roberto Batista remete-se ao que Philippe Ariès chama de *sociabilidades restritas*, no qual as trocas de experiências estão limitadas a certas condições econômicas, étnicas ou culturais⁸³, e, assim, cada grupo define seus lugares de convívio e suas práticas nesses lugares.

⁸⁰ BATISTA, Sérgio Roberto. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 16/07/2012.

⁸¹ “Sem sombra de dúvida, a vanera é o ritmo mais apreciado e mais executado nos bailes gaúchos. A Habaneira, ritmo afro-cubano, influenciou vários ritmos dos países hispano-americanos. Conhecida também como Havaneira, acredita-se que seu nome tenha sido uma homenagem a capital de Cuba, Havana. Chegou ao Brasil por volta de 1866 e influenciou não só ritmos do Rio Grande do Sul, como também o samba canção dos cariocas. No Rio Grande do Sul, a Vanera ou Vaneira ganhou outros nomes, de acordo com o andamento da música. Vaneirinha para ritmo lento, vaneira para ritmo moderado e vaneirão para ritmo rápido” (ARRUDA, Cido. *Vanera Gaúcha (Vanera, Vaneirinha ou Vaneirão)*. Disponível em: <<http://www.cidoarruda.com.br/site/ritmos/ritmos-gauchos/vanera-gaucha.html>>. Acesso em: 29/03/2013.).

⁸² “A *disco music* definida como gênero musical oriundo do *funk* e conseqüentemente sub-gênero da soul music foi rapidamente assimilado pelas discotecas. Elas eram a grande novidade de Nova York em meados dos anos 1970. [...] A *disco music* apresenta-se musicalmente limitada, as letras são ingredientes acessórios, frases melódicas e curtas, repetidas indefinidamente justamente para não atrair sobre si a atenção e deixar que ela se concentre na batida. [...] No Brasil a *disco music* começou a ser divulgada nas discotecas⁴⁴, assim como ocorrera anteriormente nos Estados Unidos. A primeira discoteca brasileira foi a *New York City Discoteque* em Ipanema no Rio de Janeiro. Mas foi Nelson Motta que fez história ao inaugurar a *Frenetic Dancin' Days Discothèque* na mesma cidade no ano de 1976. No *Dancin'* surge a primeira expressão nacional do gênero: as *Frenéticas*. Ao inventar o sexteto feminino, o jornalista *abrasileirou* a fórmula americana e transformou *disco* em discoteque” (RODRIGUES, Vanessa. “*Disco music made in Brazil*”: a redemocratização nos embalos da discoteque. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná, 2002.).

⁸³ ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada: da renascença ao século das luzes*. V. III. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAPÍTULO II

PROGRAMA *NOSSA TERRA, NOSSA GENTE* EM FESTAS

*“O lazer é parte integrante da vida cotidiana das pessoas, é o lado mais agradável e descontraído de sua rotina semanal”.*⁸⁴

Nesta etapa do trabalho problematizam-se as narrativas a respeito do programa radiofônico *Nossa Terra, Nossa Gente* e das festas. Assim, apresentam-se as diferentes formas de compreensão do evento acerca das sociabilidades e de sua organização.

2.1 – Narrativas sobre a organização do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*

Em muitas falas de entrevistados, não há uma divisão do programa transmitido ao vivo das festas, realizadas à tarde. Em ambas as entrevistas realizadas com Manuel Canabarro, em 2008 e 2012, suas narrativas não separam de forma clara uma atividade da outra, pois entendia as festas como uma extensão do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Ivar Luiz Brun⁸⁵, um dos patrocinadores do programa, afirma o seguinte: “[...] O programa já em si era uma festa. Assim a gente participava [...]”.⁸⁶

O modo como alguns depoentes referenciam o programa é diversificado. Em alguns casos, fala-se tanto do programa como das festas de forma conjunta como “Festas do programa do Gauchinho”, em outros momentos “Festas do *Gauchinho*” e, também, “Programa do *Gauchinho*”, esquecendo-se do papel da Rádio Difusora. A própria Rádio, por meio do programa *Frente Ampla de Notícias*, apresenta festejos em bairros ou comunidades, onde foi realizado o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, mas sem citá-lo.⁸⁷

⁸⁴ MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco*: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Editora Hucitec. 1998, p. 18.

⁸⁵ Ivar Luiz Brun. Nascido em 15/11/1941, em Santa Rosa - RS, casado, empresário. Chegou a São José das Palmeiras aos 24 anos. Posteriormente mudou-se para Entre Rios do Oeste. Foi patrocinador das festas do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*.

⁸⁶ BRUN, Ivar Luiz. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 27/09/2012.

⁸⁷ Como exemplo apresenta-se o evento da entrega das chaves das casas do Projeto Mutirão, realizado em Entre Rios do Oeste, em conjunto com a festa e o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, acontecimento este relatado em algumas das entrevistas. No entanto, não consta a citação do programa na notícia sobre o evento, exposta no FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 161. 05/08/1988.

Convém salientar que anteriormente à criação e realização do programa aconteciam festas de igrejas e de associações de moradores onde Manuel Canabarro realizava o programa radiofônico. Neste sentido, houve a inserção do programa nas festas já existentes, agregando o programa radiofônico na parte da manhã, com a apresentação de cantores e músicos locais. Realizavam-se entrevistas com os presentes, e apresentavam-se notícias do que ocorria no programa e fora dele. Assim, nota-se que esse evento acabou se apropriando e reformulando certas práticas já existentes, direcionando-as à programação da Rádio.

Márcia Inês Loebens⁸⁸ participou do programa, inicialmente, como cantora, e, posteriormente, integrou o conjunto musical *Os Fandangueiros*, banda contratada pelo programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Ela destaca os lugares onde se realizavam os programas, que poderiam captar ou não o sinal da Rádio para conseguir a transmissão, pois a distância do evento devia ser de até 150 a 170 quilômetros da Rádio.⁸⁹

Nesse sentido, Arlindo Pedron⁹⁰, participante do programa e organizador das festas em Mercedes, fala sobre a transmissão:

[...] do salão para a rádio, todos os aparelhos não funcionavam e eles davam às vez um jeito, os técnicos lá da Rádio Difusora e trazia para casa do pessoal que não tinha. Toda a Rádio Difusora durante o programa, os ouvintes. Que nem tudo [*todos*] ia participar lá ao vivo. Então, tinha um pessoal que então também era fã, então escutava nas próprias casas deles. Naquele tempo era melhor que televisão quase. (*risos*).⁹¹

A primeira transmissão do *Nossa Terra, Nossa Gente* ocorreu em 1982, e o programa ao vivo durava cerca de duas horas, havendo apresentações de cantores e músicos, numa espécie de festival de música. Tão grande era a quantidade de apresentações que muitas chegavam a ser realizadas a tarde. Findadas as apresentações do programa na parte da manhã, geralmente, servia-se o almoço, assim, os cantores e músicos que se apresentavam, independente do horário, recebiam essa refeição como

⁸⁸ Márcia Inês Loebens é natural de Santo Cristo – RS. Idade: 36 anos. Profissão: Instrutora de Artes. Local: CRAS. Reside em Entre Rios do Oeste há cerca de 25 anos. Participava do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* como cantora e integrante do grupo musical *Os Fandangueiros*, que acompanhava Manuel Canabarro nas festas, tendo também participado das apresentações de cantores no programa radiofônico.

⁸⁹ LOEBENS, Márcia Inês. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 12/09/2010.

⁹⁰ Arlindo Pedron é natural de Bituruna – Paraná. Idade: 58 anos. Profissão: Agricultor. Atualmente reside no município de Mercedes. Foi organizador e participante das festas e do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* em Mercedes.

⁹¹ PEDRON, Arlindo. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Mercedes, dia 17/09/2010. [Grifos nossos].

forma de pagamento. Em virtude disso, criou-se a nomenclatura pejorativa dada ao evento: “fila bóia”.⁹²

Nesse sentido, Alfredo Leopoldo Müller, residente em Sub-Sede, distrito de Santa Helena, que cantou no programa, diz: “Que nem nós músicos a gente não recebia nada para tocar, nós tinha tudo livre, nós não pagava almoço, refri e a cervejinha, era tudo na faixa pela comunidade, eles gostavam disso”⁹³. Tal participação associada ao pagamento em forma de refeição tornava-se para alguns um atrativo para a festa, bem como uma maneira de Canabarro diminuir os gastos com a realização do evento.

Nelmo Leobens, participante do programa em várias localidades, acrescenta que alguns sujeitos não aceitavam muito bem a ideia do pagamento de almoços aos cantores do programa radiofônico, reafirmando a nomenclatura pejorativa de “fila bóia”. Leobens expõe que: “[...] muitos num entendiam, achava que por causa que, aqueles participantes, 10 ou 12 ganhava o almoço livre, achava que só dava despesa pra comunidade, prefeitura né?”.⁹⁴

Segundo Leobens, para obter maior lucratividade todos os membros da comunidade deveriam estar comprometidos com o trabalho durante as festas e o programa. Leobens considera relevante uma boa organização, justamente, visando maior lucratividade e expõe que ao melhorar o atendimento: “[...] o público aproveita melhor aquele momento, [...] porque o objetivo maior da festa era conseguir lucro para a comunidade”⁹⁵. Leobens apresenta o auxílio que o programa *Nossa Terra, Nossa Gente* proporcionava às comunidades:

Eu não sei bem o ano, mais deve ser na faixa de 83 por ali, 84. Então eram o Manuel Canabarro, popular Gauchinho, ele tinha programação na rádio né? E daí não sei certo da ideia, como ele começou a ajudar as comunidades né? Daí ele vinha com pessoal pra animar as festas da tarde, e de manhã já começava transmitindo ao vivo, e daí com isso ele obteve audiência né?⁹⁶

Esse auxílio às comunidades é também relatado por Arlindo Pedron, organizador das festas em Mercedes. Pedron relata que para colaborar com as festas, quando da realização do programa, deixava de lado o “serviço” particular em sua propriedade

⁹² WOLFART, Protásio. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 15/08/2012.

⁹³ MÜLLER, op. cit.

⁹⁴ LEOBENS, Nelmo. Op. cit.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ Ibidem.

agropastoril, mas que apesar disso, quem ficava com todo o prestígio era o *Gauchinho*.

97

Referindo-se a organização conjunta do programa e das festas, Nelmo Leobens diz: “[...] quando tinham uma boa participação, quando eles conseguiram se organizar pra atender bem o pessoal, o atendimento, principalmente esse atendimento, a atenção que eles davam ao pessoal, fazia sempre a propaganda para a próxima festa”⁹⁸. Assim, para Leobens a grande participação do público, tanto do município quanto fora dele, estava relacionada à receptividade dos anfitriões.

Pedro Nunes, ex-presidente da associação de moradores do bairro Paraíso, em Entre Rios do Oeste, e participante em diversos locais, quando questionado a respeito de quais seriam os objetivos da criação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, recorda:

Olha, na realidade é, ele começou esse programa, *Nossa Terra, Nossa Gente*, objetivo [...] incentivar aquelas pessoas, aqueles talento, né? [...] incentivar aqueles talento que nunca tiveram oportunidade em lugar nenhum, né? Pessoas que nunca pensaram que iam chega na frente de um microfone numa rádio pra soltar a sua voz. Esse foi o objetivo dele. Incentivar aquelas pessoas que nunca pensavam que iam chega lá. Como aconteceu. Duplas, que nem Barrafundada e Barrazinho.
99

Nunes expõe que o objetivo almeja a participação de cantores da região, denominando-os de “talentos”, sendo o programa uma oportunidade para muitos cantores saírem do anonimato. Curiosamente referencia o trio *Barrafunda, Barrazinho & Bianquechi* como sendo uma dupla, o que é constante em muitas entrevistas.

Quirino Kelsler, residente em São José das Palmeiras, ex-presidente da comunidade da Linha Codal, ressalta que: “[...] um dos objetivos é pra divulgar os talentos”¹⁰⁰. Expõe, também, outro objetivo: “[...] pra desenvolver as comunidades, porque ajudava muito as comunidades”. Assim, a música e a ideia de contribuir com a comunidade tornavam-se grandes atrativos para uma maior participação da população.

Etelvina Martins¹⁰¹, que participou das festas e do programa em Marechal Cândido Rondon, relata:

⁹⁷ PEDRON, op. cit.

⁹⁸ LEOBENS, Nelmo. Op. cit.

⁹⁹ NUNES, op. cit.

¹⁰⁰ KESLER, op. cit.

¹⁰¹ Etelvina Martins é natural de Ijuí no Rio Grande do Sul. Participou das festas e do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* no bairro Alvorada, em Marechal Cândido Rondon, onde reside há cerca de 40 anos.

Uma igreja muito bonita, grande, tá bastante adiantado a construção [...] como diz o que era presidente na época sempre fala que tem que agradecer que ele sempre fez o possível pra ajudar essas comunidades, e até hoje ele fala pra mim que também pertence ao Alvorada¹⁰², associação e tudo.¹⁰³

A narrativa de Etelvina pauta a arrecadação de dinheiro para a construção de igrejas para as comunidades envolvidas na organização das festas e do programa, apresentando Canabarro como personagem importante no processo.

Protásio Wolfart¹⁰⁴, músico e agricultor, residente do município de Entre Rios do Oeste, expõe que o programa e as festas eram realizados em diversas localidades:

[...] Era muitas comunidades, tinha a Volta Gaúcha, Vista Alegre, então ali tinha bastante comunidades, então, às vezes né, várias comunidades, aí, mais tarde surgiu o grupo dos idosos, né? Às vezes fazia o programa lá, contratava. Esse programa eles contratava pra gerar mais lucro pra comunidade.¹⁰⁵

A narrativa de Wolfart expõe a realização do programa como uma maneira para a arrecadação de fundos para a localidade onde era realizado o evento, sendo um dos principais elementos para o sucesso do programa. Também, em sua entrevista, mencionou que o evento era conhecido como “fila-bóia”. Nota-se que mesmo em prol da associação, o pagamento do almoço aos sujeitos que animavam o evento, gerava comentários depreciativos, pondo em dúvida a união comunitária exaltada por Manuel Canabarro e outros entrevistados.

Muitos depoentes enfatizam o auxílio proporcionado pelo programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, mas Manuel Canabarro, em grande parte, enfatizou o sucesso musical, afirmando que nada disso seria possível sem Elio Winter:

[...] sempre tive muita amizade muito grande, e aí na emissora de rádio a direção da rádio é Elio Winter, o jornalista Elio Winter, advogado, jornalista, diretor da rádio valorizou muito meu trabalho, viu que eu pesava na balança e achou por bem colocar um programa para as nossas comunidades. Foi aonde colocamos o *Nossa Terra, Nossa Gente*, graças a Elio Winter eu tinha muitas duplas e trios, valores musicais, que hoje são cantor de nome em todo o país, como tem o Alan Trindade, canta todo ritmo de música, lançou o sexto CD em São Paulo e já tá incomodando os grande, começo com a gente.

¹⁰² Bairro da cidade de Marechal Cândido Rondon.

¹⁰³ MARTINS, Etelvina. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon, dia 25/02/2008.

¹⁰⁴ Protásio Wolfart. Nascido em 12/06/1960, em Crissiumal - RS, casado, duas filhas. Chegou a Entre Rios do Oeste em 1973. Trabalha como agricultor e foi músico durante muitos anos, apresentando-se em festas e bailes da região próxima a Entre Rios do Oeste.

¹⁰⁵ WOLFART, op. cit.

[...] Tem Andréa Andreoli que está junto com *Zezé di Camargo e Luciano*, minha afilhada na parte musical, então tem o Zé Canoeiro e Remador, também que estão por este mundo afora, é, Brazão e Brazãozinho, fiz muito por eles, é Mensageiro e Mexicano, grandes artistas. E depois começamos com este programa eu pude valorizar as pratas da casa, pratas da casa, músicos, conjuntos, bandas, bandonistas, como é bom vê um bandonista tocá! Despachar alegria, vê como é bom, como é interessante, então, esse programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, achamos por bem em 03 de janeiro de 1983. Nossa, quanto tempo faz, até agora! Esse programa funcionou vinte anos, vinte anos no ar com maior sucesso no rádio paranaense, eu acho que não teve um programa pra bater esse, que não teve programa que batesse esse, eu nunca me vangloriei porque eu fiz isso, fiz aquilo, porque eu fazia juntamente com o patrão, dava o apoio, a direção da rádio, as comunidades me ajudaram muito também, ajudei a construir muitos pavilhões com meu suor, com minha luta, mas foi nos termos de organização, eu entrava nas comunidades pra transmitir o programa, começou em Pato Bragado.¹⁰⁶

Gauchinho apresenta-se como uma espécie de produtor musical, que por meio de sua posição de radialista, sob a égide da Rádio Difusora, possuía os meios para lançar artistas talentosos. Aspectos esses que contribuíram muito para a participação de diversos cantores e, também, para o sucesso do programa.

Hugo Balko¹⁰⁷, que não participou do programa e das festas, afirma: “[...] era festa pra atender esse tipo de pessoal [classes populares], não era uma festa da alta sociedade, nem da média, né?”¹⁰⁸. Expõe também que “[...] as músicas eram músicas gauchescas, caipira, sertanejo, e o povo se sentia bem com isso, ele [*Gauchinho*] sabia explorar isso bem, sabe?”¹⁰⁹. Balko classifica tais estilos musicais como de preferência das classes populares, possivelmente referindo-se a agricultores e trabalhadores assalariados.

Notadamente, o programa não era visto apenas pelos aspectos musicais, mas também pelo auxílio às comunidades, sendo a obtenção de recursos financeiros um de seus objetivos. Contudo, Manuel Canabarro afirma que se tratava de uma relação de reciprocidade: “[...] as comunidades me ajudaram muito também [...]”.¹¹⁰

Com relação à arrecadação, por meio de festejos, de fundos pelas comunidades, deve-se mencionar que esta prática era bastante comum na região, antes e durante o

¹⁰⁶ CANABARRO, 2008.

¹⁰⁷ Hugo Balko foi editor da coluna *O Abelhudo* do Jornal *O Alento* em meados da década de 1970. Atualmente, atua como jornalista e editor do jornal *O Jornal* na cidade de Marechal Cândido Rondon. Por volta da década de 1970 era jornalista da empresa Copagrill.

¹⁰⁸ BALKO, Hugo. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon, no dia 04/09/2009.

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ CANABARRO, 2008.

período de realização do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Nesse sentido, segue uma reportagem do programa *Frente Ampla de Notícias*, acerca de uma festa na Comunidade Católica do distrito de Margarida, no município de Marechal Cândido Rondon, em 1983:

Comunidade Católica de Margarida faz festa para construir pavilhão

Uma estensa [extensa] programação será cumprida durante todo o dia 8, por ocasião da festa tradicional promovida anualmente pela comunidade Católica de Margarida.

Coincidindo com o dia das mães, está previsto uma homenagem especial a elas durante a celebração da missa pela manhã.

À festa em si tem por finalidade arrecadar fundos para que possa dar continuidade à obra de construção do pavilhão da comunidade que já conta com os alicerces [alicerces] construídos e boa parte do prédio de mil e 14 metros quadrados.¹¹¹

De acordo com a reportagem do *Frente Ampla de Notícias*, o objetivo das festas nas comunidades era a arrecadação de recursos para serem usados em obras das associações comunitárias. A seguir, apresenta-se outra notícia a respeito da construção de pavilhões na região, neste caso em Porto Mendes, distrito de Marechal Cândido Rondon:

Comunidade de Cunhaporã inaugura Igreja no domingo

Está marcada para este domingo a festa de inauguração das novas dependências da sede da comunidade Católica de Cunhaporã, no distrito de Porto Mendes, agora reconstruída toda em alvenaria.

O conjunto é constituído pela Igreja que 10X15 metros, um pavilhão de 16X13, uma área coberta de 8X18, cozinha de 5X6, luz elétrica e demais benfeitorias.

Basicamente todo o conjunto foi construído com recursos próprios, tendo a municipalidade colaborado com a planta da Igreja e a doação de 16 metros cúbicos de pedra britada.

Dionísio Frare, tesoureiro da comunidade, contou com foi feito para se conseguir verbas para as construçõesgrav.

Dionisio relatou em que consiste a nova sede.....grav.

Conforme ele, tudo foi construído de um verdadeiro espírito comunitário.....grav.

E depois ele falou da festa marcada para domingo.....grav.¹¹²

A partir da fonte, percebe-se que o suposto “espírito” comunitário estava presente também na mídia local. Pode-se deduzir, dessa forma, que talvez fosse uma

¹¹¹ FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 97. 28/04/1983.

¹¹² FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 98. 03/05/1983. [Grifos nossos].

prática discursiva da própria emissora em fomentar uma relação de proximidade com os ouvintes, somado a uma prática já existente.

Sob essa perspectiva, verificou-se que ao longo dos anos de 1982 e 1983, anos iniciais das atividades do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, é constante a referência no programa *Frente Ampla de Notícias* aos distritos de Marechal Cândido Rondon como comunidades. Por exemplo, Entre Rios do Oeste, na época distrito de Marechal Cândido Rondon, é referenciado como comunidade de Entre Rios, sendo os seus representantes referenciados como líderes comunitários. Tal denominação não se refere apenas a Entre Rios, mas a todos os distritos de Marechal Cândido Rondon. É pertinente ressaltar que na época já havia, em Marechal Cândido Rondon, o Departamento de Assuntos Comunitários (DPAC), que hoje integra a Secretaria de Ação Social e Habitação¹¹³, que era responsável por organizar as associações de moradores.

A utilização do termo *comunidade*, seja pela Rádio Difusora ou pelos moradores do município, está presente também ao longo das entrevistas, e, por vezes, era tratada como sinônimo de unificação, interação social e bem-estar, evidentemente, com muitas ressalvas. Assim, as *comunidades* estão relacionadas à própria dinâmica característica das festas e também do programa.

Qual seria então o sentido do termo comunidade? Para o sociólogo Zygmunt Bauman, “[...] a palavra ‘comunidade’ sugere coisa boa. Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar?”¹¹⁴. Tal questionamento relacionando a *comunidade* a uma coisa boa, a união, está presente, principalmente, nas narrativas de Manuel Canabarro: “Eu acho que um programa desses nunca mais na face da terra! A união que tinha antigamente e não tem hoje. Hoje é um pouco diferente. Hoje tá ruim, o entendimento das pessoas não é como aquela vez”.¹¹⁵

¹¹³ “A Secretaria Municipal de Ação Social e Habitação está instalada junto à estrutura administrativa e organizacional da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, localizada na Rua Espírito Santo, nº. 777, centro. [...] No ano de 1993, assumiu o Sr. Ademir Antônio Osmar Bier que, ao perceber a grande demanda de usuários, em torno de 7000 pessoas, transformou o DPAC em secretaria, que foi denominada Secretaria Municipal de Ação Social, Assuntos Comunitários, Habitação e Urbanismo. Em 2001, houve uma nova mudança na nomenclatura, que passou a ser Secretaria Municipal de Ação Social e Habitação” (SCHMIDTKE, Eline. *A sociedade civil de Marechal Cândido Rondon e sua compreensão sobre a medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade: um estudo exploratório*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social). Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus – Toledo, 2008, p. 39).

¹¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 08.

¹¹⁵ CANABARRO, 2008.

Muitas dessas comunidades eram localidades situadas em distritos de Marechal Cândido Rondon e demais cidades em que se realizava o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, sendo que a construção de igrejas e pavilhões se dava, em alguns casos, com recursos adquiridos a partir da realização do programa. Hoje, algumas localidades são compreendidas enquanto bairros devido à emancipação de alguns distritos ao longo dos anos de 1980 e início de 1990.

Ao longo da realização do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, realça-se a recorrência ao termo comunidade e, a partir dessa recorrência, percebe-se que o *local* e a *comunidade* se confundem. Segundo o sociólogo Alain Bourdin:

As delimitações da localidade são múltiplas e contingentes. A vizinhança, o bairro, a cidade ou a região urbana constituem pontos de referência relativamente estáveis, mas, conforme os contextos, estes níveis se definem diferentemente, e muitas coisas ou quase nada pode ocorrer aí.¹¹⁶

Para o historiador Raphael Samuel: “Especificamente, a noção de 'comunidade', apesar de usada livremente, é ou deverá ser, problemática”¹¹⁷. Nesse intuito, a noção de comunidade designa o “comum”. Samuel destaca que o termo, na área urbana, apresenta-se de maneira superficial, reconhecida em eventos municipais ou cívicos. E, na área rural, tendencia-se a pensar a comunidade como algo em harmonia, o que deve ser problematizado pelo historiador¹¹⁸. A partir da fala de alguns depoentes, percebe-se a noção de comunidade ligada à identificação social, constantemente relacionada à existência de objetivos em comum entre habitantes de determinado lugar.

A contratação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* ocorria, na maioria dos casos, por meio da associação de moradores e/ou pelas comunidades. Algumas organizações estavam ligadas à Igreja Católica¹¹⁹, outras eram associações de moradores. Manuel expõe que a contratação se dava da seguinte forma:

Aí era contratação, eles vinham falar comigo: “Nós queremos uma festa da na, na nossa escola, na nossa igreja, precisamos da comunidade”, então a gente convidava. Eu e mais o presidente, nós íamos juntos, trabalhava, a gente convidava o pessoal das outras comunidade, então a comunidade, oito ou dez comunidade numa festa só. Viria tudo numa festa aqui. Quando fazia uma festa na

¹¹⁶ BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p 13.

¹¹⁷ SAMUEL, op. cit.

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Evidencia-se que a maioria das festas do programa eram realizadas em conjunto com a Igreja Católica, pois não foram mencionados pelos depoentes outras igrejas.

comunidade dele, daí uma comunidade mais ele ia na outra, era uma integração entre muitas comunidade.¹²⁰

Quanto aos vários papéis de Manuel Canabarro, visualiza-se o de promotor de eventos, pela maneira como narra a contratação do programa. Expõe que, primeiramente, os membros das comunidades vinham até ele para combinar os detalhes do programa e da festa a ser realizada no local. A partir disso, passavam nas demais comunidades convidando-as para o evento.

Teilor Dressing¹²¹, residente em Entre Rios do Oeste, acompanhou Manuel Canabarro no programa e nas festas durante quatro anos com a banda *Os Fandangueiros*. Ele apresenta elementos pertinentes quanto à contratação, expondo que *Gauchinho* oferecia o evento às comunidades. Nas palavras de Dressing:

[...] **na verdade, a gente ia atrás, às vez ligava**, tem como fazer um programa em Vila Nova? E o *Gauchinho* terminava às 7 horas da manhã e conversava com o pessoal da comunidade. Combinava, que dia vocês querem fazer a festa? Daí procurava uma outra data. E uma semana antes a gente visitava o comércio junto com alguém da comunidade, pegava as empresa, para divulgar no domingo, no caso as empresas era colocado [agendadas] no lugar, nós ia em Vila Nova e procurava uma cerâmica, ou mercado, ou empresa visitava e cobrava uma taxa e divulgava na rádio e fazia ao vivo.¹²²

Para Dressing, *Gauchinho* era quem ia até os representantes das comunidades para transmitir o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. A contratação correspondia à oferta de um produto para as comunidades e se a resposta fosse sim, negociava-se sobre a data do evento. Findada a negociação, fazia-se a arrecadação de produtos no comércio da cidade para a realização de sorteios nas festas. Dessa maneira, *Gauchinho* assumia a posição de promotor do evento.

Ivar Luiz Brun, residente de Entre Rios do Oeste, narra sua experiência como patrocinador do programa:

¹²⁰ CANABARRO, 2008. [Grifos nossos].

¹²¹ Teilor Dressing é natural de Venâncio Aires-RS. Seu pai possuía um salão de baile e de bolão no Rio Grande do Sul, que vendeu para vir residir no Paraná, em Capanema. Passados quatro anos, dirigiu-se até Planalto, e de lá para Pato Bragado. Em Planalto, trabalhava numa eletrônica de sua propriedade. Seu primeiro emprego na cidade de Entre Rios do Oeste foi de motorista de caminhão, transportando madeira. Após pouco tempo na cidade, ele ingressou num grupo musical, pois em 1974 havia muitos bailes. Fez parte de bandas como *Vikings*, *Flinstons*, *Águas Claras* e *Os Fandangueiros*. Também trabalhou numa eletrônica em Entre Rios do Oeste. Em função do programa “Nossa Terra, Nossa Gente” resolveu residir em Marechal Cândido Rondon durante oito anos. Retornou a Entre Rios do Oeste em virtude de um acidente de moto com seu genro, que ficou impossibilitado de caminhar. Atualmente, trabalha como radialista da Rádio Entre Rios FM 104,9.

¹²² DRESSING, Teilor. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 28/04/2011. [Grifos nossos].

[...] Eu pagava, eu participava patrocinando em Pato Bragado, Porto Mendes, que eles passavam pra fazê uma arrecadação pra poder pagar as despesa, eu acho que deu algum lucro, o Gauchinho, ele também fazia, cobrava ali e lá, como até hoje as rádios vão no comércio e pegam 100 pila de um, 60 de outros, juntam aquele monte e pagam o locutor e apresentam o programa. É uma coisa parecida.

Ele [*Gauchinho*] chegava pedindo patrocínio assim, e daí ele não era taxativo, ele era bastante espontâneo, né? Ele dizia quando devia pagar. Quem pagava mais ele tinha mais vezes durante o programa anunciado o nome da empresa ou por quem pagava mais, do que quem pagava menos [...] ali era livre, mas depois eles falavam menos ou mais o nome de quem patrocinava, por exemplo, se eu pagava 100 reais e o outro 300 reais, lógico que o outro ele ia falar mais. Isso é sabido, certo e sabido. Isso acontecia.¹²³

Nota-se que Brun concebe o patrocínio como um negócio entre ele e Manuel Canabarro, conferindo-lhe a posição de representante dos interesses da Rádio¹²⁴. Os patrocinadores eram anunciados no decorrer da festa e do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*.

Portanto, havia uma negociação envolvendo interesses da Difusora, de Manuel Canabarro, de empresários locais e, também, das associações onde se realizava o evento. Relacionado aos patrocínios, Canabarro afirma que:

Se fosse querer vender mesmo, não tinha espaço pra tocar música e nem, nem fazer nada no programa, era só comercial. [...] Mas aquele tempo tinha um limite, como hoje, eu não tenho hoje, na minha programação, 70% de música e 20, e 30% de, de apoio comercial. [...] O comercial só 30%, e 70 de música, é uma Lei do Dentello, uma Lei do Dentello [Dentel¹²⁵], que uma emissora de rádio [...] não pode ficar, pode botar, só conversa só papo, ele é obrigado, a roda 70%, dessas normas continua. E aí, então, a gente tinha um limite, muitas vez, tinha muitas firmas que a gente ia Pato Bragado, Entre Rios, Santa Helena. Muito programa foi transmitido, muita firma ficava fora. Mas pra não se queimar, eu dava apenas o nome do comerciante, porque não tinha espaço, de tanto que tinha.¹²⁶

Gauchinho, em sua narrativa, salienta o limite de patrocínio do programa de acordo com a lei, e que se ele realmente almejasse lucro, poderia ter se aproveitado da situação, mas ressalta que não o fez.

¹²³ BRUN, op. cit.

¹²⁴ Após o acordo feito entre Manuel e as comunidades e/ou associações de moradores, a respeito do local a ser realizada a festa, dialogando com o presidente da comunidade, juntos faziam a busca de patrocinadores pela cidade onde o evento seria realizado.

¹²⁵ Departamento Nacional de Telecomunicações.

¹²⁶ CANABARRO, 2012. [Grifos nossos].

A respeito dessa arrecadação, Márcia Leobens expõe que Canabarro, em Entre Rios do Oeste, passava pelo comércio arrecadando produtos como colares, brincos, camisetas e brindes diversos, que sortearia como prêmios durante as festas¹²⁷. Teilor Dressing cita produtos como: Vermout, Jamel (cachaça), dentre outras bebidas alcoólicas que também eram sorteadas no momento da festa.¹²⁸

Nelmo Leobens também narra sobre as premiações no decorrer da festa em Entre Rios do Oeste: “Ah, isso era camisetas, era às vez um litro de drinque e às vez bijuteria, as loja, conforme o comércio as lojas doavam brindes e com isso ele fazia a propaganda do comércio daquelas pessoas”.¹²⁹

Em relação à distribuição de prêmios, Quirino Kesler comenta quais produtos eram doados às comunidades de São José das Palmeiras:

Então tinha bastante premiação porque se passava no comércio, em São José e em outros municípios também. Principalmente em São José, meio de tudo, né? É meio imprevisível se era isso ou aquilo, porque era doado né? Passava-se no comércio, pegava doação. Tudo que no comércio era doado era sorteado [...] era sorteado bonés, era tipo balde, bacia, meio de tudo assim, né? [...] chuveiro, pessoal de loja de material de construção.¹³⁰

Diante dos depoimentos, percebe-se que havia uma grande variedade de produtos sorteados no decorrer do evento, dependendo do patrocinador.

Com relação a outros elementos da organização do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, Manuel Canabarro relata alguns aspectos sobre a sua estrutura:

As festas eram uma grande organização dominical. Ela era anunciada 15/20 dias aí, pela emissora, carro de som, e aonde as comunidades tinham uma união muito grande entre as diretorias, desde do presidente, vice-presidente, é, secretariados, as famílias era muito unida aqui, hoje, hoje não tem uma união tão grande como tinha antigamente. Então as festas, a turma queria ganhar fundos, pra construção de igrejas, pavilhão, então [...] era apontado, despontava *Nossa Terra, Nossa Gente*, fazer a festa.¹³¹

Nesses termos, uniam forças em volta de um mesmo objetivo: a busca de recursos para a construção de igrejas e melhorias nas localidades. A narrativa de Canabarro se baseia no objetivo das comunidades adquirirem fundos, e também na sua posição nesse processo, que seria apenas a de intercessor dos objetivos das associações

¹²⁷ LOEBENS, Márcia. Op. cit.

¹²⁸ DRESSING, op. cit.

¹²⁹ LOEBENS, Nelmo. Op. cit.

¹³⁰ KESLER, op. cit.

¹³¹ CANABARRO, 2012.

das comunidades. Ele destaca que a “união era muito grande entre as diretorias”, e que sem elas nada seria possível.

Canabarro acrescenta que o sucesso do programa radiofônico e das festas pode ser verificado por meio da construção de pavilhões comunitários. Em muitos outros lugares, o lucro era direcionado aos cofres da associação de moradores e das comunidades em geral, além de financiar outros eventos.

Botava a cara lá pra ajudar a comunidade, que a união era muito grande. Foi construído com esse programa, a base de vinte anos de programa, mais de trinta ou mais de sessenta pavilhões comunitários [dentre pavilhões de igrejas]. O lucro! O lucro da festa do *Nossa Terra, Nossa Gente*, ficava uma partezinha pra mim, como apresentador, eu ajudava a organizar! Uma parte era pra segurança, e outra parte ficava, pra igreja, pra escola, pra comunidade, a comunidade que, faturava o dinheiro pra construir. Não tinha ajuda de prefeitura, não tinha ajuda de governo, ajuda de ninguém! As próprias festas, que hoje não está acontecendo mais! Acontecia que a própria, a própria festa. *Vamo construir um pavilhão? Vamos!* Com $\frac{3}{4}$ da festa.

132

Ao comentar sobre a divisão dos lucros, Manuel Canabarro se expressa de maneira distinta numa entrevista de 2008 se comparada à realizada em 2012. Primeiramente, apresentou que o lucro era dividido entre ele e as comunidades, ficando com 50% do lucro, quando afirma: “[...] Eu tinha 50% do lucro da festa, daí nós trabalhava pra dez, mais eu organizava tão bem”¹³³. Entretanto, em 2012, afirmou que ficava apenas com uma pequena parte: uma “[...] partezinha para mim”¹³⁴. Contudo, não esclarece a efetiva participação da Rádio Difusora ou se a transmissão era uma das despesas que deveriam ser pagas por ele ou como uma das despesas gerais do evento.

Canabarro evidencia a facilidade em se conseguir patrocinadores, ao expor que: “[...] Era muito fácil. Os patrocinadores, o apoio, era essa festa, era muito fácil, era só chegar, por exemplo, 20 a 30 firmas, o apoio por livre e espontânea vontade. Era uma loucura. Uma loucura!”¹³⁵. É nesse ponto de sua narrativa que fica claro o apelo comercial que atraía os patrocínios para o programa. Contudo, Canabarro não deixa claro o papel da Rádio nessas negociações ou como tais patrocínios eram divididos entre ele e a Rádio.

¹³² Ibidem.

¹³³ CANABARRO, 2008.

¹³⁴ Ibid, 2012.

¹³⁵ Ibidem.

O sucesso do programa é exaltado, também, em uma reportagem do noticiário *Frente Ampla de Notícias*, datado de 1982. Nota-se que a nomenclatura do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* é expressa de maneira distinta, como *Minha Terra, Minha Gente*. Segue a reportagem:

Em Alto Santa Fé, Nossa Terra, Nossa Gente rendeu mais de 550 mil para a sociedade.

Realizado no último domingo na localidade de Alto Santa Fé, município de Nova Santa Rosa, o **programa** *Nossa Terra, Nossa Gente* rendeu à sociedade promotora do evento, a quantia de 557 mil cruzeiros, líquido.

A receita bruta de toda a **feira** foi de 970 mil cruzeiros, arrecadados entre as praticamente 2 mil pessoas que compareceram.

Minha Terra Minha Gente, apresentando dominicalmente ao vivo intercaladamente em várias localidades, tem sempre reunido grandes números de populares, apreciadores da música sertaneja e os lucros têm sido revertidos em benefício das entidades sociais que cediam as apresentações.¹³⁶

A reportagem cita o programa também como uma festa, como um evento em conjunto com a localidade. Percebe-se a Rádio como propagadora de informações sobre o programa radiofônico em volta de uma ação social dirigida às comunidades e/ou associações de moradores, que “necessitavam” de seu auxílio. A reportagem não cita o nome de Manuel Canabarro, mesmo sendo um dos principais promotores do evento e também apresentador do programa. Além disso, a reportagem sugere que o dinheiro arrecadado no evento ficou integralmente com “à sociedade promotora do evento”.

Acerca dessa questão, Márcia Leobens relembra:

[...] tipo a entidade tinha uma festa com o almoço, então para chamar a população eles chamavam o programa *Nossa Terra Nossa Gente* para chamar o povo, por que ele fazia toda a divulgação da festa na rádio, da festa. E não tinha o custo da propaganda também. Ele [Canabarro] divulgava, chamava o pessoal para a festa, anunciava o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. E como tinham aqueles seguidores fiéis, eles todos iam vindo e todos iam se apresentando no lugar da festa e almoçando [...].¹³⁷

Segundo Nelmo Leobens:

[...] pra trabalhar na festa, pra divulgar, pra eles ter um lucro pra melhorar, o seu bairro, para suprir as necessidades daquele bairro né? Daí tanto fazia festa de igreja, como festa de comunidade, quem promovia uma festa e convidava eles pra participar, então às vez eles

¹³⁶ FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 82. 08/07/1982.

¹³⁷ LEOBENS, Márcia. Op. cit.

contratava outro conjunto pra de tarde, e daí de manhã aqueles que participava do programa, os promotor do evento davam o almoço.¹³⁸

A fala de Nelmo Leobens indica a existência de algumas controvérsias, no que se refere à contratação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*:

Então, essa coisa já existia naquela época, essas controvérsias né? Mais assim, é... muitas vez vem pessoa, “ah não, fazer a festa sozinho, nós não precisamos mais do programa pra divulga, nós vamos pagar propaganda”. E assim ele passava no comércio, o comércio, né, dava uma pequena parcela e ele fazia a divulgação da festa né, durante a semana já, chamando pessoal pra festa, então isso ele sempre passava no comércio, e, quando quer participar tinha seu nome divulgado já na rádio e no dia da festa. Então pra comunidade, para a promotora da festa, não dava despesa.¹³⁹

Para Leobens, a junção do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* com as festas locais facilitava a organização do evento, pois não havia despesas para a comunidade. Para ele, os patrocinadores eram os únicos que poderiam, em algum momento, terem declarado alguma insatisfação em relação ao programa radiofônico. Leobens expõe:

Quem tinha despesa era as firma que, é, que, patrocinava né, a propaganda né, pra ele já divulgar uma semana antes na rádio, daí vinha os nome da firma que patrocinavam e as firmas que dava às vez uns pequenos prêmios pra ser distribuído, então naquelas firma ganhava a propaganda né, então é, a comunidade por exemplo não tinha despesa.¹⁴⁰

Leobens fala sobre a preocupação na organização desses eventos, como o objetivo de atender bem os participantes: “[...] carne boa, cerveja preço bom também, tudo isso faz parte né, que faz uma festa explorar, explora uma vez que aquilo fica marcado, eles podem ter um lucro momentâneo, mais a próxima vai ser fraco”.¹⁴¹

Em relação ao sucesso e a longevidade das festas e do programa em São José das Palmeiras, Quirino Kesler afirma:

Inclusive, a última que nós fizemos aqui foi muito boa. Que nós inclusive matamos dois bois. [...] foram 169 garrafas de Skincariol e 82 de refrigerante que saíram na época. E dois boi que nós vendemos, que nós pra o almoço, eu me lembro muito bem, o dia que [...] foi na época do cruzeiro [...] mas era um e oitenta e cinco, a garrafa se eu não me engano, eu sei que semana inteira eu vi aquelas moedinha, tudo aquilo passou na minha mão, eu tava sozinho no caixa [...] aí no

¹³⁸ LEOBENS, Nelmo. Op. cit.

¹³⁹ Ibidem.

¹⁴⁰ Ibidem.

¹⁴¹ Ibidem.

fechar de noite né? Pra meio a meio a bebida, fechamos o caixa, e pagamos o Teilor e o Gauchinho.¹⁴²

Kesler expressa que o sucesso das festas dependia da quantidade de cervejas vendidas em sua comunidade, na Linha Codal, em São José das Palmeiras, e que era assim que se fazia a estimativa de participantes.

Quanto ao lucro das festas, Ivar Luiz Brun afirma expõe que:

[...] eles faziam música, propaganda, era mais interesse do Gauchinho, da rádio. [...] Eles contratavam, e por isso eles ganhavam um salário só para eles. E daí pegavam os patrocinadores para pagarem eles, gaiteiros, violeiros, eles vinham de graça, ficavam contente quando eram convidados. [...] Vinham aqui da região, vinham uns de fora, que cantavam melhor. Mas aqui nessa região tinha bastante na época, assim que cantavam e tocavam.¹⁴³

Brun salienta que os maiores interessados na realização do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* eram o *Gauchinho* e a Rádio Difusora, devido ao lucro que seria obtido¹⁴⁴. A grande maioria dos depoimentos analisados não se refere à Rádio em si, mas ao apresentador do programa. *Gauchinho*, como um representante da Rádio, por meio do programa itinerante constituiu um elo entre a Rádio Difusora, a população e as empresas patrocinadoras.

Outro aspecto é a relação entre ouvinte/público/participante, que rompe, de certo modo, com o distanciamento estabelecido pela rádio e programas convencionais. A respeito dessa distinção do programa ao vivo e a audição em casa, Pedro Nunes afirma que:

Seria a mesma coisa, tá ali sintonizado escutando, então você não vê, é um, é uma sensação, porque é um programa ao vivo, né, nós estamos escutando um CD, um DVD, uma coisa assim, né, mais lá não, lá era diferente, lá as pessoas vim canta ao vivo, já é, é uma outra sensação, porque você sente assim, pô meu, como é que essas pessoa têm coragem de cantar na frente dum microfone, né?¹⁴⁵

Para Nunes, que participou das festas e do programa em Entre Rios do Oeste, o ato de ouvir o programa ao vivo possibilitava diferentes emoções, distintas das convencionais pelo fato de estar presente, vendo os cantores se apresentarem ao vivo.

Quirino Kesler, participante das festas e do programa em São José das Palmeiras, frisa que ouvia a transmissão ao vivo do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*

¹⁴² KESLER, op. cit.

¹⁴³ BRUN, op. cit.

¹⁴⁴ Ibidem.

¹⁴⁵ NUNES, op. cit.

todos os domingos. Para ele, ouvir o programa era importante: “[...] porque eram pessoas da nossa região que tava divulgando o talento da nossa região [...]”.¹⁴⁶

Diferentemente de ouvir o programa *Nossa Terra, Nossa Gente* no espaço da casa, estar presente no evento possibilitava outras sensações e percepções. O programa radiofônico permitiu que homens e mulheres pudessem ter, além do prazer e entretenimento, a oportunidade de subir ao palco e fazer ouvir, pela primeira vez, suas vozes. O programa e as festas contavam com a participação de um grande número de pessoas, tanto no palco quanto na plateia. E, como exposto, sujeitos das mais variadas condições sociais e culturais estavam no espaço das festas, em diversas localidades.

Nota-se, nas entrevistas, as diferentes atividades realizadas no evento em São José das Palmeiras. Nesse sentido, Alípio Hoelscher¹⁴⁷ nos apresenta a dinâmica do evento neste local:

Sim, sim, jogava truco, jogava o... pontinho, [...] Então eles, praticamente eles, se criaram num outro sistema, e eles, gostavam, outros jogavam, uns jogava bola, né? E ali eles passavam o dia assim. Tinha torneio. [...] já começavam cedo os torneio, depois da missa começava o programa do Gauchinho e já começavam, o torneio [...]...e depois conforme a iluminação, aí ia até meia-noite, o torneio.¹⁴⁸

Alípio Hoelscher conta que havia “[...] torneio de futebol suíço tinha, prêmio bom, tinha nós fazia torneio de futebol suíço, dava 32 time, batemos o recorde do município [...]”¹⁴⁹. O torneio que perdurava o período da festa, configurava-se, portanto, numa atividade paralela à programação do *Nossa Terra, Nossa Gente*. A premiação do futebol suíço era feita a partir do que conseguissem arrecadar das empresas. Segundo Hoelscher, “[...] o comércio, pegava... comércio mesmo e aí eles colaborava, ganhava um troféu ou ganhava em dinheiro, né?”¹⁵⁰. Destaca, também, que muitas vezes poderia premiar com algum “[...] boizinho, ou troféu, ou em cerveja. Primeiro lugar tinha um boi”.¹⁵¹

¹⁴⁶ KESLER, op. cit.

¹⁴⁷ Alípio João Hoelscher. Nascido em 16/11/1949, em Três Passos - RS, casado, quatro filhos, agricultor. Reside em São José das Palmeiras - PR desde 1988. Foi presidente da associação de moradores da comunidade São Cristóvão em São José das Palmeiras, organizou e participou das festas e do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*.

¹⁴⁸ HOELSCHER, Alípio João. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em São José das Palmeiras, dia 29/09/2012.

¹⁴⁹ Ibidem.

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ Ibidem.

Muitos depoentes narraram sobre a *Missa Crioula* como uma atividade que era realizada em algumas comunidades antes do programa ser transmitido ao vivo. Manuel Canabarro expõe: “Diversas missas crioula, Novo Sarandi, Toledo, foi feito dentro do meu programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Terminava a missa e o programa ia pro ar, e à tarde a bagunça ia até meia-noite”.¹⁵²

A *Missa Crioula* constitui-se de uma liturgia criada no Rio Grande do Sul pelo Padre Paulo Murab Aripe, conhecido como *Padre Potrinho*, que estava ligado ao Movimento Tradicionalista Gaúcho. A concepção desse estilo de liturgia se deu após o Concílio Vaticano II no início da década de 1970, que incentivou as igrejas a incorporar traços culturais de sua região à liturgia de suas missas.¹⁵³

O teólogo Carlos Dutra, em sua exposição sobre a missa, destaca que:

De início percebe-se, nos "preparativos para a Missa Crioula" (8), a tonalidade "artística que assume o evento: adornos sacros e campeiros, lenços, brancos e vermelhos, caracterizando as frentes autoritárias da época – Partido Republicano Riograndense e Partido Federalista, chimango e maragato, respectivamente, a nível popular (9) –; Bandeira Nacional, do Rio Grande do Sul e outras; um conjunto musical para o "show"; dois "trovadores" e um bom comentarista.¹⁵⁴

Os depoentes relatam a *Missa Crioula* em outros eventos, principalmente, nas cidades de Entre Rios do Oeste e São José das Palmeiras. Ou seja, a realização da *Missa Crioula* não era uma atividade realizada somente no *Nossa Terra, Nossa Gente*, bem como não era organizada toda a semana.

Sobre alguns lugares onde se realizava a *Missa Crioula*, Nelmo Leobens relata que: “Bom, fazia, nós fizemos até aqui em Entre Rios, fizemos em Pato Bragado, no CTG. Fizemos [...] lá em São José”¹⁵⁵. Já de acordo com Manuel Canabarro: “[...] isso saía mais no município de Toledo. Aconteceu aqui em Mercedes, aconteceu, acho que, se não me engano em Entre Rios aconteceu uma também, Missa crioula”.¹⁵⁶

De acordo com Manuel Canabarro a *Missa Crioula* era uma celebração:

Onde se reunia o pessoal da comunidade, eles faziam um grande treinamento nas músicas sertaneja, e aí adaptava para, para um, pra hino religioso, então música sertaneja, cantante, falando em Deus,

¹⁵² CANABARRO, 2012.

¹⁵³ FÉ Gaúcha. *Missa*. Disponível em: <<http://www.fegaucha.com.br/missa.htm>>. Acesso: 29/12/2012.

¹⁵⁴ DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. "*Missa Crioula*" e ideologia. *Telecomunicação*. Porto Alegre, v.16, n.71/74, p. 22-30, 1986. Disponível em: <<http://dutracarlito.com/missacrioula.pdf>>. Acesso: 28/12/2012.

¹⁵⁵ LEOBENS, Nelmo. Op. cit.

¹⁵⁶ CANABARRO, 2012.

como tem hoje música gospel, tem bastante. Hoje! A música gospel. Antigamente pegava aquelas música sertaneja, e [...] Cantava em coro, então treinavam e cantava em coro. [...] O pessoal que cantava nas igrejas, então cantava, e essa música era cantada. Não tinha uma música é, assim de costume que, cantava nas missa. Era tudo música, sertaneja e gauchesca, transformada em música religiosa. E aí [...] o padre era bem campeiro. [...] Em vez de chegá e abençoá os cara, dizia *Buenas tchê, tamo chegando*. (Risos).¹⁵⁷

Nelmo Leobens, ao relatar como era organizada a *Missa Crioula* em São José das Palmeiras, ressalta a presença de sua esposa e também do padre. Segundo ele:

[...] nós ali tinha um grupo também que fazia, eu fazia a liturgia. [...] eu fazia a liturgia e, é a Lúcia tinha um grupo de cantor, daí a liturgia era tipo num linguajar, típico gauchesco né, mais é, não fugia das regras da missa normal, só que tinha que ter uma padre que entendia um pouco. [...] então essas missa crioula como, assim, gaúcha, missa gaúcha né?¹⁵⁸

Quanto à *Missa Crioula* na cidade de Entre Rios do Oeste, por meio da narrativa de Leobens, percebe-se a sua realização não somente na programação do *Nossa Terra*, *Nossa Gente*, mas também na festa de comemoração do aniversário da cidade. De acordo com ele, havia certo entrosamento entre quem fazia essas *Missas Crioulas* e as organizações de CTGs: “[...] então tinha pessoa, pessoas onde tinha o padre que fazia, então que nem no CTG, já tinha, então, sempre havia mudanças e procurava-se melhorar”.¹⁵⁹

Pedro Nunes indica que, no bairro Paraíso, em Entre Rios do Oeste, a realização da missa não estava relacionada ao programa radiofônico: “[...] no bairro Paraíso não, nós fizemos missa crioula assim, mais fizemos ali na praça, na praça municipal, fizemos missa crioula”.¹⁶⁰

Nunes narra a realização da *Missa Crioula* em Entre Rios do Oeste na Semana Farroupilha e sua participação na execução do evento de modo bastante interessante “Porque eu sei, você se arrepiá, tudo as música, as música da Missa Crioula, é música da Igreja Católica, mais é cantado num estilo diferente, uma coisa bonita que eu, eu nunca tinha visto, eu quando vi a primeira veiz, eu né, fiquei emocionado [...]”.¹⁶¹

¹⁵⁷ Ibidem.

¹⁵⁸ LEOBENS, Nelmo. op. cit.

¹⁵⁹ Ibidem.

¹⁶⁰ NUNES, op. cit.

¹⁶¹ Ibidem.

Nelmo Leobens salienta que não eram em todas as cidades que se transmitia a *Missa Crioula*. Isso se deve ao fato da própria identificação com os valores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, pois:

Procurou-se "transmitir o Evangelho numa linguagem adequada ao entendimento do homem do campo, através da trova, do verso, do falar enérgico (sic!) e das comparações". Buscou-se falar em "Bom Tropeiro" em vez de "Bom Pastor". Passou-se a comparar a "marca eterna do Batismo com a marca no couro que não desaparece mesmo depois de curtido". Empenha-se a "pastoral na Campanha" em valorizar as lendas, os costumes e os "princípios morais", fazendo com que. Igualmente "Missa Crioula", surjam também o "Batizado Crioulo", o "Casamento Crioulo", entre outras iniciativas.¹⁶²

Nota-se uma adaptação da *Missa Crioula* que se tornou uma prática cultural compreendida como um espaço social para os sujeitos que buscam valorizar elementos característicos do Sul do país, já que muitos são descendentes ou oriundos da região.

2.2 – A dinâmica das festas e do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*

A itinerância do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* se mostra como um importante elemento para seu sucesso, pois havia grande participação e circulação de sujeitos de várias localidades num só espaço.

De acordo com a narrativa de Manuel Canabarro, desde a transmissão do primeiro programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, havia a participação de políticos. Canabarro declara:

Antigamente, fiz na igreja em Pato Bragado também, o pessoal aprendeu a conhecer o programa e ouvir pela rádio. Pra ouvi na rádio era a maravilha maior. Coisa mais linda do mundo, transmitido. Era novidade. **Autoridades falando. Prefeito, vereadores, padre, pastor benzendo o povo [...].**¹⁶³

Manuel Canabarro complementa que: “Ah! Quando os políticos apareciam nas festas, independente de cor partidária. A gente não fazia política, política no programa”¹⁶⁴. Do mesmo modo em que diz não fazer política no programa, relata ter autorizado os candidatos a fazerem o uso da palavra. Em suas palavras: “[...] o cidadão

¹⁶² DUTRA, op. cit.

¹⁶³ CANABARRO, 2008. [Grifos nossos].

¹⁶⁴ CANABARRO, 2012.

político era bem recebido, ele usava a palavra, e dizia ao povão, o que ele estava fazendo, o motivo da visita dele na região”.¹⁶⁵

Era evidente que Canabarro estava tomando posicionamentos quanto à participação política, pois era conveniente permitir aos políticos ou candidatos fazer pequenos pronunciamentos, para não criar atritos, que eventualmente poderiam complicar a realização do programa em determinada localidade. Sobretudo, devem-se levar em consideração as práticas políticas, já que Canabarro era um representante da Rádio Difusora. Uma questão que fica é se tais pronunciamentos de políticos eram ou não transmitidos ao vivo.

Quando perguntado sobre o que faziam os políticos, Manuel afirma: “Olha, eles estavam colocando uma semente, os políticos colocavam uma semente para o dia de amanhã”¹⁶⁶. Expressa, ainda, que: “[...] era minado de político, porque político gosta do ‘canequinha’, gosta do caneco!”¹⁶⁷. Nota-se a presença deste “cidadão político” em um momento de divertimento, expondo sua imagem e suas intenções para os sujeitos presentes no evento.

A política estava presente tanto no programa como nas festas. A própria dinâmica e mobilidade do evento era ideal para muitos candidatos. Canabarro afirma: “Mas ele ia numa festa, ele ia na outra. Tinha político que seguia acompanhar o roteiro das festas, e acompanhava. Porque ele ia ter um direito muito fácil, de chegar no dia de pedir um votinho”.¹⁶⁸

Alípio João Hoelscher atuou como presidente da comunidade da linha São Cristóvão, no município de São José das Palmeiras, e a respeito da participação de políticos relata a existência de clientelismo político, baseado na troca de favores:

Claro que tinha. Naquele tempo podia, hoje já não... Naquele tempo político podia vim pagar cerveja pro pessoal né? E hoje não, já não pode mais porque, hoje a lei mudou, mas naquele tempo, é, sempre fazia festa, época de política aí que tu ganhava dinheiro. E hoje já não, não vem um político, quando faz festa. O que eles faziam nas festas assim, além de participar? Ah, eles, [...] pagava umas garrafa de cerveja, pagava inscrição pros time participá dos tornei,o né? Isso aí não era novidade não, que eles vinha juntava um, 8, 10 moleque lá na vila lá e vinha ali, candidato a vereador, eles pagava a inscrição e já participava do torneio. [...] isso era mais na época das eleição.¹⁶⁹

¹⁶⁵ Ibidem.

¹⁶⁶ Ibidem.

¹⁶⁷ Ibidem.

¹⁶⁸ Ibidem.

¹⁶⁹ HOELSCHER, op. cit.

Hoelscher confirma essas participações em São José das Palmeiras, principalmente, por haver candidatos em campanha política que se aproveitavam desses eventos, utilizando-se do programa e da festa para projetar seu nome. Sobre o período fora da época de eleições, quando questionado se mesmo assim havia a participação de políticos nas festas do programa radiofônico, respondeu que: “[...] depois um ou outro né, colaborava também, mais era pouco”.¹⁷⁰

Quirino Kesler destaca que em São José da Palmeiras, o ex-prefeito José Neri das Chagas¹⁷¹ chegou a se apresentar como cantor no *Nossa Terra, Nossa Gente*, o que já fazia no programa antes mesmo de ter sido prefeito da cidade. E também comenta que “[...] prefeitos, vereadores, esses sempre participaram em todas as festas, participava, lotava mesas só com esse pessoal”.¹⁷²

Segundo a exposição de Pedro Nunes:

Querendo ou não querendo, não dependendo de ala política, mais assim, ambos os lados, todo eles participaram, né? Não dependendo a, como é que se diz? É, sigla partidária. Todos eles sempre tiveram apoiando o bairro Paraíso. [...] Querendo ou não querendo, o comércio e os, né, na realidade na ala política, ambos os lados todos participavam com nós.¹⁷³

Nelmo Leobens também assinala a característica positiva da participação de políticos:

[...] ajudaram a atrair o pessoal né [...]. Mas sempre tinha os políticos que tinha interesse pela comunidade, eles estavam direto né, todas as, que nem em Marechal Cândido Rondon, tinha muitos vereador que sempre apoiavam os bairro né, ajudava a promover e aí, né, e os outros sabe que eles só ia na época de campanha, né?¹⁷⁴

Leobens justifica que a participação de políticos locais atraía uma maior quantidade de pessoas para as festas e para o programa. Alguns, inclusive, atuavam como promotores do evento.

Era conveniente aos políticos participarem e incentivarem as festas e o programa. Sobre isso, Arlindo Pedron, organizador e participante em Mercedes, comenta: “[...] cada vez aumentava mais o negócio de incentivar as festas dele

¹⁷⁰ Ibidem.

¹⁷¹ José Néri Chagas foi eleito prefeito em 2000 e reeleito em 2004, exercendo o cargo entre 2001 a 2008.

¹⁷² KESLER, op. cit.

¹⁷³ NUNES, op. cit.

¹⁷⁴ LEOBENS, Nelmo. Op. cit.

[*Gauchinho*]. E, ele até inclusive o prefeito da cidade sempre participava das festas, os políticos participava, e incentivavam para a comunidade”.¹⁷⁵

Protásio Wolfart, na condição de músico, narra um caso bastante singular sobre o programa na cidade de Entre Rios do Oeste, na época ainda distrito de Marechal Cândido Rondon. Este fato ocorreu no bairro Paraíso, que na época era conhecido como “Mutirão”. Segundo Wolfart, o programa radiofônico *Nossa Terra, Nossa Gente* teve como palco a carroceria de um caminhão, e foi realizado para comemorar a entrega das chaves das casas populares aos moradores¹⁷⁶. Todavia, apenas o programa ao vivo e o ato de entrega das chaves é que ocorreu em cima da carroceria do caminhão, o restante da festa ocorreu no pavilhão da Igreja Católica.¹⁷⁷

Tal evento estava relacionado ao Projeto Mutirão que foi realizado em vários distritos da região de Marechal Cândido Rondon, como Pato Bragado, Quatro Pontes e Entre Rios, ao longo de 1987. Trata-se de uma parceria entre o município e a COHAPAR (Companhia de Habitação do Paraná), com o auxílio de “mutirantes” e associações de moradores, para a construção de casas populares destinadas a pessoas de baixa renda.

Em relação à construção das casas no bairro Paraíso em Entre Rios do Oeste, temos a seguinte notícia do *Frente Ampla de Notícias*, do ano de 1987:

Entre Rios terá núcleo do projeto mutirão

Está marcada para próxima sexta-feira, à noite, no Pavilhão da Comunidade Católica, no distrito de Entre Rios, uma reunião envolvendo técnicos da Cohapar, Prefeitura Municipal, e interessados daquela localidade, para discussão sobre a construção de um núcleo do projeto Mutirão, naquele distrito.

O contato que mantivemos com o administrador distrital de Entre Rios, Romeu Backer, perguntamos a ele se realmente existe a necessidade do projeto Mutirão para a população de baixa renda daquele distrito.....grav.

Quanto ao número de casas deste futuro núcleo habitacional, Romeu Backes afirmou.....grav.....

Para que o núcleo do projeto Mutirão seja construído, há necessidade de que a prefeitura forneça o terreno adequado, para que a Cohapar autorize o início da obra a ser executada pelos futuros moradores.

A respeito deste local para a edificação do Núcleo, o administrador distrital de Entre Rios, destacou.....grav.....¹⁷⁸

¹⁷⁵ PEDRON, op. cit.

¹⁷⁶ WOLFART, op. cit.

¹⁷⁷ Ibidem.

¹⁷⁸ FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 142. 20/01/1987.

É pertinente levar em consideração que a escolha da localização do Mutirão poderia estar associada também ao objetivo de valorização de terrenos localizados entre o perímetro urbano da localidade e este bairro.¹⁷⁹

Sobre o projeto de construção das casas, em outra reportagem do programa noticiário *Frente Ampla de Notícias*, lemos o seguinte texto:

Mais de 70 inscritos no mutirão em Entre Rios

Em reunião realizada na noite de ontem no distrito de Entre Rios, que contou com a presença de aproximadamente 100 pessoas, além do Prefeito Ilmar Preisretz, do Vice Ademir Bier, e dos responsáveis pelo Departamento de Assuntos Comunitários, foi discutida a implantação do projeto Mutirão naquela localidade.

Após ter sido feito o demonstrativo, e os critérios para participação, foram abertas as inscrições para os interessados, registrando-se mais de 70 inscrições, somente no local.

A partir de agora a municipalidade deve viabilizar a área para a construção a definir com a Cohpar, o início da obra.¹⁸⁰

A inauguração do “mutirão” em Entre Rios do Oeste ocorreu no mês de agosto de 1988, e, na respectiva data do evento, anunciou-se:

Tudo pronto para festa de inauguração do mutirão em Entre Rios

Acontece no domingo no distrito de Entre Rios, festa para inauguração ou sorteio de chaves do Núcleo Habitacional construído no distrito através do projeto mutirão, e também do Pavilhão Comunitário.

O Vereador Renato Grasel, do PMDB, que representa o distrito na câmara, falou sobre como está a organização para as festividades de domingo em Entre Rios.....grav.

Perguntamos a Renato Grasel, se a realização da convenção do partido no domingo não poderá prejudicar a festa, ou vice e versa..... grav.

Outra questão abordada com o vereador foi sobre o grande número de candidatos a vereança lançados no distrito de Entre Rios, hoje em número de cinco..... grav.¹⁸¹

Com relação à “festividade” da entrega das chaves do “Núcleo Habitacional”, destaca-se que a festa com o programa *Nossa Terra, Nossa Gente* não é citada na notícia, mas menciona-se a convenção do partido PMDB na mesma data.

Pedro Nunes morador do bairro Paraíso, ao narrar sua trajetória de vida, descreve sua participação no sorteio das casas no bairro no ano de 1987. Por meio desse

¹⁷⁹ Seria pertinente um estudo sobre os interesses econômicos e políticos da escolha do local para a construção das casas do bairro Paraíso no Projeto Mutirão.

¹⁸⁰ FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon Id. Vol. nº. 142. 24/01/1987.

¹⁸¹ Ibid. Vol. nº. 161. 05/08/1988.

sorteio, realizou seu sonho de aquisição da casa própria, tendo um prazo de 25 anos para quitar o financiamento.

Fui sorteado com essas casinhas, conseguimos ganhar a casinha, conseguimos se livrar do aluguel. Daí né, o dinheiro que nós pagava em aluguel, daí nós paga as prestação da casa hoje em, eu vou falar uma coisa pra você, as prestação da casa nós paga hoje 26, 27, não dá 28 real.¹⁸²

Atualmente, Nunes ainda reside no bairro, porém, numa outra residência pagando aluguel pela casa que vive com a família, pois cedeu sua casa adquirida no sorteio para que sua sogra de 84 anos tivesse um lugar só dela. A respeito do programa radiofônico apresentado em um caminhão, *Gauchinho* confirma a sua realização ao falar da inexistência de um pavilhão no bairro Paraíso para a realização do programa. Isso justifica a própria realização da festa e do programa, pois arrecadaria dinheiro para a construção de um pavilhão:

Olha, em cima do caminhão, porque o pavilhão de Entre Rios do Oeste, não, não estava pronto, tinha só o alicerce, e o povo precisava ganhar um fundinho pra [...] dá continuidade no pavilhão, levantar, aprontar o pavilhão. [...] E aí, acharam. Ó vamos fazer um palco pra ficar baixo, vai juntar muita gente. Tinha em torno de umas 2.000 pessoas, aí foi feito o palco dum caminhão, e o programa foi feito em cima dum caminhão. Era negro subindo, negro descendo, aquele fervor em cima dum caminhão. Fizemos um palco provisório. Pra poder a turma assistir, é ficar ouvindo os músicos, e vendo, vendo direito o funcionamento da programação. O que foi organizado pela sociedade. Ali subia presidente, subia político, ali subia tudo! Faltava só pedir voto, mas o resto subia era tudo!¹⁸³

Ao se referir ao programa e à festa em Entre Rios do Oeste, Nelmo Leobens frisa a grande participação de sujeitos que ele denomina “gente humilde”: “Então quem não participava em, assim, maciçamente era classe média alta né, porque ali participava muita gente humilde assim, que, gostava da festa, brincadeira, né?”¹⁸⁴. Em sua narrativa enquanto participante do *Nossa Terra, Nossa Gente*, afirma que:

Geralmente, era participante, eu organizava era mais na comunidade católica, e quando, quando a gente trabalhava no cursilho, daí fazia as festa do cursilho né? Mas, assim, outras comunidades nunca cheguei a, nunca por causa de, a gente era funcionário então não podia ser em, assumir pra presidir uma comunidade, então, aí é muito serviço né, então eu sabia que não podia fazer um bom trabalho então eu sempre

¹⁸² NUNES, op. cit.

¹⁸³ CANABARRO, 2012.

¹⁸⁴ Ibidem.

coloquei que não adiantava eu assumir, como tava bom, [...] pega sempre pessoas disponíveis né, não aqueles que tinha seus limites, de não pode trabalhar o suficiente pra que a coisa continuasse do jeito que tava indo, né? ¹⁸⁵

Sérgio Roberto Batista, policial, residente em Entre Rios do Oeste, participou das festas do programa em diversas comunidades, e sobre o público do programa recorda que:

Não, ali era liberal, ali era pra todos! O programa era aberto pra todos né? Programa mesmo, a festa era feito pra todos né? Claro que muita gente vinha, escutava, ou vinha almoçar, ou nem dava bola, tava ali direto ou até desviava do programa. Sabe? Pra não tá direto o salão e não fazia [...] o Gauchinho gostava de fazer às vez em quando umas entrevistas com empresário, é com professor, com policiais, pois ele, não distinguia ninguém, ele fazia entrevistas quando dava na cachuleta dele, escolhia um ou dois e dizia lá hoje vou entrevistar o meu amigo! Tudo no improviso! Perguntas no improviso e respostas improvisadas (risos). Mais ou menos isso. ¹⁸⁶

Para Batista, esses eventos eram abertos ao público, onde praticamente tudo era liberado, menos as brigas, tendo em vista que a existência de brigas se contrapõe à ideia de existência de uma comunidade, de um “bem comum”. Sobretudo, apresenta o improviso no programa *Nossa Terra, Nossa Gente* como um elemento essencial de seu funcionamento. Isso teria se tornado uma das características principais do evento, já que Canabarro poderia entrevistar tanto os cantores, participantes em geral, bem como políticos, sem nenhum problema.

Manuel Canabarro, no ano de 2008, narra sobre o programa radiofônico e as festas a partir de suas experiências enquanto “manda-chuva” do evento:

Eu fazia a frente, ficava comandando junto com o pessoal da diretoria, com todo o pessoal, visitando as mesas, visitando os visitantes, agarrava o microfone, registrava as visitas. O pessoal lá da comunidade estamos aqui, lá da outra localidade. Pessoas que queria chegar na festa e ir embora, já não ia mais, já ficava por ali. A gente segurava [...]. ¹⁸⁷

No espaço do programa e das festas, presenciavam-se distintos participantes, alguns somente na parte da manhã, na transmissão do programa e/ou para almoçar, e outros que participavam das matinês e bailes. Nelmo Leobens, ao tratar da dinâmica do evento, afirmou que:

¹⁸⁵ Ibidem.

¹⁸⁶ BATISTA, op. cit.

¹⁸⁷ CANABARRO, 2008.

Não que nem hoje em dia né, daí conforme também as condições do povo né, aquela época né, talvez o pessoal às vez vinha de manhã, ou vinha só depois do meio-dia, outros vinham de manhã ficava até a tarde, almoçava participava de toda a festa né. E outros às vez só vinha de manhã, um só vinha almoçar, outros aí vinha depois do meio-dia, pra daí vinha tipo sempre um matinê, um, dança depois do meio-dia [...] Então participava os jovem, tudo mundo queria dançar, quem gostava da dança e festa aí vinha à tarde. [...] Casais muitas vezes vinha de manhã e de tarde às vez saía né, mais a juventude começava mais, vim à tarde né?[...] Geral né, público geral, né? ¹⁸⁸

Protásio Wolfart, residente em Entre Rios do Oeste, narra que no período da realização do programa possuía um conjunto musical que tocava os mais variados estilos, apresentando-se em Entre Rios do Oeste e região. Sua banda teria sido contratada para animar a programação do *Nossa Terra, Nossa Gente* em Entre Rios, no pavilhão católico. A partir da programação, ao referenciar os bairros e comunidades, afirma que “[...] o programa era mais a classe baixa, né, os pobres mais que ia naquelas festas”. ¹⁸⁹

Manuel Canabarro, diferentemente de Protásio, visualiza o programa e as festas sob outro viés, quando diz: “[...] Olha! Modo geral a comunidade, a comunidade muito unida e é todo, todo o estilo de pessoas, ia pobre, médio, rico, todo mundo ia na festa”¹⁹⁰. Assim, diferentes sujeitos os frequentavam, mas Canabarro apresenta uma suposta harmonia nesses eventos. O programa *Nossa Terra, Nossa Gente* era uma festividade, sobretudo, marcada pela diversidade de sujeitos que compunham esse espaço.

Muitas narrativas expõem São José das Palmeiras como um local com características bastante singulares, distinto das demais localidades onde se realizava o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Muitos dos depoentes apresentaram o município relacionado aos outros com um “sistema diferente”, retratando certo estranhamento, já que a maioria da população é composta por sujeitos provenientes de Minas Gerais, São Paulo e da região nordeste do Brasil.

Manuel Canabarro, ao salientar sobre o programa e as festas em São José das Palmeiras, afirma:

Olha, lá derrubava o mundo! [...] Se muda, se mudava Santa Helena pra São José das Palmeiras. [...] Festa de duas/três mil pessoa. Numa

¹⁸⁸ LEOBENS, Nelmo. Op. cit.

¹⁸⁹ WOLFART, op. cit.

¹⁹⁰ CANABARRO, 2012.

feita, fizemos uma festa, o *Nossa Terra, Nossa Gente*, um bingo, dum carro, quando era permitido, 12 mil pessoas numa festa minha. Doze mil pessoa! [...] Muita gente! São José das Palmeiras. [...] No centro da cidade. [...] É! E um palco montado com “planchas”, é tinha cidade que foi, colocavam um caminhão e uma escada pra turma, os macaco subir (*risos*). E lá em São José das Palmeiras era feito um palco, palco provisório, um palco assim de cabê 100 ou 150 pessoas, senão não tinha lugar pros político, né? (*risos*). [...] Palco, palco de madeira, feito de madeira, com se fizesse um alicerce numa casa, um palco pra turma subir, pra população poder enxergar. [...] Enxergava os artista cantando. [...] O jogo de bingo também. [...] Funcionava muito bem em São José das Palmeiras. Bingo beneficente saiu muito.¹⁹¹

Sua narrativa salienta a grande quantidade de participantes presentes no evento, estimando em 12 mil pessoas o número de participantes, bem como a organização do ambiente e como o espaço do palco era projetado.

Também em São José das Palmeiras, mais especificamente a respeito da participação do público na localidade da Linha Codal (zona rural deste município), Nelmo Leobens afirmou que: “[...] nessa região daí parecia que, toda comunidade participava”¹⁹². Diferentemente de outros locais, ao dizer que: “[...] dependendo a cidade pequena tinha lugar, onde tinha pouco, pouca gente assim [do lugar]”.¹⁹³

Pedro Nunes, ao relatar sobre o programa e as festas nas comunidades da região de São José das Palmeiras, destaca sua atuação na banda *Os Fandangueiros*, que era contratada pelo programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Nunes relata que os lugares onde teria acompanhado o programa seriam as regiões da área rural, tal como nas linhas Barra Funda, Codal e São Cristóvão. Nunes a respeito dessas experiências, afirma: “Todas as festas que eu participei com o Manuel Canabarro, no programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, em São José. Uma das maiores festas até hoje que eu não esqueço, e jamais vou esquecer se chama Codal [zona rural de São José]”.¹⁹⁴

Nunes narra sobre as sociabilidades estabelecidas em São José das Palmeiras da seguinte maneira:

[...] o pessoal sabe, aquela família nordestina, né? [...] É... Legítimo brasileiro mesmo, né, trabalha e vai. [...] Chegou sete hora da noite, todo mundo pra lá de Bagdá né? O que tinha de dinheiro torraram. [...] Tinha uns dormindo na grama né? [...] Deitado na grama que não com... Deitado na grama, outros lá dentro quebrando garrafa, aí no final o Carmel chegou e falou assim: “de agora pra frente”, ele falou. “Aquele que quebrar mais uma garrafa na frente do balcão vai ter

¹⁹¹ CANABARRO, 2012.

¹⁹² LEOBENS, Nelmo. Op. cit.

¹⁹³ Ibidem.

¹⁹⁴ NUNES, op. cit.

comigo!”. E né? “Ponho a mão no 30”. Ele ponhou ordem na casa, porque ele era o presidente, e todo mundo respeitava. E a festa continuou, venderam 120 caixa de Antarctica na época, em garrafa. [...] Então, isso, isso se chama festa, né? ¹⁹⁵

Nunes refere-se aos sujeitos de São José das Palmeiras como festivos, lembrando-se das festas de maneira descontraída e aos risos. Contudo, nota-se certo distanciamento em sua narrativa e a sua não identificação com os habitantes daquele local, que ele identifica como “nordestinos” e “legítimos brasileiros”, com valores e costumes distintos dos seus, que “torram” todo o seu dinheiro na festa.

Alípio Hoelscher é residente em São José das Palmeiras e atuou como presidente da comunidade da Linha São Cristóvão. Em muitos momentos de sua fala não se identifica com a população residente no local. Ele ressalta a diversidade de pessoas do lugar:

Tem bastante origem aqui... Tem o português, tem bastante, tem japonês, tem um ou outro né? E de religião tem, hoje em tudo o lugar tem mais, é religiões, aqui tem bastante crente, tem né? Mas tem maioria católica né? Mas também a gente conhecia é, sistema hoje, nossa, aqui é outro sistema, é diferente. [...] Aqui é, cada um tem o seu sistema né, então aos poucos vão se entendendo né? E, é, eles não são assim festas, que nem tem outra realidade, que eles não vão em festa...eles vão pegá o churrasco, e eles não ficam em festa, né? ¹⁹⁶

Hoelscher demonstra que as maneiras de se festejar naquele espaço eram distintas das estabelecidas na atualidade. Para Hoelscher os sujeitos moradores de São José das Palmeiras não se preocupavam em arrecadar fundos para a comunidade, o objetivo era a diversão. Nesse ponto narra suas experiências voltadas às diferenças culturais, entre os que “eles faziam, e o que nós fazemos”:

Ah, fazia aqueles baile sabe, que nem antigamente sabe, é, entrava ninguém pagava nada [...] só que, só com uma sanfona ou só com um violão, fazer um barulho lá [...] Eles tava, eles são um sistema assim que eles gostavam mais do forró né? [...] Então é, outros já gostavam de joga um baralho, joga um baralho do lado ali né? [...] eles é, fazia aquelas festa que num, que num dava muito retorno sabe, eles o importante era [*festar*]. [...] eles não era assim, um povo assim, que eles é [...] pensava em fazer as coisa sabe, pra mudar, pra aumentar, eles não ...outro sistema né? Que não era o dinheiro (*risos*). ¹⁹⁷

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ HOELSCHER, op. cit.

¹⁹⁷ Ibidem.

Em sua narrativa, destaca a sua posição enquanto ex-presidente da comunidade de São Cristóvão, em São José das Palmeiras. Percebe-se a sua vontade em mudar alguns hábitos e costumes da maioria dos sujeitos da referida comunidade, para que as festas resultassem em recursos para a comunidade.

Hoelscher relata que *Gauchinho* colaborou para essa mudança, motivando-os a buscar patrocinadores. Assim, a narrativa de Hoelscher sobre suas experiências nos eventos em São José trata das transformações na maneira de se fazer e ser no programa e nas festas:

Então é, então gostava do programa dele, [...] e então gostava muito e o povo vinha de tudo que é lado, e até o povo daqui começou, é, primeiro até eles estavam meio afastado assim que eles, eram pessoal diferente, depois eles foram sentindo que, ali realmente, é, tava melhorando muito né? E aí começaram a gostar e, ia mudar o lugar e realmente mudou muito.¹⁹⁸

Nessa direção, ao questionar Hoelscher a respeito de quem estava afastado e quem começou a ir às festas e ao programa, expõe: “[...] O povo de outras origens sabe? Eles têm um outro sistema né?”¹⁹⁹. E descreve: “[...] É... mineiro, goiano, é [...] até o próprio, o origem italiana né? Até origem alemão que não tinha aquele, aquele conhecimento [...]”.²⁰⁰

Hoelscher também falou as impressões de Manuel Canabarro sobre a realização do programa naquela localidade:

Então ele, ele gostou muito e depois ele começô a fazê a festa aqui, ele, ele realmente aqui, ele gosto muito também, né? Porque dava festa muito, muito bem animada, porque ele achava que tinha lugar lá pra baixo que não dava aquela festa, o povo ali era, era um povo lá embaixo já era acostumado, e aqui não, então o povo quando viu aquilo ali, eles começaram, se, senti bem, senti à vontade, a diversão deles, eles, aqui não tinha isso então naquela época.²⁰¹

Após visualizar o sucesso do programa, decidiu-se também contratar o programa para a linha São Cristóvão, onde se acreditava, primeiramente, que talvez não houvesse a participação da população na mesma dimensão que na Linha Codal. A festa realizada em São Cristóvão foi um sucesso, pois a partir da festa realizada em conjunto com o programa foi possível a construção da atual igreja da comunidade de São Cristóvão.

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ Ibidem.

²⁰⁰ Ibidem.

²⁰¹ Ibidem.

Ressalta-se que o lucro das festas se configurava na venda da cerveja e, nesse sentido, na fala de Hoelscher é possível perceber a constituição de identificações para seus participantes a partir da bebida que estes consumiam: “[...] Uns tomavam, outros quase nem tomavam, mais o costume deles era mais acostumado pinga. [...] vieram gente ali, se não tiver pinga, não tomava nem uma, cerveja não tomava”.²⁰²

Interpretações acerca dos habitantes de duas localidades podem ser verificadas também na fala de Quirino Kesler, residente de São José das Palmeiras, que se mostrou arrependido por ter residido na cidade de Pato Bragado, pois lá vivenciou sua falência no ramo da agricultura, além de demonstrar seu descontentamento com relação à população daquele local, ao dizer: “[...] era cada um pra si e cada um se vira [...]”.²⁰³

Em sua fala, Kesler apresenta a seguinte avaliação:

[...] hoje eu me arrependo amargamente de não ter conhecido São José das Palmeiras antes de ir para o Paraguai, ir para o Paraguai foi uma frustração muito grande, não pelo povo, é conhecido um povo diferente [...] porque como vocês conhecem Pato Bragado é quase só origem alemã, italiano e polonês. Seria povos do Sul, o que me dá prazer é ter conhecido o povo nordestino lá no Paraguai, um estilo bem diferente, e uma coisa que marcou muito e quando eu fui pra lá eu consegui aprender um estilo diferente de vida. [...] um ajuda o outro, ali em Pato Bragado era cada um pra si e cada um se vira, ali não. Atravessava o Rio Paraná pra mim dá pra dá carona pra alguém o estilo de vida bem diferente [...] bem diferente uma auto-ajuda, que nem em Pato Bragado aquele povo me fazia falta. Pelo estilo de vida desse povo. E aonde eu cheguei a conhecer Pato Bragado, numa área pequena [...] e não me arrependo de ter vindo pra cá. Hoje se fosse voltar pra Pato Bragado eu preferiria ficar aqui. Por quê? Uma porque o povo é mais de ajudar um ao outro e outra é porque o clima é bem melhor que o clima na beira lago. Eu me sinto feliz de estar morando aqui, e é um paraíso aonde que eu moro. [...] e conhecendo o povo nordestino eu me dava muito bem [...].²⁰⁴

Em relação às suas vivências em São José das Palmeiras, expressa que há mais “ajuda” entre os moradores da localidade. Kesler relata que o nordestino tem um estilo de vida diferente, além de demonstrar a presença clara da comunidade, por sentir-se inserido a São José das Palmeiras. Kesler expressa as diferenças entre os lugares, valorizando a linha Codal onde reside atualmente, pois sente-se inserido nesse espaço, ao contrário de Pato Bragado.

²⁰² Ibidem.

²⁰³ KESLER, op. cit.

²⁰⁴ Ibidem.

Outro aspecto interessante na dinâmica do evento está relacionado às práticas adotadas por Manuel Canabarro na sua organização. Em suas palavras: “[...] O povo vinha. Porque o programa pegou uma fama total! E realmente o programa, no local, ele era, conforme era anunciado. Em cima das regras. Com licença, com ordem, policiamento, segurança, segurança total! Fazia folia à vontade”.²⁰⁵

Sobre a realização do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* em Marechal Cândido Rondon, mais especificamente no bairro Alvorada, Canabarro relata, sobre o grupo dos “saqueiros”, que eram funcionários da Copagril e residentes do bairro:

[...] Por exemplo aí na Copagril [bairro Alvorada], não dava pra fazer uma festa que os saqueiros²⁰⁶ tomavam conta. Tomavam conta, isso era pra acabar com a festa. Aí eu botava o Barrinha. Era o chefe deles, o Barrinha. Colocava uma fita no braço. Pegava o nome de doze pessoas da comunidade e aqueles assim, um cara que era respeitado. Assim, mandava guardar as arma, e na delegacia e pegava nome por nome. E o delegado assinava em baixo. Aí eu lá eu ia, o funcionamento do bairro, a festa vai funcionar de tal maneira. Fulano e fulano, eu disse meu Deus do céu! Colocaram o Barrinha. Um saqueiro comandando a festa! Vocês são bobo, ele vai cuidar dos saqueiros, por que eles respeitam só ele. Se um saqueiro querer brincar. Eles contrata os saqueiro, segunda-feira ele manda pra rua. E daí pra não perder o emprego não brigava na festa. E ele era o chefe. Tinha dado, uns dão ponta de faca nos político aí, era bandidão. Mas eu colocava ele na comissão de ordem. [...].²⁰⁷

Canabarro diz que no bairro Alvorada se utilizou de algumas *táticas* para controlar os indivíduos que segundo ele “poderiam acabar com a festa”. O seja, ele não detinha o controle total das festas, pois precisava negociar com sujeitos das localidades:

Aí pra amarrar o povo, era uma ideia pra amarrar a população. Até as quatro, cinco horas pra começar o matinê. Depois que começou o matinê. Meu Deus do céu! Aí não tinha, só por Deus pará. Parava dez horas da noite. Aí bebia cerveja e festava. Tudo com segurança, comissão de ordem. Põe uma fitinha no braço assim. [...] Então a recepção era muito grande. Era muito legal. Então eles iam me esperar na porta. Eu comandava desde o começo. Por exemplo, das nove da manhã até as dez da noite. Até as duas da madrugada, depende o horário. Eu era o primeiro a chegar, e o ultimo a sair. Transmitia o programa e ficava com o microfone o dia inteiro. Fazendo entrevista, levando aqui levando ali. E os cara que tavam olhando bem atravessado, olhando de lado eu procurava chegar neles, microfone sem fio e conversava com eles, no fim todos eram amigo meu, não tinha um inimigo dentro da festa. Por que tem gente, você sabe. É... você é uma moça nova mas você que tem gente aí que te

²⁰⁵ CANABARRO, 2012.

²⁰⁶ Ensacadores da Copagril.

²⁰⁷ CANABARRO, 2012.

engana e tem aquela aparência, ah isso aí não é de nada. Isso aí não vai dá nada, isso aí não vai estudar! Isso aí Deus o livre! É, mas tem gente assim. Então tem gente que eu conhecia. Eu conhecia o mato que eu estava lenhando. Eu conhecia tudo. Eu ia nos cara, nos cara que era quase, inimigo, decretado. Eu procurava trazer comigo. Trazer eles comigo. Eu trazia eles comigo, eu tinha todo o pessoal da comunidade.²⁰⁸

Ou seja, trata-se de uma narrativa que procura minimizar os conflitos. Vale ressaltar que nesses encontros frequentemente ocorriam brigas. Muitos participantes estimulados “pela sede e vontade de entretenimento” ou, muitas vezes, pelo consumo de bebidas alcoólicas acabavam encontrando sujeitos com os quais possuíam conflitos fora dali, ou mesmo por alguma discussão no próprio local.

A respeito das festas em Entre Rios do Oeste, Pedro Nunes afirma que:

Quanto mais o povo aperta mais o baile fica quente, e aquilo ali era pequeno o baile mais dava um baile bão. Viu e não tinha esse negócio de briga coisa e tal, era um povo, sabe como é que é, um povo acolhedor, um povo unido (...) e acho que lá não sei da onde, chegava ali parecia que era da casa, então todo mundo respeitava todo mundo [...].²⁰⁹

Segundo Nunes, não havia conflitos nas festas do bairro Paraíso, em virtude da união estabelecida naquele espaço pelos seus moradores e da recepção aos sujeitos vindos de outros locais, apesar do pavilhão ser pequeno e apertado. A afirmação de Nunes sobre a ausência de desentendimentos soa idealizada, representando uma suposta harmonia comunitária. Pois ao narrar sobre as brigas, logo em seguida, apresenta um elemento positivo das festas, identificando os sujeitos brigões como sendo de outros locais, pois as pessoas do bairro seriam unidas.

Teilor Dressing comenta a maneira utilizada por Manuel Canabarro para conter os desentendimentos e as brigas:

Um negócio interessante que tinha em Guaçú ali perto de Porto Mendes, sei que eu e o Manuel fomos lá e nunca mais vi, um lugar bom para fazer festa, o presidente falou aqui não tem como fazer festa, o Manuel falou aqui tem dois cara, um gordo e um magro, mas toda festa tinha briga, e o Manuel falou, “mas a polícia?”. E o cara “até que eles vêm! tá louco, são trinta quilômetros, até que eles vem é tarde, já brigaram uma três vezes!”. E o Manuel falou que não é que nem hoje, vamos colocar uma comissão de ordem, pessoal da segurança. Pessoal aqui da comunidade mesmo! Que não vamos deixar brigar! Eu vou trazer uns metros de corda e botemos sete, oito homens de segurança e

²⁰⁸ Ibidem.

²⁰⁹ NUNES, op. cit.

amarremos, dá tempo, tem uma árvore lá fora, mas eu, na hora que ele falou eu achei que era brincadeira. Daí fizemos a festa para tocar a festa! Foi feita a festa, quando começou tinha uma meia hora, uma hora, já começaram os dois lá, já estavam os dois quando chegamos, já estavam tomando uns mé! E foi o que aconteceu! Os cara pegaram, quando eu vi o Manuel os cara pegaram, e eu perguntei “o que é isso?”. Eu trouxe 80 metros de corda para amarrar eles hoje, é verdade? E ele, não, é verdade! Brigou e ele falou... não é que amarraram mesmo! Até que chegou a polícia, ficaram duas horas amarrados com corda, não sei se tem, mas tiraram foto dos cara amarrados.²¹⁰

A narrativa sugere que Manuel Canabarro, o *Gauchinho*, possuía autonomia para decidir o que acreditava ser o correto para inibir a violência. Em virtude da ausência de policiais na localidade, Canabarro adotou medidas inusitadas, como amarrar sujeitos, que estavam prestes a brigar, em uma árvore.

As experiências de Sérgio Roberto Batista como participante da programação do *Nossa Terra, Nossa Gente* se dava por meio do convite de algum sujeito da localidade onde seria realizado o evento, em virtude de ser policial. A situação apresentada por ele ocorreu em Margarida, porque embora o *Gauchinho* afirmasse ter o controle do evento, muitas vezes esse controle não era total:

A gente ia pra lá pra almoçar junto. A nossa, a ideia nossa era ficar lá, e ficar uma horas junto com ele, e vinha embora. Nunca ficamos até o final do programa. Mas ficamos mais tempo em São Bernardo – Margarida a pedido dele. Ele tava com medo, tava eu lá e os dois rapazes que trabalhavam comigo, e como ele havia solicitado segurança e segurança não veio então, por ser o Sérgio conhecido na época, né? Que era delegado de uma cidade, ele fez questão de informar que tava lá com seus policiais pra evitar encrenca (*risos*). ... Nesse local toda vida dava briga! E ele era convidado pra fazer o programa todo ano, mas no final sempre dava briga. Não contra o grupo dele, mas o pessoal da casa brigava entre eles lá.²¹¹

Em muitos dos programas e festas, Manuel Canabarro solicitava a presença policial ou de seguranças. É pertinente observar que ele não narra episódios em que necessitou de reforço policial, mas expõe os momentos em que possuiria o controle e o conhecimento para agir da melhor maneira possível frente às situações adversas.

Teilor Dressing aponta, também, que havia algumas pequenas desavenças entre os músicos:

²¹⁰ DRESSING, op. cit.

²¹¹ BATISTA, op. cit.

[...] Ah isso tinha muito! Muitas festas dava aquelas brigas, não tinha o que escapar, Porto Mendes era um lugarzinho de briga até com o conjunto dava, até isso aconteceu, né? Depois daqueles componentes que eu falei, a gente mudou também os componentes, em Marechal tinha um pessoal que também participou do grupo, esse pessoal que eu mencionei antes e daí a gente foi trocando, foi pegando outros músicos, um ou outro era um pouco bravo. E o pessoal da festa incomodava um pouco, sei que dava um rolinho assim com os músicos, mas tudo passageiro! Nada de assim ficar guardando, coisa pesada não!²¹²

Sobre os conflitos, Gladis Cristmann²¹³, que reside em Marechal Cândido Rondon, lembra que:

[...] A gente ouvia pela rádio, por que era transmitida pela rádio, então a gente sabia que era um nível baixo, né? Era um nível assim que a gente não aceita muito, só eu também sei de gente que foi cantar lá e hoje tá bem e foi o início da carreira este programa do Gauchinho. Só que também a gente ouvia que saía muita briga, muita baixaria, muita mulher à toa, homem casado ia lá, então, sabia que tinha bagunça. Mais tinha o lado bom, tem pessoas que começou ali e hoje tá bem.²¹⁴

Cristmann se refere ao evento com certo estranhamento, tendo em vista que ouvia na rádio o que ocorria no evento e também o que outros sujeitos lhe falavam a respeito, compondo a sua representação do público da festa. Segundo ela:

[...] ah de vê outras pessoas comentar né? Nossa, mais fulano, saiu? Ah, fulano não sei o que. Ah só pode que foi no programa do *Gauchinho*! Então era assim sabe? Eu nunca fui então eu não posso afirmar, o que acontecia lá, mais que era mal falado era. [...] Então eu não posso assim afirmar, mais que era baixaria, e ia outras mulher pra ficar com os homem, não era assim comentado, não era nada agradável.²¹⁵

A relação que Cristmann estabelece sobre o programa e as festas está atrelada à marginalidade e a “baixaria”. Como destacado anteriormente, por meio da pesquisa do programa *Frente Ampla de Notícias*, nota-se que há poucas reportagens sobre o programa *Nossa Terra, Nossa Gente* e, mesmo nas existentes, não há referências a brigas, narradas por Gladis Cristmann. O conhecimento de Cristmann poderia ter origem de comentários estabelecidos por moradores do centro da cidade e bairros

²¹² DRESSING, op. cit.

²¹³ Gladis Frank Cristmann. Nascida em 1959, natural do Rio Grande do Sul, dois filhos. Reside no centro da cidade de Marechal Cândido Rondon, filha de agricultores, atualmente dona de casa.

²¹⁴ CRISTMANN, Gladis. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon, dia 25/02/2008.

²¹⁵ *Ibidem*.

próximos de Marechal Cândido Rondon, por sujeitos que preferissem outras atividades de lazer e não se identificavam com essas festas.

Em relação a estes comentários, Manuel Canabarro, por sua vez, apresentou a seguinte percepção da festa:

[...] diz uns velhinho que o programa do Gauchinho vem muita gente à toa, dá muito desquite. Eu digo, sim, mas vocês não falam o lado bom que dá, dá casamento também (*risos*), é isso aconteceu! Aconteceu! Pessoal se conhecer, aprender a se conhecer [...].²¹⁶

O programa *Nossa Terra, Nossa Gente* e as festas proporcionaram diferentes experiências e interpretações, como se pode notar por meio das narrativas dos entrevistados. Mais do que os conflitos, são os aspectos relacionados à existência de uma união entre os membros das comunidades e o auxílio que o evento lhes proporcionava que são sempre destacados.

A dinâmica do programa contribuiu para o sucesso do evento por quase vinte anos. No entanto, a música teve, também, um papel importante para o funcionamento e o sucesso do *Nossa Terra, Nossa Gente*. Nesse sentido, o próximo capítulo versará sobre a produção musical do programa radiofônico e das festas. Analisa-se, desse modo, o LP gravado com as duplas e trios que se apresentaram nos primeiros seis meses do programa, lançado em 1982.

²¹⁶ CANABARRO, 2008.

CAPÍTULO III

PROGRAMA NOSSA TERRA, NOSSA GENTE: PRODUÇÃO MUSICAL

Este capítulo visa analisar o programa radiofônico *Nossa Terra, Nossa Gente* enfatizando a sua produção musical, a partir das narrativas de sujeitos participantes, organizadores, cantores e músicos. Em 1982, ano em que se iniciaram as atividades do programa, houve o lançamento de um LP, gravado nos estúdios da Rádio Difusora e produzido por Manuel Ferreira Canabarro, o *Gauchinho*, que contém participações e músicas de alguns cantores que se apresentavam no programa. Será apresentada uma análise do referido LP e de algumas de suas composições. Ao final, abordam-se interpretações sobre as razões do fim do programa radiofônico.

Segundo os depoentes, o estilo musical que imperava no programa e durante as festas era o chamado *sertanejo raiz*²¹⁷, principalmente, durante a transmissão ao vivo. À tarde tocavam-se também músicas *gauchescas*²¹⁸, *marchinhas alemãs*²¹⁹ e, em determinados momentos, abria-se espaço para pedidos do público, ou seja, dependia do gosto do público onde se realizava o evento. Segundo Alfredo Leopoldo Müller, popular *Alfredinho*: “Sertaneja raiz, totalmente, nas festas era Trio Parada Dura, Milionário e José Rico, Pedro Bento [...] algum xote ou uma vanera, era o pedido, alguma pessoa vinha pedir”.²²⁰

A música *sertaneja raiz* era executada em todos os programas durante a transmissão ao vivo. A música *gauchesca* também era executada, mas tinha pouco espaço na transmissão ao vivo do programa. Por meio da fala dos depoentes, nota-se

²¹⁷ Destaca-se que: “Tradicionalmente a música sertaneja é interpretada por um duo, geralmente de tenores, com voz nasal e uso acentuado de um falsete típico, com alta impedância e tensão vocais mesmo nos agudos que alcança às vezes a extensão de soprano. O estilo vocal se manteve relativamente estável, desde suas primeiras gravações, enquanto a instrumentação, ritmos e contorno melódico gradualmente incorporaram elementos estilísticos de gêneros disseminados pela indústria musical”. (ULHÔA, Martha Tupinambá. *Música Sertaneja e Globalização*. In: Rodrigo Torres (Ed). *Música Popular en América Latina*. Santiago, Chile: Fondart; Rama Latinoamericana IASPM, 1999, p. 47-60. Disponível em: <<http://www.unirio.br/mpb/ulhoatextos/MusicaSertaneja.pdf>>. Acesso em: 07/01/2013).

²¹⁸ As denominações “música gaúcha” ou “música gauchesca” são difíceis de ser classificadas e de associar quais estilos as compõem porque ainda há pouca bibliografia sobre o assunto. A referência de muitos depoentes sobre a música “gauchesca” ou “gaúcha” remete em grande parte aos gêneros musicas e de dança como: *rancheira gaúcha*, *vanera*, *vanerão*, *xote gaúcho*, *valsa gaúcha*. Portanto, será esse o entendimento aqui aplicado, subentendendo-se que tais denominações compartilham de produção ou inspiração em questões identitárias ligadas ao Sul do país.

²¹⁹ Uma breve exposição desse gênero musical foi feita no início do primeiro capítulo.

²²⁰ MÜLLER, op. cit.

que o maior destaque para a música *sertaneja raiz* se deve pelas letras de suas canções, pois apresentam valores e questões locais, como situações do cotidiano no campo, e, principalmente, músicas que falam de romances. Tais elementos indicam que o sucesso do *Nossa Terra, Nossa Gente* não estava atrelado apenas à figura do *Gaúchinho*, mas por questões ligadas à música produzida pelos sujeitos moradores das localidades que se apresentavam no programa e nas festas.

Com relação aos estilos musicais tanto do programa radiofônico quanto das festas, Pedro Nunes comenta:

[...] olha, ali 90% era música sertaneja, né? Um ou outro, um ou outro, cantava uma música gaúcha, né, um ou outro cantava uma música popular, mais eles já num, eles já num apreciava tanto sabe, música popular na época. Mais era sertaneja e gaúcha mesmo, né? Festa, então festa no caso, festa daí, daí quem anima no caso, na época, da hora do programa seria isso né, na hora do momento do programa dele, seria [...] a sertaneja e a gaúcha, mais depois o resto da tarde seria música normal né, música de bandinha, música gaúcha, né? Então ali era normal que nem hoje acontece numa festa.²²¹

Percebe-se que Nunes estabelece a classificação das músicas presentes no evento, ao narrar que eram poucos os que apreciavam a música popular e que os estilos que mais tocavam em Entre Rios do Oeste era o *sertanejo* e os de estilo *gaúcho*.

Nesse sentido, Alfredo Müller, o *Alfredinho*, que se apresentava no programa radiofônico, narra: “São José das Palmeiras foi um local que, principalmente a música sertaneja foi muito bem recebida, e o povo de Entre Rios, o povo gosta muito da música sertaneja, música sertaneja raiz”²²². Compartilhando, em partes, dessa afirmação, Alípio Hoelscher afirma que em São José das Palmeiras a música *sertaneja raiz* estava presente somente no programa ao vivo, e que no transcorrer do evento prevalecia a música *gauchesca*, mas também que se tocava muito *forró*²²³ em São José das Palmeiras.²²⁴

²²¹ NUNES, op. cit.

²²² MÜLLER, op. cit.

²²³ “O termo é uma derivação de forrobodó, que segundo o Dicionário Aurélio, seria "Arrasta-pé, farra, troça, confusão, desordem". Seguindo esta caracterização, o estudioso Camara Cascudo definiu o forró como "baile reles, de segunda categoria". Uma outra designação que foi utilizada durante muito tempo, foi a que definia forró como uma corruptela de "Fol all", bailes populares promovidos segundo alguns, pelos americanos em suas bases no Nordeste durante a segunda guerra mundial. Seja como for, o termo designa um tipo de baile popular nordestino, animado por sanfona pé-de-bode, de oito baixos, executando os diferentes ritmos locais, como o xaxado, o xamego, o xote, o baião e outros. [...]” (DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira”. *Forró – Dados Artísticos*. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/forro/dados-artisticos>>. Acesso em: 05/05/13).

²²⁴ HOELSCHER, op. cit.

Protásio Wolfart, que se apresentou com sua banda em diversos eventos da região, narra que o ritmo/dança *xote* era muito presente nas festas em São José das Palmeiras por ser semelhante ao *forró*²²⁵. Nota-se, dessa forma, que o gênero musical mudava conforme a localidade e seu público.

Pedro Nunes, integrante juntamente com Márcia Leobens e Teilor Dressing do conjunto musical *Os Fandangueiros*, – grupo contratado para se apresentar no programa *Nossa Terra, Nossa Gente* e nas festas –, afirma que as músicas que faziam parte do repertório da banda constituíam-se da seguinte maneira: “[...] 90% era mais música gaúcha. Mais sabe como é que é, ali música gaúcha, é Vaneira, Valsa, Rancheira, Xote e Marchinha, então, isso é o que sai na música gaúcha”.²²⁶

Nunes em sua fala apresenta novamente a classificação musical, porém de maneira distinta, pois primeiramente expôs a música *sertaneja* e a *gauchesca*, mas nesse momento enfatiza a segunda. No entanto, inclui *marchinha* como sendo “música gaúcha”, um estilo bastante presente segundo os entrevistados, em especial os descendentes de alemães, em sua maioria, vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Os estilos musicais mudavam conforme os gostos do público presente no programa e nas festas, configurando numa miscelânea de estilos que muitas vezes se sobrepunham. Contudo, mesmo com a diversidade cultural dos locais onde era realizado o evento, notam-se certas preferências, como, por exemplo, ao *sertanejo raiz*, estilo que se apresenta com maior destaque na gravação do LP *Nossa Terra, Nossa Gente*.

3.1 – LP *Nossa Terra, Nossa Gente*: experiência e produção musical

Em 1982, foi lançado o LP *Nossa Terra, Nossa Gente* e, ao total, foram produzidas cerca de 1000 cópias²²⁷. A pesquisadora teve acesso a um deles, por meio do contato com *Alfredinho*, residente em Sub-Sede, distrito do município de Santa Helena. A seguir, a capa do LP:

²²⁵ WOLFART, op. cit.

²²⁶ NUNES, op. cit.

²²⁷ FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 82. 08/07/1982.



Figura 01. Capa do LP *Nossa Terra, Nossa Gente*.²²⁸

Fonte: Reprodução – Senaide Wolfart.

Em primeiro plano há uma carroça à frente de uma plantação de soja, e, ao fundo, um menino com um lenço no pescoço, montado num cavalo, puxando uma capinadeira, que está sendo manuseada por um homem de chapéu. Na ficha técnica não há informações sobre a produção da imagem. O trabalho feito com o uso de cavalo, a capinadeira e a carroça sugere que se trata de uma agricultura de pequeno porte. O título *Nossa Terra, Nossa Gente* indica que se trata da valorização do pequeno agricultor, o reconhecimento da *Gente* que trabalha a *Terra*.

A imagem também apresenta uma plantação de soja, cultivo que na região, durante a década de 1980, era realizado com o uso de máquinas. Assim, o que temos é uma composição de uma imagem que remete a um passado, simbolizado pela carroça e a capinadeira puxada pelo cavalo, enquanto que o tipo de planta cultivada situa-se em

²²⁸ *NOSSA TERRA, NOSSA GENTE*. Marechal Cândido Rondon. Estúdios da Rádio Difusora do Paraná. 1982. 1 disco sonoro.

um presente (1982), quando a agricultura é realizada com o uso de máquinas – tratores, colhedoras, pulverizadores de agrotóxicos, etc.

Abaixo apresentamos a contracapa, com imagens dos cantores, as músicas e seus respectivos intérpretes. No lado A: “Homenagem ao homem do campo”, *Trio Topa Parada*; “Meu benzinho”, *Nênito & Nenê*; “Três moças”, *Os Carreiros*; “Volte querida”, *Viana, Valadares e Alfredinho*; “A família do Tomé”, *Zelinho, Zelita & Altamiro*; “Juramento Sagrado”, *Odacir & Odilon*. No lado B: “Cidade de Laginha”, *Os Carreiros*; “Falso Amor”, *Guerrilheiros da Paz*; “Progresso do Abandono”, *Barrafunda, Barrazinho & Banquechi*; “Recordando Sozinho”, *Trio Topa Parada*; “Corcel Dois”, *Maturie & Guairacá*; “Homem Traído”, *Adelir & Adelar*.



Figura 02. Contracapa do LP *Nossa Terra, Nossa Gente*.²²⁹

Fonte: Reprodução – Senaide Wolfart.

Nas imagens das duplas e trios da contracapa do LP *Nossa Terra, Nossa Gente*, há uma diversidade de estilos de vestimentas e de nomes artísticos. Muitos posam para a

²²⁹ *NOSSA TERRA, NOSSA GENTE*. Marechal Cândido Rondon. Estúdios da Rádio Difusora do Paraná. 1982. 1 disco sonoro.

fotografia em pé, outros sentados, muitos estão com vestimentas semelhantes a outros artistas da época. Por exemplo: um dos integrantes do trio *Guerrilheiros da Paz* veste-se com estilo semelhante ao do cantor *Raul Seixas*²³⁰ e à dupla *Léo Canhoto & Robertinho*²³¹, os “hippies” da música *sertaneja*; o trio *Os Carreiros* estão com uma vestimenta típica gaúcha; o *Trio Topa Parada* tem dois de seus integrantes vestidos de terno e outro com traje típico gaúcho, que, aliás, possui também nome semelhante ao trio de música *sertaneja Trio Parada Dura*²³²; uma das músicas da dupla *Maturie & Guairacá*, “Corcel Dois”, faz referência à música “Fusão Preto” do cantor *Almir Rogério*²³³. As fotografias lembram a estética musical e fotográfica de álbuns de cantores, duplas e trios como *Léo Canhoto e Robertinho*, *Trio Parada Dura* e *Milionário & José Rico*.²³⁴

Na contracapa do LP visualiza-se a fotografia de cada dupla e trio e percebe-se que alguns nomes configuram-se numa ligação ao cotidiano em que estão vivendo, a

²³⁰ “Foi o primeiro artista do rock brasileiro a misturar sistematicamente o rock com ritmos brasileiros, principalmente o baião”. (DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira”. *Raul Seixas – Dados Artísticos*. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/raul-seixas/dados-artisticos>>. Acesso em: 28/03/13).

²³¹ “Dupla sertaneja. Cantores. Compositores. Leonildo Sachi, Leo Canhoto - Inhumas, SP - 27/04/1936. José Simão Alves, Robertinho - Água Limpa, GO - 09/02/1944. Léo Canhoto era empresário da dupla Vieira e Vieirinha quando assistiu a Robertinho cantando no Hotel J. Alves, em Goiânia. Convidou-o então para um ensaio e, daí, formou-se a dupla Léo Canhoto e Robertinho, que mudou o panorama da música sertaneja. Eles introduziram um visual completamente diferente do sertanejo tradicional, já que eram cabeludos, usavam óculos escuros e roupas coloridas, numa clara influência do pop americano encarnado por Elvis Preley na segunda fase de sua carreira. Passaram a usar guitarras elétricas, órgãos e contrabaixos. Apareciam nas fotos não mais em cavalos, mas em motos. Em suas músicas a temática era mais urbana do que rural. [...]” (Ibid. *Léo Canhoto & Robertinho – Dados Artísticos*. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/leo-canhoto-e-robertinho/dados-artisticos>>. Acesso em: 28/03/13).

²³² “Trio sertanejo. Cantores. 1ª Formação: Carlos Alberto Mangabinha Ribeiro, Mangabinha - Corinto, MG – 1942. Delmir, Delmon. 2ª Formação: Mangabinha, Elcio Neves Borge, Barrerito - São Fidélis, RJ - 1942 - Belo Horizonte, MG – 1998, Benzito. 3ª Formação: Mangabinha, Florisvaldo Alves Ferreira, Creone - Comendador Gomes Ferreira, MG – 1940, Parrerito. 4ª Formação: Leone, Leonito, Mangabinha. O trio foi criado pelo cantor, compositor e instrumentista Mangabinha em 1973 e contou inicialmente com as participações de Delmir e Delmon. Com essa formação inicial, o trio durou dois anos e lançou três discos pela gravadora Chororó. Em 1975, o trio sofreu alteração em sua formação com as saídas de Delmir e Delmon e com as entradas do cantor e violeiro Barrerito e de Benzito. No mesmo ano lançaram o LP “Castelo de amor”. Em 1976, lançaram o LP “Mineiro não perde o trem”. Até 1987, o Trio gravou cerca de 10 discos pelas gravadoras Chororó e Copacabana. Nesse período foram sucesso nas vozes do Trio as composições “Bobeou a gente pimba”, “As andorinhas”, “Soca pilão”, “Uma vez por mês” e “Panela velha”, entre outras. [...]”. (Ibid. *Trio Parada Dura – Dados Artísticos*. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/trio-parada-dura/dados-artisticos>>. Acesso em: 29/03/2013).

²³³ “Sua primeira gravação foi a música “Triste”, de Sérgio Reis. Em 1978 participou do programa de televisão “Galãs cantam e dançam”, apresentado por Sílvio Santos na TVS. Obteve sucesso gravando no início dos anos 1980 a música “Fusão preto” de Jeca Mineiro e Atilio Versutti, que lhe rendeu discos de ouro, platina e diamante. [...]”. (Ibid. *Almir Rogério – Dados Artísticos*. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/almir-rogerio/dados-artisticos>>. Acesso: 29/03/2013).

²³⁴ “Dupla sertaneja. Cantores. Compositores. Violonistas. Romeu Januário de Matos, o Milionário - Monte Santo, MG - 9/1/1940. José Alves dos Santos, o José Rico - São José do Belmonte, PE - 20/6/1946”. (Ibid. *Milionário e José Rico – Dados Artísticos*. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/milionario-e-jose-rico/dados-artisticos>>. Acesso em: 29/03/13).

exemplo de *Guerrilheiros da Paz e Barrafundada, Barrazinho & Bianquechi*. A grande maioria das músicas do LP remete ao gênero musical *sertanejo*, em contraponto ao que ocorre no programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, no qual, segundo os depoentes, os gêneros presentes eram a música *gauchesca* (*vanerão, xote gaúcho, etc.*) e a música *sertaneja*. As vestimentas das duplas e trios, nas fotografias, fazem referência a cantores, duplas e trios de variados estilos musicais. Rosa Nepomuceno, ao tratar das influências musicais sofridas pela música *sertaneja* ao longo dos anos de 1970, aponta que a dita música *sertaneja raiz* perdeu as características da cultura caipira. Ademais, segundo ela, a dificuldade da definição do que é *música caipira* ou *música sertaneja* compõe um “abismo intransponível”.²³⁵

Muitas das duplas que se apresentaram no programa e nas festas, no decorrer dos anos, foram residir em outras regiões, o que impossibilitou o contato com muitos deles para a realização da pesquisa, tendo em vista, ainda, que alguns já faleceram. Um dos únicos cantores do LP contatado pela pesquisadora foi Alfredo Leopoldo Müller, o *Alfredinho*, do trio *Viana, Valadares e Alfredinho*, contato que ocorreu com a ajuda de Protásio Wolfart.

Alfredinho também narra sobre o destino dos cantores do disco:

[...] quem eu sei que está por aí é o Adelir e Adelar, os Guerrilheiros da Paz eram lá de Toledo, não sei se eles existem ainda, o Negão Pedralli, eu tenho certeza. Os Carreteiros, tenho certeza que ainda estão tocando música, Zelinho e Zelita eu soube que eles estão no Paraguai, mas não sei se eles estão juntos, casado ou não. O Odacir (Oliveirinha) faleceu faz pouco tempo, faz uns três anos, que tava tocando com a gente. O Viana, também, não sei que banda tomou, hoje estamos eu e Valadares aqui em Santa Helena, tocamos várias vezes de novo. O Barrafundada, Barrazinho e Bianquechi, o Barra Funda também foram a óbito, Barrazinho já são falecido, são de Entre Rios, lá perto de Entre Rios, Bianquechi também é de Entre Rios, acho que esse também já faleceu, por que nunca mais ouvi falar do Bianquechi. O trio Topa Parada era lá de Guaíra também não sei, o que se passou com eles. Neninho e Nenê também eram da Rádio Difusora, também trabalhavam lá, também não sei mais. Maturie e Guairacá eram também de São José das Palmeiras, eles cantaram uma música Corcel Dois parece [...] Adelir e Adelar eram lá de Porto Mendes, fizeram uma música muito bonita, “Homem Traído”, é uma música que eu gosto muito de tocar essa música.²³⁶

As letras das músicas do LP *Nossa Terra, Nossa Gente* possuem temáticas diversas. Há críticas à construção da Itaipu, outras falam sobre o cotidiano do pequeno

²³⁵ NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: Editora 34, 1999.

²³⁶ MÜLLER, op. cit.

agricultor, bem como há letras sobre a cidade, carros. Mas a maioria delas tem as histórias de amor como tema. Todas as músicas do LP possuem o acompanhamento do acordeom e do contrabaixo, sendo que apenas três contam com o acompanhamento de viola ou violão.

Tais aspectos, somados à imagem da capa do LP e às vestimentas dos artistas na contracapa e as suas composições, indicam que se trata de uma cultura híbrida. Segundo as considerações de Nestor Canclini, *cultura híbrida* significa a miscigenação cultural, na qual não existe homogeneidade, mas sim valores heterogêneos, não havendo distinções sobre o que é tradicional ou moderno²³⁷. O que se pode observar nas diferentes formas de expressão na produção musical do LP *Nossa Terra, Nossa Gente*.

Considerando essa diversidade, optou-se em abordar apenas as letras das músicas que compõem o LP *Nossa Terra, Nossa Gente* que foram citadas pelos entrevistados.

A gravação do LP com as duplas e trios que melhor cantassem no programa *Nossa Terra, Nossa Gente* é mencionada por Nelmo Leobens como uma vitória desses cantores. *Alfredinho*, que possui uma música gravada no LP, aponta o porquê da gravação e relata que o *Gauchinho*: “[...] quis gravar o LP para divulgar as músicas nossas, e para deixar uma lembrança [...]”²³⁸. Contudo, Elio Winter afirma o seguinte: “Chegamos a gravar um LP com essas duplas sertanejas, mas o disco ficou muito ruim. Foi mal produzido, com equipamentos rudimentares e não podia dar certo mesmo”.²³⁹

Sobre o patrocínio para a gravação do LP, *Alfredinho* diz:

[...] uma parte veio da rádio, da Difusora, outra parece o Rui Kirsten, o Gauchinho também ajudou, o Elio Winter foi que mais patrocinou, outro cara que ajudou a patrocinar foi o Schneidinha da Brahma, ele era vendedor da Brahma, quem bancava o combustível do nosso trio foi o Schneidinha. Ele era o proprietário da Brahma de Marechal Rondon.²⁴⁰

A respeito dos músicos, Pedro Nunes afirmou o seguinte: “[...] eu vi muitas duplas boas, que cantaram no programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, mas ficaram esquecidos, ficaram apagados, muitos deles tão morto hoje [...]”.²⁴¹

Nunes também falou sobre a qualidade das letras de alguns dos músicos:

²³⁷ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

²³⁸ MÜLLER, op. cit.

²³⁹ WINTER, op. cit.

²⁴⁰ MÜLLER, op. cit.

²⁴¹ NUNES, op. cit.

Pra levar pra frente, né, vamos supor, se eu sou um empresário, eu escuto uma música dessas, que nem o *Barra Funda e o Barrazinho* cantaram, se você escuta a letra, é muito, viu é 100% espetacular, essa outra música lá, Fuscão Preto, Corcel 2 (...) também é 100%, mais como não tem um empresário pra pegar essa gente, levar lá ou repassar pra uma dupla profissional lá em cima, né? Regrava, quem sabe em cima disso, eles fossem regravar, os cara iam ganhar muito dinheiro em cima disso, mas num tem, problema, problema é o incentivo, eu vejo tanta coisa errada, eu vejo tanta coisa perdida que nós temos nesse nosso Brasilão aí, porque só tem vez quem tem dinheiro, agora quem não tem dinheiro, minha amiga, é esquecido.²⁴²

Nunes falou também sobre uma música intitulada *Progresso do Abandono*, de autoria de Sebastião Vieira Pinto e interpretada pelo trio *Barrafunda, Barrazinho & Bianquechi*. A música configura numa crítica à construção da barragem da Itaipu Binacional, pois muitos agricultores teriam recebido apenas uma pequena quantia em dinheiro pelas suas terras, que foram inundadas para a formação do lago da hidrelétrica de Itaipu:

“Progresso do abandono”, *Barrafunda, Barrazinho & Bianquechi*.
O homem progredido na ciência transforma o ambiente de viver, destruindo a natureza vai deixando, milhares de famílias perecer.
O projeto de barragem pelos rios, cada um há de maiores proporção.
Da ansiedade de tornar melhor o mundo, vai causando um terrível mal profundo, fracassando o braço forte da nação.
Os colonos que cederam suas terras, ao projeto da Itaipu Binacional, determina seus flagelo comovente. Se projeta nova obra colossal. Sendo eles com direito indenizado. A inflação veio lhes prejudicar. Determina o futuro de seus filho, estão agora padecendo os empecilho, sem conta, sem casa pra morá.
Muitos deles se recusam outras terras, receando o mesmo golpe que recebeu, da maneira que o homem se procede, é provável que isso a acontecer. É tão triste esse quadro comovente, no Brasil de norte a sul podemos ver, continua o progresso do abandono destruindo o sagrado patrimônio, que o próprio homem só promete defender.²⁴³

A busca pelo “progresso” mencionado na letra da música resultou em inúmeras consequências ambientais e também socioculturais, pois muitas famílias foram obrigadas por esse “progresso” a abandonar as suas terras. A música do trio *Barrafunda, Barrazinho & Bianquechi* é lembrada da seguinte maneira por Pedro Nunes:

²⁴² Ibidem.

²⁴³ PINTO, Sebastião Vieira. Progresso do Abandono. Intérprete: Barra Funda, Barrazinho e Bianquechi. In: *NOSSA TERRA, NOSSA GENTE*. Marechal Cândido Rondon. Estúdios da Rádio Difusora do Paraná. 1982. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 3.

Os cara que pra mim hoje foi uma das maiores música feita na época, através da, Bi, Itaipu Binacional, né? Como que é essa música? É, como é que eu vô te falá o nome da música? (*fala sobre a barragem*). É, a música deles, eles falaram sobre a Itaipu Binacional que eles tiraram muita gente daqui [...] coisa e tal, né? A barragem foi tirando gente que tinha pequenas, pequenos agricultor, tinha pouquinho terra, né, hoje, nem, hoje muitas veiz, nenhum deles, muitos deles não têm uma casa pra morar. Que ganharam uma pequena indenização, e vai sair daqui, vai comprar um, querer comprar um lugar melhor, dinheiro não que chegue.²⁴⁴

Nunes recorda alguns cantores que se apresentavam no programa a partir das músicas, chegando a cantar pequenos trechos.

Ao questionar *Alfredinho* sobre as músicas do LP, ele citou a música “Homenagem ao homem do campo”²⁴⁵, fazendo uma comparação com a música “O Progresso do Abandono”:

[...] a música Homenagem ao homem do campo foi feita quando começou aquele problema do negócio da Itaipu, isso foi. Quando formou a Itaipu, eles faziam aqueles alojamento, aqueles, protesto, mesma coisa, essa música do Barrafunda, Barrafunda e Barrazinho se você ouvir ela você vai ver isso é uma realidade. Isso aconteceu e muitas pessoas ficaram no mundo da lua ou nem conseguiram comprar a sua própria casinha por causa disso ali. A Itaipu prejudicou muitas pessoas com isso aí, pouco pago. Como está acontecendo até hoje ainda, hoje o clima mudou de tudo. Hoje ainda a gente está sofrendo por causa disso ali. Eu estou morando aqui faz 43 anos aqui nessa vila, e era pescador na época na margem do rio Paraná, morava lá na linha Guaraní. Então essa música do Barrafunda, Barrazinho e Bianchechi ela é real mesmo.²⁴⁶

Alfredinho apresenta o contexto do período da produção do LP como “o problema do negócio da Itaipu”, e que o trio *Barrafunda, Barrazinho e Bianquenchi*, ao cantar *Progresso do Abandono*, estava protestando contra as desapropriações. As desapropriações foram realizadas entre 1977 e 1982, afetando mais de 40 mil pessoas apenas do lado brasileiro do lago²⁴⁷. O que a música narra é real, segundo *Alfredinho*, a situação de diversas famílias que “ficaram no mundo da lua”, sem ter um lugar para recomeçar, diferente dele, que mesmo ganhando uma mixaria pelas suas propriedades, conseguiu recomeçar.²⁴⁸

²⁴⁴ NUNES, op. cit.

²⁴⁵ A letra dessa música encontra-se nos anexos.

²⁴⁶ MÜLLER, op. cit.

²⁴⁷ SCHREINER, Davi Félix. *Entre a exclusão e a utopia: um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais – região sudoeste/oeste do Paraná*. Tese (Doutorado em História) – USP, São Paulo, 2002.

²⁴⁸ MÜLLER, op. cit.

Como já destacado, a própria nomenclatura do programa radiofônico investe em valores locais. Canabarro apresenta-se como radialista que “descobriu” e/ou “revelou” talentos, questões muito presentes em sua narrativa sobre o programa e sobre a produção do LP. Nessa perspectiva, apresenta-se a seguinte reportagem do programa *Frente Ampla de Notícias*:

[...] Segundo o apresentador e produtor do programa, Manuel Canabarro, o Gauchinho, já está inclusive sendo elaborado o estudo para a produção de mais um LP que por certo repetirá ou suplantarão o sucesso do disco recentemente lançado aqui em Marechal Cândido Rondon, com músicas compostas e interpretadas por nossa gente, de nossa terra.²⁴⁹

Nelmo Leobens também narra sobre a gravação do LP:

Aparecia trovador de outras regiões também, ali pra animar mais as festa né, pra divulgar melhor a festa pra entidade que fazia, pra chamar o público né, pra participar. Então as dupla ali o, não lembro exatamente os nomes, tinha um casal que formou um dupla que depois ele gravou um disco também com as duplas que, diretamente depois do programa. Então eles gravaram um disco com as duplas, cada um tinha que compor uma música.²⁵⁰

Alípio Hoelscher, participante em São José das Palmeiras, também expõe elementos sobre a participação de cantores e a sua procedência: “Aqui de São José tinha o *Barrafunda* né, como é que falava? Eles têm uma dupla também. Formava, vinha, sete ou oito duplas mais de fora do que de casa”²⁵¹. A participação de cantores de outros lugares é relatada por Alípio como resultado de convites feitos por Canabarro.

Entre os cantores que conquistaram o reconhecimento do público, Canabarro cita a dupla *Zelinho & Zelita*, que se apresentava todos os domingos no programa. No entanto, conforme a contra capa do LP, tratava-se de um trio, *Zelinho, Zelita e Altamiro*. A seguir, a letra da música do trio:

“A família do Tomé”, *Zelinho, Zelita & Altamiro*.

Levanta logo meu bem, esquentar a água e passar rápido o café, somos casado temo uma vida bacana, saiba que ninguém se engana com a família de Tomé. Mas os Tomé foram nascido em Pitanga, foi por que as coisa desanda já ergue tudo no pé. Pode ser de faca, seja força ou revolver, qualquer coisa nós resolve, nós enfrenta o que vier.

²⁴⁹ FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 82. 08/07/1982.

²⁵⁰ LEOBENS, Nelmo. Op. cit.

²⁵¹ HOELSCHER, op. cit.

Levanta logo meu bem, esquentando a água e passando rápido o café, somos casados temos uma vida bacana, saiba que ninguém se engana com a família de Tomé.

Eu fui num baile lá no fundo do Miltão na casa do tio João e acabei com o pé. Lá teve o cara que me carçou na pistola, disse ele passe agora dois mangos da minha muié.

Levanta logo meu bem, esquentando a água e passando rápido o café, somos casados temos uma vida bacana, saiba que ninguém se engana com a família de Tomé.

Mas esse cara depois daquele fandango, veio dar uma de tango numa vila em Cascavel, lá perguntaram do que tinha acontecido, ele tinha se esquecido da família de Tomé.

Mas essa letra eu tirei da minha ideia, fazendo rima pra plateia, se põe pra a gente ver o nosso disco da primeira gravação vamos dar de coração pra o locutor de rádio dez.

Levanta logo meu bem, esquentando a água e passando rápido o café, somos casados temos uma vida bacana, saiba que ninguém se engana com a família de Tomé.²⁵²

Zelinho, Zelita & Altamiro gravaram uma música que retrata o cotidiano da família de Zelinho e Zelita, apresentando a origem da família a partir da cidade de Pitanga-PR. Destaca-se o caráter positivo da união dessa família frente às dificuldades, aspectos estes diferenciados da música “Progresso do Abandono” de *Barrafunda, Barrazinho & Bianquechi*, que retrata de maneira bastante crítica a construção da hidrelétrica de Itaipu. E no findar da canção homenageiam Manuel Canabarro como “locutor de rádio dez”.

Ao longo da pesquisa, a pesquisadora não obteve contato com muitos dos cantores que se apresentaram no programa, em virtude de não obter informações sobre onde possam residir atualmente. Muitos depoentes não sabem informar onde possam estar tais cantores. Alfredo Müller, um desses cantores, também diz não saber onde alguns residem. Pedro Nunes relata que muitos cantores que se apresentaram no *Nossa Terra, Nossa Gente* foram esquecidos pela população da região. Contudo, percebe-se nas narrativas dos depoentes que muitos desses cantores são lembrados pelos temas de suas músicas.

²⁵² TOMÉ, Acir. A Família Tomé. Interprete: Zelinha, Zelita e Altamiro. In: *NOSSA TERRA, NOSSA GENTE*. Marechal Cândido Rondon. Estúdios da Rádio Difusora do Paraná. 1982. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 5.

3.2 – Narrativas dos Músicos

A característica principal apontada pelos entrevistados a respeito dos cantores que se apresentavam no período da manhã no programa *Nossa Terra, Nossa Gente* é a de que estes almejavam o “estrelato” na carreira musical ou, simplesmente, tornarem-se conhecidos e reconhecidos na localidade. Arlindo Pedron, residente no município de Mercedes, recorda que:

Daí as dupla, tinha bastante dupla que ele trazia, ou que vinha trajado de gaúcho, pra dançar, pra animar. Daí a equipe depois do almoço, a gente almoçava sempre depois das 12 horas, quando ele ficava tocando e apresentando até na hora que o pessoal almoçava, daí eles almoçava depois, enquanto isso eles animavam a festa até quando ia até aquelas altura. Daí a gente conheceu ele, e participava [...] tinha bastante dupla, tinha o Zelinho e o Zelita, que participava e tocava no programa dele. Oliveira, Oliveirinha, Zé do Morro e Gauchinho, e o Zé da Prata e também tinha o Negão Pedralli.²⁵³

Além do programa *Nossa Terra Nossa Gente*, a Rádio Difusora, em 1982, criou mais um espaço para os músicos da região se apresentar. Trata-se do programa do “Programa Sertanejo Especial”:

Difusora com nova programação a partir de amanhã.

(Assunto para o nosso diretor, jornalista Elio Winter).

Nossa emissora vem conquistando cada vez mais a simpatia dos ouvintes, a confiança dos anunciantes e um campo maior de influência.

A rádio Difusora do Paraná vai indo muito bem e isto enche de orgulho toda a nossa equipe, que vê no público o reconhecimento de seu trabalho.

Mas precisamos sempre melhorar mais, pois o público sempre exige mais e isto nos faz pensar sempre em mudar, melhorar, evoluir.

Por este motivo, a partir de amanhã, dia 1º de junho, estaremos com algumas mudanças no ar.[...]

Outra mudança importante da programação.

Depois da novela, isto é, às 9:00 hrs da noite, **um programa sertanejo especial**, ao vivo, com coordenação de Manuel Ferreira Canabarro – o Gauchinho e uma dupla ou trio por noite. Fomos obrigados a abrir este horário, pois existem bons artistas em nossa região. Que nunca antes tiveram uma boa oportunidade.

Agora o sucesso do programa “Nossa Terra, Nossa Gente”, de todos os domingos, já deu um filhote: o LP que será lançado no clube Aliança, no próximo domingo, dia 6 de junho.

²⁵³ PEDRON, op. cit.

Como já temos mais de 1.000 discos colocados, os artistas deste LP terão uma noite por semana para divulgação de suas novas músicas e seus shows, já que o LP número 2 já está no forno.

Esperamos que nossos ouvintes gostem das novidades que anunciamos para a partir de amanhã, 1º de junho.²⁵⁴

A iniciativa da Rádio em investir em um “programa sertanejo especial” visava dar mais espaço para as duplas e/ou trios que mais se destacavam durante a transmissão ao vivo do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Percebe-se na narrativa de *Gauchinho* a busca pela valorização das “pratas da casa”, acrescentando “[...] que nunca antes tiveram uma boa oportunidade”²⁵⁵ para se apresentarem. Cabe informar não houve nenhuma menção dos entrevistados sobre a gravação do segundo LP.

As apresentações de cantores no programa *Nossa Terra, Nossa Gente* em São José das Palmeiras atraíam muitas pessoas, a exemplo da filha do ex-prefeito da cidade. Quirino Kesler, sobre a apresentação de cantores, relata:

Vinha de toda a região, era muito disputado, às vezes nem dava vaga pra todo mundo se apresentar, né? às vezes se apresentava depois do programa porque não dava espaço na transmissão. [...] às vezes o programa até se estendia, né? [...] Mesmo que se interrompia, a transmissão continuava, dava continuidade na apresentação. [...] Na hora do almoço interrompia e ia embora. [...] Tem o Marafiga que é São José, que se apresentou várias vezes. [...] Teve a filha do Nery [*ex-prefeito da cidade de São José das Palmeiras*] que se apresentou várias vezes aqui também, tem o esqueci o nome. Tem um outro rapaz de São José que também é falecido. Enfim, de toda a região que vinha assim, não guardo porque faz muito tempo né?²⁵⁶

Nelmo Leobens avaliou que o programa era uma maneira barata de se divulgar os artistas locais:

[...] o pessoal interessou em participar, e daí tinha também como ajudar, promover os eventos, e também pra assim promover os futuros artistas regionais, né? [...] Era também um dos objetivos, porque ninguém pagava para participar né? Então os artistas participavam cantando, mostrando os seus talentos através [...] É, instrumento, e cantorias, né?²⁵⁷

Leobens informou que acompanhava sua esposa e filha, que cantavam no programa: “Eu ia também sim, porque eu sempre levava, primeiro levava a Lúcia e

²⁵⁴ FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 86. 30/05/1982. [Grifos nossos].

²⁵⁵ CANABARRO, 2008.

²⁵⁶ KESLER, op. cit.

²⁵⁷ LEOBENS, Pedro. Op. cit.

depois levava a Márcia, como também às vez levava outros colegas, amigos que queriam participar”.²⁵⁸

Não havia seleção para a participação dos cantores no programa radiofônico. Alguns se inscreviam antecipadamente por meio da Rádio Difusora, porém grande parte dos calouros se inscrevia momentos antes do início da apresentação. Havia aqueles que eram os primeiros a se apresentar, sujeitos profissionais no ramo que cantavam no início do programa.

Pelo fato de não haver a seleção de cantores, Márcia Leobens diz que: “[...] entravam em cada fria [...]”²⁵⁹, pois alguns não eram afinados, porém gostariam de participar da programação de alguma maneira, buscando serem ouvidos pelo público. Segundo ela, o *Gauchinho* abria espaço para todos se apresentarem, resultando num programa aberto a todo o público.

Nesse sentido, a narrativa permite também perceber aspectos relacionados às *táticas* de *Gauchinho* no programa:

Eu começava o programa cedo. Até meio-dia transmitia o programa, uma hora apresentava um show com as pratas da casa, aqueles que não cantavam no ar, que eu cortava, cortava daqui, cortava dali. Tinha muita gente ruim, mas fora da rádio podia apresentar. Então depois de tarde: “Vocês cantam muito bem, vou pôr vocês no show das pratas da casa”. Tinha um showzão fora do ar. Fora do ar saía ratinho e outros bichos, saía que não tinha problema nenhum.²⁶⁰

Canabarro expõe claramente a maneira como a apresentação era conduzida, pois no momento em que se percebesse que algum cantor desafinasse, ele desconectava o cabo da transmissão via rádio. Essa ação de Canabarro não é percebida por Pedro Nunes, como podemos ler na sequencia:

Mas ele não podia fazer nada, que na realidade a obrigação dele que não tem, isso acontece pra qualquer um. (...) Se eu estou cantando desafinado, ele não vai fazer nada, porque né, ele tá no horário dele, não tem como ele pegar e cortar né? Então aconteceu muitas vezes que eu vi né, ele deixava rodar, deixava cantar, né, pra não, pra não desfazer ninguém. Então né, acontecia, sempre aqueles, aqueles que da vez se perde. (...) Aconteceu aqui no bairro Paraíso mesmo, né, tinha um irmão do como é que é? O irmão do Ademir um dia ele canta no programa do Gauchinho ali, tocando gaita, daí ele se perdeu lá, ele tava tocando certo, e ele cantou muito ligeiro, ele não se acertou mais. Mas o Manuel Canabarro não fez nada, deixou rodar (...). Que a obrigação dele, ele tá cumprindo o horário dele, tudo bem, é

²⁵⁸ Ibidem.

²⁵⁹ LEOBENS, Márcia. Op. cit.

²⁶⁰ CANABARRO, 2008.

vergonhoso, mas não pra ele, vergonha pra quem se apresenta mal (...) não é verdade? Ele não fazia nada de errado, ele tinha, ele continuava certinho. E quando ele anunciava a pessoa pra se apresentar, ele falava o que dá pessoa ele falava da onde que a pessoa era? (...) Não. Vamos trazer a dupla tal pra Nova Santa Rosa, né? Fulano e fulano, daí os cara chegava, se apresentavam, né, os cara falavam iam tocar tal música e pro, beleza, né? (...) E esse ele sempre fez, nunca deixou de fazer.²⁶¹

Portanto, Nunes não percebia que Manuel Canabarro cortava a transmissão se algum cantor desafinasse. Nunes representa o apresentador como alguém justo, ético, que respeitava os cantores.

Márcia Loebens, cantora da banda *Os Fandangueiros*, afirmou que se, por exemplo, não fosse possível transmitir o sinal para a rádio, pelo local da festa ser muito distante da Rádio Difusora, pelo mau tempo ou por problemas técnicos, não se avisava os calouros que suas apresentações não estavam sendo transmitidas, para que não ficassem chateados e/ou desanimados com a apresentação.²⁶²

Gauchinho narra, também, sobre o destino de alguns cantores:

Olha, teve muita gente que participou, tanto que 10 ou 12, duplas e trios, que cantavam no programa, gravaram. Tem alguém hoje que continua, continua, viraram em artista, estão percorrendo o mundo, e nasceram dentro, dentro do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. João Pinheiro e Dorvalina, grande dupla, que gravou na Globo, e continua fazendo show. E tem outras, que me forçam a memória, o nome, 10 ou 12 duplas tiveram sucesso, nasceram no meu programa, e ali foi léu, jogado a semente e eles cresceram.

E tem uma menina, que hoje se destaca muito bem. A Andreoli, a [...] Andréia Andreoli²⁶³. [...] Ela nasceu dentro do meu programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. E hoje ela é uma cantora, dançarina, do grupo Zezé Di Camargo e Luciano, faz muito tempo, deve de fazer quase dez anos já, e ela segue carreira lá. Muita gente que gravaram no, no meu programa, cantava no meu programa ao vivo, partiram pras gravações e tão gravando. Como tem o Poeta, que já gravou dois CD, grande Trovador, o Poeta. Você talvez conheceu. [...] É, o Poeta continua hoje tocando a sanfona, cantando, é a parte esportiva dele. Alguém se dedica no esporte, no jogo, o outro numa sanfona, numa viola.²⁶⁴

Ao apresentar os cantores do programa radiofônico, *Gauchinho* se posiciona como descobridor musical, revelando talentos, e assim, tal como expunha Elio Winter, realizou um dos objetivos do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. A participação de

²⁶¹ NUNES, op. cit.

²⁶² LOEBENS, Márcia. Op. cit.

²⁶³ Andreia Luiza Andreolli Lodi é, atualmente, *backing vocal* da dupla sertaneja Zezé di Carmargo e Luciano.

²⁶⁴ CANABARRO, 2012.

Andreia Andreolli no programa também é comentada por Gladis Cristmann, moradora de Marechal Cândido Rondon, que destaca a participação e a conquista do sucesso pela cantora como um dos únicos aspectos positivos do programa, ao afirmar: “[...] tudo tem o seu lado positivo. Como eu digo: nada é completamente ruim!”.²⁶⁵

Se a narrativa de Cristmann enfatiza os aspectos negativos, na fala de Pedro Nunes temos outra percepção do programa:

Já era visto que o programa *Nossa Terra, Nossa Gente* era um programa popular, porque não tinha profissional. [...] Era tudo marinho de primeira viagem. Começava a, eu vou cantar lá, chegava tava as portas abertas, ia cantar, se cantava bem ou cantava mal, mais tava lá, né. O importante que você participou, e ele né, ele deixava, sabia que era um programa popular. [...] Então isso era vantagem do Manuel Canabarro, que o eu vejo muita, muitas vezes pessoas, que nem, eu tenho programa na rádio, eu conheço Walter Bassos, conheço muita gente, cara se sente um pouco orgulhoso, querem né, querem, né, querem se aparece, não querem deixa qualquer uma pessoa participa de seu programa.²⁶⁶

Nunes exalta o programa como um evento popular, como um diferencial que contribuiu para o sucesso do evento. Narrou também que algumas duplas deixavam de se apresentar em virtude da grande quantidade de sujeitos que buscavam cantar no programa. Diante disso, fazia-se uma seleção dos participantes, os melhores se apresentavam no período da manhã, no programa ao vivo, e os demais cantavam nas festas realizadas à tarde.

Quanto à maneira como muitos cantores e participantes se deslocavam para o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, Manuel Canabarro afirma o seguinte:

Havia caravana sim, aqueles mais habilitado, que tinha potência, que tinha o poder, ele vinha, eles vinha com carro próprio, o que não tinha carro próprio vinha com os amigos, o, por exemplo de Guaíra, quando começô esse programa, de Guaíra, quando fazia aqui na região de Rondon, o pessoal alugava um caminhão, vinha tudo em cima da carroceria dum caminhão. Fazia aquela... É vinha todo mundo pra festa.[...] e sendo que o proprietário do caminhão ou da lotação, nem cobrava nada. Tudo era festa, tudo era alegria. A despesa dele era só a, a gasolina e os gastos que ele tinha do carro.²⁶⁷

Nesse sentido, *Alfredinho* expõe que: “[...] quem bancava o combustível do nosso trio foi o *Schneidinha*²⁶⁸ [dono da distribuidora Brahma de MCR]”²⁶⁹.

²⁶⁵ CRISTMANN, op. cit.

²⁶⁶ NUNES, op. cit.

²⁶⁷ CANABARRO, 2012.

²⁶⁸ Apelido que se refere ao diminutivo do sobrenome Schneider.

Schneidinha era um dos patrocinadores do programa, além de ter patrocinado o festival Difubrahma, numa parceria com a Rádio Difusora.

Márcia Loebens, além de ter participado do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, também participou de festivais musicais da região entre fins de 1980 e durante 1990, a exemplo do festival Difubrahma. Aos 13 anos, ela iniciou sua trajetória como cantora no programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Aos 14 anos mudou-se para Cascavel para cantar numa banda maior, e, posteriormente, regressou a Entre Rios do Oeste pra integrar o conjunto *Os Fandangueiros*. O motivo de ter deixado de se apresentar no programa *Nossa Terra, Nossa Gente* se deu porque não acreditava que atingiria o sucesso.²⁷⁰

Em parte da entrevista, Márcia Loebens se atém aos detalhes do funcionamento e de sua participação nos festivais de canção que ocorriam na região. Ser reconhecida como cantora era um dos seus maiores objetivos e diz: “[...] as pessoas daqui não dão valor”²⁷¹. Parece que todo seu esforço como cantora desde a infância não “valeu a pena”. Ao relatar sobre suas experiências, esboça que eram muito boas, por ter conhecido muitos lugares, muitas pessoas, mas se fosse hoje não faria mais: “Gosto muito de cantar, mas acho que não vale a pena”.²⁷²

E sua fala, Márcia Loebens destaca sua participação no festival Difubrahma, evento organizado pela Rádio Difusora, sob o patrocínio da distribuidora de cerveja Brahma, de Marechal Cândido Rondon. No *e-mail* de Elio Winter, é mencionado o festival Difubrahma:

[...] **Por outro lado, damos oportunidade aos “artistas” locais se apresentarem.** Tanto com o programa *Nossa Terra Nossa Gente*. Como com o Festival Difubrahma, **sonhávamos em descobrir/revelar algum grande artista nacional**, que pudesse seguir os passos do Walter Basso (que ficou sete meses na Parada Nacional - oito semanas em primeiro lugar).²⁷³

O grande objetivo do festival e do programa radiofônico, segundo Elio Winter, era a “revelação de um grande artista”. Nesses termos, cabe aqui estabelecermos a distinção entre ambos. O *Nossa Terra, Nossa Gente* é raramente citado no programa

²⁶⁹ MÜLLER, op. cit.

²⁷⁰ LOEBENS, Márcia. op. cit.

²⁷¹ Ibidem.

²⁷² Ibidem.

²⁷³ WINTER, op. cit. [Grifos nossos].

Frente Ampla de Notícias, ao contrário do Festival Difubrahma²⁷⁴, que é recorrentemente mencionado.

Por meio do programa *Frente Ampla de Notícias*, encontrou-se uma reportagem²⁷⁵ que versa sobre a assinatura de um contrato da Rádio Difusora com o conjunto *Os Wikings*. Vale ressaltar que o referido grupo musical se trata do já citado *Os Fandangueiros*, pois quando foi contratado por *Gauchinho* para animar o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, a partir de 1989²⁷⁶, o conjunto já havia mudado de nome.

Pedro Nunes narra sobre a formação da banda da seguinte maneira:

Teilor um dia falou: “vamos fazer isso e isso e isso. Vamos!”. Quando nós começamos o grupo os *Fandangueiros*, né? Inclusive nós estreamos o grupo com um bailinho aqui no pavilhão que se chama hoje bairro Paraíso, mais antigamente pavilhão do mutirão.²⁷⁷

A primeira apresentação da banda ocorreu, de acordo com Nunes, no pavilhão do bairro Paraíso, em Entre Rios do Oeste, em 1991. Vale ressaltar que ele era presidente da associação de moradores. A banda acompanhou *Gauchinho* por quatro anos.

Teilor Dressing falou sobre a sua primeira experiência com o programa, ocorrida num evento realizado em Entre Rios do Oeste, no bairro Paraíso:

Eu comecei, foi no domingo tinha o programa aqui no Paraíso²⁷⁸, e nós fomos tocar o matinê à tarde e o seu Manuel me convidou para eu entrar com o conjunto em vez dele apresentar as dupla pela parte da gente, à tarde fazia o matinê, já participava do programa de manhã e cantavam junto com as duplas que apresentava e daí eu sei que nós tocamos o matinê, aí me convidou para ir em São Roque, e partimos daí, daí começou, e foi uns três anos e meio, quatro anos que eu participei [do *Nossa Terra, Nossa Gente*] participava todo domingo, falhava uma ou outra vez [...].²⁷⁹

Na sequência, Teilor Dressing informa que o motivo para que deixasse de participar do programa foi o fato de se sentir preso a esse compromisso, tendo em vista que os músicos da banda almejavam se apresentar em outros lugares, mais distantes.

²⁷⁴ O referido festival era realizado a partir de uma parceria da Rádio Difusora com a distribuidora de bebidas Brahma (sem qualquer relação com a famosa marca homônima), que contando com mais estrutura e apoio, também almejava em descobrir talentos da região.

²⁷⁵ *Festivais da canção de 1984 estão acertados*. FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 103 - 01/12/1983.

²⁷⁶ DRESSING, op. cit.

²⁷⁷ NUNES, op. cit.

²⁷⁸ Bairro Paraíso é um dos conjuntos habitacionais da cidade de Entre Rios do Oeste.

²⁷⁹ DRESSING, op. cit.

Em relação à configuração musical do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, destaca-se que antes da contratação da banda *Os Fandangueiros*, eram os violeiros, duplas e trios que cantavam no período da manhã e que se apresentavam também à tarde nas festas, até o ano de 1989. Relacionado a isso *Alfredinho* diz:

A parte das festas, quando os violeiros tocavam que tipo de festas que eram – [...] eram festas normais tipo as de hoje, que pagam bandas caras sabe, aquela vez não precisava pagar banda. A gente fazia animação na parte da tarde, e ficava até melhor, tinha uma dupla cantando com o microfone, mas tinha uma outra dupla cantando, fazendo um bolinho, animando mais um pessoal lá para o lado de fora, lá na sombra, e era uma coisa muito bonita.²⁸⁰

A narrativa de *Alfredinho* expõe elementos da dinâmica e do desenvolvimento do programa e das festas, pois nota-se que inicialmente o evento utiliza os seus participantes e cantores para animar o evento. E, com o sucesso, alteraram-se algumas características, em especial com a contratação do conjunto *Os Fandangueiros*. Ou seja, houve certa profissionalização, com a melhoria na estrutura musical do programa, já que *Os Fandangueiros* além de animarem as festas faziam o papel de banda de apoio do programa radiofônico, a partir de 1989 até 1993/1994.

3.3 – O término do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*

O *Nossa Terra, Nossa Gente* teve seus últimos momentos de existência após quase 20 anos, no ano 2000. Manuel Canabarro diz que isso ocorreu de maneira súbita, quando recebeu uma proposta de trabalho na Bahia, para atuar como assessor de um advogado, permanecendo lá por dois anos. Ao ser questionado sobre o motivo de sua ida até Salvador, salienta: “Eu fui vê o que a baiana tem. (*risos*)”.²⁸¹

Sobre os motivos da inexistência do programa na atualidade, Nelmo Leobens, que era organizador das festas em Entre Rios do Oeste, disse o seguinte:

Olha, numa maneira sabe, mudou muita coisa assim, o jeito do povo né, hoje inclusive até bailes, poucos lugares onde sai baile bom né, e naquela época saía o povo pareciam que, que tinham mais é, condições de participar, qualquer bailinho que saía ia bem, hoje muitas vez faz baile e não sai tão bem, tem uma, agora por enquanto na comunidade Vista Alegre sai baile bom, é lugar lá, o clube caiu um

²⁸⁰ MÜLLER, op. cit.

²⁸¹ CANABARRO, 2008.

pouco, agora tava começando, últimos bailes tava bom. Então sabe, tem sempre esses altos e baixos né, depende, o momento, a juventude às vez numa hora ela num querem saber muito de baile, outras vez eles vão, às vez de festa num, então sempre tem essas épocas. Desses 50, quase 60 anos eu vi umas, depois volta normal, aí de repente dá uma caída de novo.²⁸²

Para Leobens as atividades de lazer estabelecidas em Entre Rios do Oeste se alteraram ao longo dos anos, pois o programa não terminou do dia para a noite, quando diz: “No fim caiu um pouco e depois, num sei porque às vez a gente também não, não ia mais tanto, em tudo as festas, mais é, o motivo de que acabou não sei porque se era por motivo da rádio [...]”²⁸³. Ele confirma que com o passar dos anos deixou de participar ativamente do evento, com a justificativa relacionada a sua idade, ao dizer “a juventude”.

Márcia Leobens compartilha do que foi dito por Nelmo Leobens, por justificar o motivo em que deixou de participar do programa:

Depois que começou o tempo que as pessoas começaram a enjoar disso, por que iam sempre os mesmos. E o pessoal começou a não pegar mais. Porque a atração da festa era o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Então todo mundo pegava por que chamava a atenção. Só que com o tempo as pessoas não queriam mais ir, por que ficou aquela coisa rotineira, e por isso acabou, terminou por que não tinha patrocínio, não conseguia mais patrocínio.²⁸⁴

Em relação a estas transformações, Manuel Canabarro relata:

A união que tinha antigamente e não tem hoje. Hoje é um pouco diferente. Hoje tá ruim, o entendimento das pessoas não é como aquela vez. E hoje não se empenham tanto a construí uma igreja, uma escola, um pavilhão, hoje tudo é pedido pra prefeitura, todo mundo deitou nas costa. Hoje as comunidades não faz mais isso, muito difícil uma comunidade fazer festa pra ganhar fundos. Eles têm que trabalhar. Pede pra prefeitura. Se a prefeitura dá hoje, dá amanhã, daí eles não fazem festa. Tem pavilhão aí criado à chumbo. Hoje acabô tudo, mas naquele tempo, 20 anos de funcionamento foi coisa boa! Uma coisa muito boa, a integração entre as comunidade. Então eu entrava com um programa de rádio, anunciava a semana gratuitamente a publicidade. Daí eu tinha o Grugisnki lá na festa. Eu tinha 50% do lucro da festa. Daí nós trabalhava pra dez, mas eu organizava tão bem. Fazia reuniões que eu botava 80, 100 pessoas de homens, mulheres pra trabalhar pra essa festa. A festa não tinha pães nem cucas, nem liquidificador. As donas de casa faziam tudo!²⁸⁵

²⁸² LEOBENS, Nelmo. Op. cit.

²⁸³ Ibidem.

²⁸⁴ LEOBENS, Márcia. Op. cit.

²⁸⁵ CANABARRO, 2008.

A cidade de Marechal Cândido Rondon, na interpretação de Canabarro, hoje vivencia uma “situação ruim”, em comparação ao vivido no período da existência do programa. Isso devido ao esfacelar de uma suposta integração entre as comunidades, além de perder espaço com relação ao poder público. Pois, as relações comunitárias teriam perdido espaço. Além disso, a realização de obras nas sedes das associações comunitárias já não partia da iniciativa privada, das associações de moradores, etc., mas sim da iniciativa pública, do município.

Muitos depoentes apontam como motivo para o término do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* a falta de “união entre as comunidades”, ressaltando que hoje em dia não é como no passado. Ao longo das narrativas de Manuel Canabarro é constantemente citado como o principal mentor do programa, sendo que a Rádio Difusora é raramente mencionada. Portanto, os motivos que poderiam ter contribuído para o término do programa, como o suporte técnico, mudanças na estrutura ou na direção da Rádio Difusora não são expostos pelos depoentes.

Nas narrativas de Manuel Canabarro, percebe-se uma representação de uma comunidade que ficou no passado, ao mencionar acerca da “união entre os povos”. Canabarro apresenta sua concepção sobre a maneira como as pessoas vivem atualmente, que segundo ele, se caracterizaria pelo individualismo exacerbado.

Mesmo assim, Canabarro relata o desejo realizar um projeto semelhante ao programa *Nossa Terra, Nossa Gente*:

Tudo bem! Mas a integração é essa. Eu saí sete anos e já quis começar [...] tem uns *banners* aqui que já foi feito pra isso, pra gente ir lá transmitir, não talvez no horário completo, completo, mais. Mais ou menos em tal lugar tá acontecendo tal lugar, uma dessas eu dou uma chamadinha na programação, já tenho ordem pra fazer isso, mas estou com um pouco de medo, porque tão se matando. Uma dessas pode sobrar uma balinha pra mim também né? Sem querer. Porque geralmente o inocente que leva na cabeça, não é mesmo? É por isso futuramente a gente pode, a gente pode até pode pensar em voltar novamente. Por que é uma integração na comunidade que é uma loucura.²⁸⁶

Além de entender que atualmente as comunidades não seriam tão unidas como no passado, Canabarro indica também a violência presente na região, relacionada ao

²⁸⁶ Ibidem.

tráfico de drogas. Lamentou também a inexistência de eventos semelhantes ao *Nossa Terra, Nossa Gente* que, segundo ele, “uniam as comunidades”.²⁸⁷

A fala de Arlindo Pedron se assemelha a de Manuel Canabarro, ao relatar: “[...] então a gente sente saudade daquele tempo, daí a gente levava a família, levava tudo pra participá e cada vez foi aumentando mais e até hoje. Se tivesse um programa dele, dá bastante saudade”.²⁸⁸

Sobre as festas organizadas pelas comunidades atualmente, Nelmo Leobens diz que em Entre Rios do Oeste houve um corte de horas destinadas à diversão, estabelecido pela prefeitura. Segundo Leobens: “[...] até hoje em dia a licença continua, alguma promoção a comunidade hoje faz, até as 7 ou 8 horas [da noite], e **cortaram**, mas não estou acompanhando ultimamente”.²⁸⁹

Ao retratar o término da programação do *Nossa Terra, Nossa Gente*, Pedro Nunes afirma:

Mais o que falta, né, falta incentivo da própria emissora, das próprias pessoas, vamos supor eu, é, eu não adianta eu querer fazer um programa desse estilo, né, se eu não tenho apoio dos diretores da rádio coisa e tal (...) e outra coisa, eu poderia até fazer, que eu, né, tenho condições, mais eu vou fazer só o quê? Você fazer aqui, bairro Paraíso, Parque Verde, né, então pra mim num, num compensa isso, poderia até conversar, mais como que eu vou divulgar, pra nós ter mais duplas, né, que a frequência da rádio vai até ali, coisa e tal.²⁹⁰

Segundo Elio Winter, o término do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* ocorreu em virtude da saída de Manuel Canabarro da Rádio Difusora²⁹¹. Cabe perceber que embora Elio Winter tenha vendido Rádio, o programa *Nossa Terra, Nossa Gente* permaneceu no ar por mais seis anos. Somente após Canabarro ter se mudado para a Bahia, o programa encerrou as atividades.

Alfredo Leopoldo Muller, o *Alfredinho*, expõe que o término ocorreu por problemas relacionados aos patrocínios:

[...] eu não sei se ele estava com vontade de parar o programa, acho que ele não parou por livre espontânea vontade, por que ele era muito forçado também, e ele ajudava muito as comunidades. Ele foi forçado

²⁸⁷ A partir de pesquisas do *Frente Ampla de Notícias* do ano de 1983, visualizaram-se algumas notícias que apresentam crimes na cidade de Marechal Cândido Rondon, como a existência de contrabando na região.

²⁸⁸ PEDRON, op. cit.

²⁸⁹ LEOBENS, Nelmo, op. cit. [Grifos nossos]. Não foi possível obter mais informações sobre esta ação da prefeitura de Entre Rios do Oeste.

²⁹⁰ NUNES, op. cit.

²⁹¹ WINTER, op. cit.

de repente por pagamento, por que não conseguia o patrocínio que chegava, a rádio eu acho que queria mais, por que era duas horas de música. A rádio acho que queria mais dinheiro e não conseguia o patrocínio. Por que as comunidade não pagava nada, ele pegava os patrocínio pelas firma, para pagar a rádio, eu acho que isso foi o problema que Manuel parou, foi uma pena, por que se ele voltasse, eu tocaria novamente com ele.²⁹²

O fim do programa radiofônico *Nossa Terra, Nossa Gente* ocorreu por diversos motivos, mas para muitos dos entrevistados ocorreu em função de uma “desunião comunitária”. As “festas de igreja” continuam sendo realizadas periodicamente, bem como as festas dos bairros e nas chamadas comunidades interioranas. Assim, o término do programa engloba questões diversas, como por exemplo, problemas internos da Rádio Difusora, como a modificação da programação da Rádio, a queda de patrocínios e, principalmente, em virtude da saída de Manuel Canabarro da Rádio Difusora.

²⁹² MÜLLER, op. cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa foi constante a referência à *comunidade* entre os entrevistados. Em grande parte das narrativas sobre as festas e o programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, há sempre a referência ao auxílio às localidades e a integração entre elas, algo presente principalmente nos dizeres de Canabarro: “[...] Hoje acabô tudo, mas naquele tempo, vinte anos de funcionamento foi coisa boa! Uma coisa muito boa, a integração entre as comunidades”.²⁹³

Essa concepção de *comunidade* foi explorada tanto pela Rádio Difusora quanto por Manuel Canabarro, na realização do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*. Assim, as atividades constituídas em torno de um “bem comum” estão permeadas por interesses diversos, pelas associações das localidades, da Rádio Difusora e de Manuel Canabarro, bem como é um dos aspectos presentes nos discursos de políticos da região.

Muitos depoentes de Entre Rios do Oeste narraram sobre suas experiências também em São José das Palmeiras, expondo que a realização do programa e das festas era semelhante em ambas as cidades. Isso ocorreu também com outros entrevistados, que ao narrar sobre os mais diversos espaços da realização das festas e do programa acabam por juntar suas experiências, em muitos casos, retratando o evento de maneira geral. Destaca-se que mesmo havendo diferenças de um lugar para outro, a organização do programa transmitido ao vivo não se alterava. Mudavam-se aspectos quanto à realização ou não da *Missa Crioula* em determinadores lugares, além de outras atividades realizadas paralelamente ao programa às festas à tarde.

Um dos objetivos presentes na criação do programa era “revelar” cantores da região. Já os líderes de comunidades viam na contratação do programa *Nossa Terra, Nossa Gente* uma forma de atrair maior quantidade de pessoas às festas e arrecadar recursos para, por exemplo, realizar melhorias nos pavilhões.

É praticamente unânime entre os entrevistados a apreciação por Manuel Canabarro, o *Gauchinho*, como um sujeito que sabia “lidar” com o povo, que auxiliava as comunidades, e responsável pelo sucesso do programa por tantos anos. Assim, grande parte das narrativas sobre Canabarro conferem a ele as habilidades necessárias para a realização do evento, mencionando os papéis que desempenhava, desde

²⁹³ CANABARRO, 2008.

organizador, apresentador, produtor musical e, também, participante, que festejava junto com os demais.

Atualmente, *Gauchinho* trabalha como radialista de uma rádio comunitária em Marechal Cândido Rondon, sendo que em muitos momentos de sua narrativa, lamenta o término do programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, que lhe conferia prestígio maior do que atualmente.

A partir da análise das músicas cantadas no programa, presentes no LP, percebe-se que as mesmas tratavam de temáticas variadas. Nas letras de músicas é possível perceber que o programa *Nossa Terra, Nossa Gente* também foi palco de protestos e reflexo de acontecimentos vivenciados pelos cantores, ou/e pela população local, como é o caso, em especial, da música *Progresso do Abandono*, que foi gravada no LP *Nossa Terra, Nossa Gente*. Muitos depoentes demonstraram sua identificação com a composição, em alguns casos, cantando pequenos trechos, pois sua letra expunha problemas relacionados à construção da Hidrelétrica Itaipu Binacional, enfrentados pela população da região.

Muitos entrevistados evidenciaram o quanto ouvir e ver os artistas cantarem era algo maravilhoso. Estar presente no programa era algo novo, diferenciado, podendo-se estar junto dos amigos e familiares desfrutando de um momento de lazer. O evento atraía muitas pessoas, dos mais diferentes lugares, especialmente para assistir as apresentações.

Inevitavelmente as relações sociais mudam com o passar dos anos. Em virtude de questões diversas, práticas antes “comuns” tais como passear, compartilhar uma refeição em família, bem como as formas de lazer e entretenimento tomam outros moldes. O programa *Nossa Terra, Nossa Gente* é fruto de sua época, sua inexistência atualmente é resultado de inúmeras circunstâncias, pois variadas práticas se alteram ao longo dos anos, nada permanece igual, nada é imutável.

O programa *Nossa Terra, Nossa Gente*, como exposto ao longo dessa pesquisa, soube explorar elementos presentes na região para que obtivesse sucesso. Certamente possui objetivos não muito diferenciados de outros programas de auditório, como “revelar” um grande cantor, mas diferencia-se por sua itinerância, e também pela sua dinâmica ao se juntar às festas da região, proporcionando recursos às associações dos locais onde era realizado.

FONTES ORAIS

BATISTA, Sérgio Roberto. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 16/07/2012.

BALKO, Hugo Ewalt. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon, no dia 04/09/2009.

BRUN, Ivar Luiz. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 27/09/2012.

CANABARRO, Manuel Ferreira. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon, dia 22/02/2008.

CANABARRO, Manuel Ferreira. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon, dia 18/08/2012.

CRISTMANN, Gladis Frank. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon, dia 25/02/2008.

DRESSING, Teilor. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 28/04/2011.

HOELSCHER, Alípio João. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em São José das Palmeiras, dia 29/09/2012.

KESLER, Quirino. Entrevista concedida Senaide Wolfart em São José das Palmeiras, dia 30/09/2012.

LEOBENS, Márcia Inês. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 12/09/2010.

LEOBENS, Nelmo. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 15/08/2012.

MARTINS. Etelvina. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Marechal Cândido Rondon, dia 25/02/2008.

NUNES, Pedro Lucivaldo. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 29/09/2012.

MÜLLER, Alfredo Leopoldo. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Subsede, distrito de Santa Helena, dia 04/01/2013.

PEDRON, Arlindo. Entrevista concedida à Senaide Wolfart em Mercedes, dia 17/09/2010.

WOLFART, Protásio Antônio. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 15/08/2012.

WOLFART. Protásio Antônio. Entrevista concedida a Senaide Wolfart em Entre Rios do Oeste, dia 17/07/2011.

FONTES ESCRITAS

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 82. 04/01/1982.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 82. 08/07/1982.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 86. 30/05/1982.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 88. 08/07/1982.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 89. 31/08/1982.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 97. 28/04/1983.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 98. 03/05/1983.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 103 - 01/12/1983.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 131 - 12/01/1986.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 142. Janeiro de 1987.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 145. 06/04/1987.

FRENTE AMPLA DE NOTÍCIAS. Rádio Difusora, Marechal Cândido Rondon. Vol. nº. 161. 05/08/1988.

JORNAL O PRESENTE. Marechal Cândido Rondon, 14/01/1994, ano II – nº. 113. Coluna: Tô de olho.

JORNAL O PRESENTE. Marechal Cândido Rondon, 11/03/1994, ano II – nº. 120.

JORNAL O PRESENTE. Marechal Cândido Rondon, 01/04/1994, ano II – nº. 123.

WILMSEN, Ana Paula; KUNZLER, Maria Cristina. “*Mídia e Memória: estórias dos veículos de comunicação do município de Marechal Cândido Rondon contadas por seus protagonistas*”. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, 2006.

WINTER, Elio. *DIFUSORA - Pesquisa (Programa Nossa Terra, Nossa Gente) Importante*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <senaidewolfart@hotmail.com> em: 06/09/2012.

FONTE SONORA

NOSSA TERRA, NOSSA GENTE. Marechal Cândido Rondon. Estúdios da Rádio Difusora do Paraná. 1982. 1 disco sonoro.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÉS, Phillipe. Por uma história da vida privada. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada: da renascença ao século das luzes*. V. III. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. *A sociedade em rede*. 3a.ed. Trad.de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra. 2003.
- CERTEAU, Michel De. *A Invenção do Cotidiano*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel De; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do Cotidiano: 2: Morar, cozinhar*. 6ª ed. Tradução: ALVES, Ephrain F.; ORTH, Lúcia Endlich: Petrópolis, Vozes, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Editora Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Osmani Ferreira da. *Rádio e Política*. Eduel, Londrina, 2005.
- CORREA, Mariani Bethânia Sampaio. Os primórdios da Imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni P. (org). *O discurso fundador: a construção do país e a formação da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DUARTE, Geni Rosa. *Múltiplas vozes no ar: O rádio em SP nos anos 30 e 40*. 2000. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. 3. ed. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- GUPTA, A. & FERGUSON, J. *Mais além da 'cultura': espaço, identidade e política da diferença*. In: ARANTES, A. A. (org.). *Espaço da diferença*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2000.
- HALBWACKS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- KROTH, Maicon Elias. *As estratégias de produção e transmissão de um programa de rádio de auditório itinerante: estudo de caso do Programa Gente Nossa, da Rádio Venâncio Aires 910 AM*. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Editora Hucitec. 1998.

- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: N° 34, 1992, p. 9-23.
- NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7.ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PAGLIARINI, Raphael. *Experiências e práticas sociais de moradores na constituição do conjunto habitacional São Lucas de Marechal Cândido Rondon (1990-2006)*. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2006.
- PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28.
- PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História oral*. A pesquisa como experimento de igualdade. Projeto História. São Paulo, PUC/ SP, nº14, 1997.
- _____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In *Projeto História*. N. 15. São Paulo: EDUC, 1997.
- RODRIGUES, Vanessa. “Disco music made in brazil”: a redemocratização nos embalos da discoteque. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná, 2002.
- RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 8: Região. Lisboa: Casa da Moeda, 1986.
- _____, Marcel. Migração. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda. vol. 8, 1986.
- RONCAYOLO, Marcel. “Região”. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 8. Lisboa. Imprensa Nacional, 1986.
- SAMUEL, Raphael. *História local e história oral*. Rev. Bras. de Hist. São Paulo, v.9n°19, pp. 219-243. set.89/fev.1990.
- SCHMIDTKE, Eline. *A sociedade civil de Marechal Cândido Rondon e sua compreensão sobre a medida sócio-educativa de prestação de serviço à comunidade: um estudo exploratório*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social). Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus – Toledo, 2008.
- SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo. *Nas Ondas do Rádio: A viabilização da Modernização Agrícola o Oeste do Paraná. (1960-1980)*. 2001. 236 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, 2001.
- SCHREINER, Davi Félix. *Entre a exclusão e a utopia: um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais – região sudoeste/oeste do Paraná*. 2002. Tese (Doutorado em História) – USP, São Paulo, 2002
- SEIBERT, Carlos Alberto. *Os Moradores do Loteamento Ceval na História de Marechal Cândido Rondon (1991–2007): um estudo de caso sobre a formação do setor urbano-industrial frigorífico e a luta por moradia*. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual do Oeste do Paraná Marechal Cândido Rondon, 2008.
- SILVA, Danusa de Lourdes Guimarães da. "Um Pé aqui e outro lá": experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios (Marechal Cândido Rondon/PR - 1990-2010). 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2010.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ULIANA, Márcia B. “*A tradição continua viva no coração de cada gaúcho*”. *Centro de tradições gaúchas Sepé Tiaraju: Pato Bragado (2000-2004)*. 2004. 124f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon, 2004.

_____. *Reler páginas e interpretar falas: Pato Bragado - cidade, identidade e memória (1985-2005)*. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2008.

URNAU, Iraci M. W. *Autoritarismo, Rádio e a Idéia de Nação (1985-1992)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

REFERENCIAS ELETRÔNICAS

BRITO, Eleonora Z. C.; OLIVEIRA, Emerson D. G. *Roberto Carlos no altar de Nelson Leirner*. ArtCultura, Uberlândia, v. 11, n. 19, p. 197-209, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF19/e_brito_19.pdf>. Acesso: 28/12/12.

CARVALHAL, Marcelo Dornelis. *A expansão do capital e a dinâmica territorial do trabalho: O trabalho fabril no oeste paranaense*. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/marcelodorneliscarvalhal.pdf>>. Acesso: 12 de outubro de 2009.

CHARTIER, Roger. “*Cultura Popular*”: revisitando um conceito historiográfico. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>>. Acesso: 13 de abril 2010.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. “*Missa Crioula*” e ideologia. Teocomunicação. Porto Alegre, v.16, n.71/74, p. 22-30, 1986. Disponível em: <<http://dutracarlito.com/missacrioula.pdf>>. Acesso: 28/12/2012.

FÊ Gaúcha. *Missa*. Disponível em: <<http://www.fegaucha.com.br/missa.htm>>. Acesso: 29/12/2012.

LIMA, Michelle Fernandes; MUCHINSKI, Franciane Fernandes. *O Conselho Tutelar: Uma Análise Histórica*. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/.../JA3NWCZ.doc>. Acesso: 13 de maio de 2012.

MEMÓRIA da MPB. *Almirante*. Disponível em: <<http://memoriadampb.multiply.com/photos/album/117>>. Acesso: 03 de fevereiro de 2011.

MICHAELIS. *Distrito*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=distrito>>. Acesso: 15 de outubro de 2009.

MORESCO. Maristela Denise. *Apontamentos geo-históricos sobre a constituição da paisagem do Distrito de Porto Mendes, Marechal Cândido Rondon-PR*. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/issue/view/80/showToc>>. Acesso: 02 de maio de 2012.

NASR, Michelle Fonseca. *A música pomerana capixaba: a festa e casamento e outras reflexões*. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 06. Ano VI. n° 04. p.12. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF21/ARTIGO_11_Michelle_Fonseca_Nasr.pdf>. Acesso: 17/11/2012.

O PRESENTE. *Paço municipal será denominado Arlindo Alberto Lamb*. Disponível em: <<http://www.opresente.com.br/geral/paco-municipal-sera-denominado-arlindo-alberto-lamb-14647/>>. Acesso: 25 de maio de 2012.

PALCO Mp3. Disponível em: <<http://palcomp3.com/>>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História. [online]. 2007, vol. 27, n. 53, pp. 11-23, p. 14-15.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100002&script=sci_arttext>. Acesso: 10 de junho de 2009.

PORTAL Rondon. *Avaliação do SUS aponta Marechal Rondon como a pior do Estado*. Disponível em:

<<http://portalrondon.com.br/noticias/zoom/avaliacao+do+sus+aponta+marechal+rondon+como+a+pior+do+estado/8887>>. Acesso: 21 de março de 2012.

PREFEITURA Municipal de Marechal Cândido Rondon. *Um pouco de História*. Disponível em: <<http://www.mcr.pr.gov.br/nossacidade>>. Acesso: 17 de fevereiro de 2012.

RÁDIO ATLANTIDA FM. Disponível em: <<http://www.atlantidafm.com/atlantida/aradio.php>>. Acesso: 05 de julho de 2011.

RÁDIO DIFUSORA. Disponível em: <<http://www.radiodifusora.com.br/am/index.php>>. Acesso: 05 de julho de 2011.

RÁDIO DIFUSORA. Disponível em: <<http://www.radiodifusora.com.br/fm/>>. Acesso: 05 de julho de 2011.

RÁDIO MARECHAL FM. Disponível em: <<http://www.marechal.fm.br/>>. Acesso: 05 de julho de 2011.

RÁDIO EDUCADORA. Disponível em: <<http://www.radioeducadora.com/educadora/aradio.php>>. Acesso: 05 de julho 2011.

RÁDIO ENTRE Rios FM. Disponível em: <<http://www.entreriosfmcom.com/>>. Acesso: 14 de agosto de 2011.

SANTOS, Christiano Jorge. *Racismo ou Injúria Qualificada*. Disponível em: <<http://www.justitia.com.br/artigos/a35c5x.pdf>>. Acesso: 02 de junho de 2012.

SIMIS, Anita. *A legislação sobre as concessões na radiodifusão*. UNirevista - Vol. 1, nº 3: (julho 2006). Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNirev_Simis.PDF>. Acesso: 28/12/2012.

ULHÔA, Martha Tupinambá. *Música Sertaneja e Globalização*. In: Rodrigo Torres (Ed). *Música Popular en América Latina*. Santiago, Chile: Fondart; Rama Latinoamericana IASPM, 1999, p. 47-60. Disponível em: <<http://www.unirio.br/mpb/ulhoatextos/MusicaSertaneja.pdf>>. Acesso em: 07/01/2013.

ANEXO I



²⁹⁴ FERRARI, Walter Junior. *A expansão territorial urbana de Marechal Cândido Rondon-PR: a produção da cidade a partir do campo*. 2009. 190 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-geografia/dissertacoes/a-expansao-territorial-urbana-de-marechal-candido-rondon-pr-a-producao-da-cidade-a-partir-do-campo>>. Acesso em: 15 de agosto de 2012.

ANEXO II

NOSSA TERRA, NOSSA GENTE. Marechal Cândido Rondon. Estúdios da Rádio Difusora do Paraná. 1982. 1 disco sonoro.

Lado A:

01 - “Homenagem ao homem do campo”, *Trio Topa Parada.*

Obrigado homem do campo,
que luta pela nossa terra,
você é o soldado da roça,
que não desiste da guerra.
Você e seu lar humilde,
nessa rica terra varonil.
Sem vocês queridos lavradores,
que seria do nosso Brasil?

Hoje fico distante de ti,
meu sertão e abençoado.
Já não ouço mais as passaradas,
e o inhambu piando no cerrado.
Quantas noites dormia ouvindo,
o ruído dos fortes motores.
Desbravando o nosso sertão,
apoiando os nossos lavradores.

Meus queridos irmãos lá da roça,
a vocês vai a minha homenagem.
Pra cumprir essas suas missões,
é preciso bastante coragem.
A vocês vai todo o meu carinho,
pois também me criei no sertão.
O destino me trouxe pra longe,
pra cantar a vocês meus irmãos.

02 – “Meu benzinho”, *Nênito & Nenê.*

Estou querendo te dar meu coração.
Estou querendo te dar o meu amor.
Eu queria te dar mais um beijinho
e também quero sentir o seu calor.
Eu queria te dar mais um beijinho
e também quero sentir o seu calor.

Você tem costume de querer me tapear.
Você tem costume de magoar meu coração.
O teu costume é viver de braço em braço.
Igual dinheiro que vive de mão em mão.
O teu costume é viver de braço em braço.
Igual dinheiro que vive de mão em mão.

Você querida não quer o meu amor.
Você querida não quer os meus carinhos.
Minha querida eu quero teu coração,
e só você será o meu benzinho.

03 – “Três moças”, *Os Carreiros.*

Ceguei na casa que tinha três moça,
e todas três era bunitinha,
e a mais velha chamava Iodete,
e a do meio chamava Gracinha.
Fiquei gostando foi da Osmeirinda,
porque era a mais linda e era a caçulinha.
Fiquei gostando foi da Osmeirinda,
porque era a mais linda e era a caçulinha.

E a Iodete não era feia,
mas tinha o rosto cheio de manchinha.
E a Gracinha estava me querendo,
e eu tirei o meu corpo da linha.
Eu namorei foi com a Osmeirinda,
porque era a mais linda e era a caçulinha.

Um Certo dia estava sentado,
tomando fresca em uma varandinha.
Chamei o velho e falei como ele,
ele aceitou as propostas minha.
Eu me casei foi com a Osmeirinda,
porque era a mais linda e era caçulinha.

04 – “Volte querida”, *Viana, Valadares e Alfredinho.*

Estou sofrendo, por te amar e te querer.
Você me desprezou,
me abandonou sem eu merecer.
Eu sempre fui desiludido,
por seu amor sou esquecido,
e hoje sofro sem você me querer.
Te amei demais, sofri também,
por te amar sem ser amado.
E por você estou sofrendo,
meu coração está apaixonado.

Volte querida para os meus braços,
eu sem você sou um fracasso
e não consigo viver assim.
O meu tormento já não tem fim,
quero você juntinho de mim.
Você é jovem e é bonita,
está zombando do meu amor.
Sua beleza se acabando,
você vai sentir está mesma dor.

Volte querida, te peço, por favor.
Meu coração está amargurado,
triste sozinho,desesperado,
sentindo a falta do teu amor.

05 – “A família do Tomé”, Zelinho, Zelita e Altamiro.

Levanta logo meu bem,
esquenta a água e passa rápido o café,
Somos casado temo uma vida bacana,
saiba que ninguém se engana cá família de Tomé.

Mas os Tomé foram nascido em Pitanga,
foi porque as coisa desanda, já ergue tudo no pé.
Pode ser faca, seja força ou revolver,
qualquer coisa nós resolve, nós enfrenta o que vier.

Levanta logo meu bem,
esquenta a água e passa rápido o café,
Somos casado temo uma vida bacana,
saiba que ninguém se engana cá família de Tomé.

Eu fui num baile lá nos fundo do Miltão,
na casa do tio João, e acabei com o arrasta o pé.
Lá teve o cara que me carçou na pistola,
disse ele passe agora dois mangos da minha muié.

Levanta logo meu bem,
esquenta a água e passa rápido o café,
Somos casado temo uma vida bacana,
saiba que ninguém se engana, cá família de Tomé.

Mas esse cara depois daquele fandango,
veio dar uma de tango numa vila em Cascavel.
Lá perguntaram do que tinha acontecido,
se ele tinha se esquecido da família de Tomé.

Levanta logo meu bem,
esquenta a água e passa rápido o café,
Somos casado temo uma vida bacana,
saiba que ninguém se engana, cá família de Tomé.

Mas essa letra eu tirei da minha ideia,
fiz um rima pá platéia, que se punha de pé.
O nosso disco da primeira gravação,
vamo dar de coração pro locutor de rádio dez.

Levanta logo meu bem,
esquenta a água e passa rápido o café,
Somos casado temo uma vida bacana,
saiba que ninguém se engana cá família de Tomé.

06 – “Juramento Sagrado”, Odacir e Odilon.

Estou fazendo um pecado de amar quem não me quer.

Eu tenho dois pensamentos, só em uma que eu tenho fé.

Pobre de quem nesta vida, na velhice não pensou.

Ao viver apaixonado, moreninha que me deixou.

Ao viver apaixonado, moreninha que me deixou.

Levantei um dia cedo,
sem ter lá ela chorando.

Meus velhos depois passados,
deu nervoso, fiquei lembrando.

A minha felicidade foi você quem destruiu.

O juramento sagrado você fez, mas não cumpriu.

O juramento sagrado você fez, mas não cumpriu.

O meu consolo é saber que você se arrependeu.
Sempre chora com saudade de voltar aos braços meu.

Somos duas almas tristes que o destino fez encontrar.

Dois corações solitários, nosso crime é amar.

Dois corações solitários, nosso crime é amar.

Lado B:

01 – “Cidade de Laginha”, *Os Carreiros*.

Essa modinha que fiz,
eu tirei da ideia minha,
de um fato acontecido,
na cidade de Laginha.
Com dois violeiro afamado,
que nesta região tinha.
Era o rei dos cantador
e conquistava as mocinha.

Os dois caboco que falam,
eram mesmo gargantudo,
cantavam e tinha peito,
quem nem galo do topetudo.
Mas eu e meu companheiro,
encontramo dois maluco.
Nóis cantamo duas moda e
os campeão ficô mudo.

Daquela hora em diante,
nois comanda uma festinha,
os violarão Camargo depressa pegou a linha.
Do que se ouvia falar,
da boca dessas mocinhas.
Quem comandou a festança negão,
princesa e pracinha.

02 – “Falso Amor”, *Guerrilheiros da Paz*.

Não me interponho em não dizer que não me
amas.
Não me interponho em dizer que eu não presto.
Sinto ciúmes em ti ver com outro homem,
e eu lembrando de amor puro e honesto.
Abandonaste o nosso lar sem ter motivo,
eu não entendo qual é a sua decisão.
Você parece não ter nada na cabeça,
tem uma pedra no lugar do coração.

Com sua ausência apareceu outra mulher,
bem carinhosa, caprichosa e mais bela.
Com tanto amor abrigou o nosso filho.
Em troca disso dei meus carinhos a ela.
Abandonaste o nosso lar sem ter motivo,
eu não entendo qual é a sua decisão.
Você parece não ter nada na cabeça,
tem uma pedra no lugar do coração.

03 – “Progresso do abandono”, *Barrafunda, Barrazinho, Bianquechi*.

O homem progredido na ciência,
transforma o ambiente de viver,
destruindo a natureza vai deixando,
milhares de famílias perecer.
O projeto das barragem pelos rios,
cada uma tem maiores proporção.
Da ansiedade de tornar melhor o mundo,
vai causando um terrível mal profundo,
fracassando os braços forte da nação.

Os colonos que cederam suas terras,
ao projeto da Itaipu Binacional,
determina seus flagelo comovente.
Se projeta nova obra colossal.
Sendo eles com direito indenizado.
A inflação veio lhes prejudicar.
Determina o futuro de seus filho,
estão agora padecendo os impecilho,
sem volta, sem ter casa pra morá.

Muitos deles se recusam outras terras,
receando o mesmo golpe receber.
Da maneira que o homem se procede,
é provável que isso venha a acontecer.
É tão triste esse quadro comovente,
no Brasil de norte a sul podemos ver.
Continua o progresso do abandono,
destruindo o sagrado patrimônio,
que o próprio homem só promete defender.

04 – “Recordando Sozinho”, *Trio Topa Parada*.

Hoje recordo sozinho, seus lindos carinhos, que
há tempo foi meu.
Recordo uma noite tão bela que em nossa
capela, aquele amor nasceu.
A minha alma ficou pura de felicidade,
mas foi tudo em vão.
Aquilo tudo se acabou,
deixando saudades e recordação.

Portanto, quem ama padece e nunca esquece do
que se passou.
Morreu minha felicidade e ficou na saudade
meu primeiro amor.
Morreu minha felicidade e ficou na saudade
meu primeiro amor.

Pensei que fosse tão feliz, mas felicidade não
nasceu pra mim.
Nosso amor foi como um sonho, que sonhando
acorda e logo chega ao fim.
Seu adeus foi no relento, deixando comigo seu
lindo olhar.

05 – “Corcel Dois”, *Maturie e Guairacá*.

Fiz um pedido e não demora vai chegá,
um corcel dois com a placa de Barretos.
Eu vou sai pelo mundo à procurar,
aquela ingrata que fugiu num fuscão preto.

Se eu encontrar aquela que tanto amo,
eu vou dar meu coração para que fique.
Se com o outro ela foi cheirando álcool,
comigo ela vai vou tomar Uísque.

Corcel dois.
Você também é de aço.
Vem me tira desse fracasso,
dá um fim na minha dor.

Corcel dois.
Você é muito mais bonito.
Seu fuscão preto e maldito,
que levou o meu amor.

06 – “Homem Traído”, *Adelir e Adelar*.

Marcado pelo seu sorriso,
na vida eu sofri demais.
Chorando pelos seus carinhos,
e você não volta atrás.

Meu coração foi ferido
e viver já não sou capaz.
A vida perdeu o sentido,
me sinto um homem traído.
Oh meu deus, preciso de paz.

Se eu pudesse agora,
abraçar teu corpo
e beijar o seu lindo rosto,
eu seria feliz outra vez.

Mulher, você não entende a realidade,
não conhece a dor da saudade,
pois a teu lado tem sempre um freguês.